



dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)



Agustina Bazterrica

Cadáver exquisito



O súbito aparecimento de um vírus letal que ataca os animais de forma irreversível muda o mundo: de animais a animais de estimação, eles devem ser sistematicamente abatidos e sua carne não pode mais ser consumida. Os governos enfrentam a situação com uma decisão drástica: legalizar a criação, reprodução, abate e processamento de carne humana. O canibalismo é lei e a sociedade foi dividida em dois grupos: os que comem e os que são comidos.

Marcos Tejo, gerente geral do frigorífico Krieg, separado da mulher e a cargo do pai, é um burocrata sombrio. No dia em que recebe de presente uma mulher criada para consumo, as tentações o transformam em uma consciência perigosa com dobras truculentas que o levarão a transgredir as novas normas a limites que a sociedade desconhece.

Que resto da humanidade cabe quando os mortos são cremados para evitar seu consumo? Quem é o outro se, realmente, somos o que comemos? Nesta distopia implacável —tão brutal quanto sutil, tão alegórica quanto realista—, Agustina Bazterrica inspira, com o poder explosivo da ficção, sensações e debates altamente atuais.



Agustina Bazterrica

**cadáver
requintado**

ePub r1.0

Titivillus24.03.2018

Agustina Bazterrica, 2017

Editora
digital:
Titivillus
ePub base
r1.2



*Para meu irmão, Gonzalo
Bazterrica*

*O que é visto nunca corresponde ao que é
dito.*

GILLES DELEUZE

*Eles mordem meu
cérebro, bebendo o
suco do meu coração
E eles me contam histórias quando vou
dormir.*

PATRICIO REY E SUAS RODADAS DE RICOTA

1

*...e sua expressão era tão humana, que me
encheu de horror...*

LEOPOLD LUGONES

1

meia carne atordoante Linha de sacrifício. Banho de pulverização. Essas palavras surgem em sua cabeça e o atingem. Eles a destroem. Mas não são apenas palavras. São o sangue, o cheiro denso, a automação, o não pensar. Eles invadem à noite, quando você não está ciente. Ele acorda com uma camada de suor cobrindo seu corpo porque sabe que outro dia de abate de humanos o espera.

Ninguém os chama assim, pensa ele, enquanto acende um cigarro. Ele não os chama assim quando tem que explicar a um novo funcionário como é o ciclo da carne. Poderiam prendê-lo por isso, poderiam até mandá-lo para o Matadouro Municipal e processá-lo. Matá-lo seria a palavra exata, embora não a permitida. Enquanto tira a camiseta encharcada, ele tenta dissipar a ideia persistente de que eles são apenas isso, humanos, criados para serem animais de comida. Ele vai até a geladeira e se serve de água gelada. Ele pega devagar. Seu cérebro avisa que existem palavras que cobrem o mundo.

Há palavras que são convenientes, higiênicas. Jurídico.

Ele abre a janela, o calor o sufoca. Ele fica sentado fumando enquanto respira o ar parado da noite. Com vacas e porcos era fácil. Era um ofício aprendido na geladeira El Ciprés, na geladeira de seu pai, sua

herança. Sim, o grito de um porco sendo virado pode petrificá-lo, mas use protetores auditivos e então se tornou apenas mais um barulho. Agora que ele é o braço direito do chefe, ele tem que controlar e preparar os novos funcionários. Ensinar a matar é pior do que matar. Coloque a cabeça para fora da janela. Respire ar compacto e ardente.

Eu gostaria de ser anestesiado e viver sem sentir nada. Aja automaticamente, olhe, respire e nada mais. Veja tudo, saiba e não diga. Mas as memórias estão, elas ainda estão lá.

Muitos naturalizaram o que a mídia insiste em chamar de

"Transição". Mas não o faz, porque sabe que transição é uma palavra que não mostra quão curto e implacável foi o processo. Uma palavra que resume e cataloga um fato imensurável. Uma palavra vazia. Mudança, transformação, virada: sinônimos que parecem significar a mesma coisa, mas a escolha de cada um deles fala de uma forma única de ver o mundo. Todo mundo naturalizou o canibalismo, ele pensa. Canibalismo, outra palavra que pode causar grandes problemas.

Lembra quando eles anunciaram a existência do GGB. A histeria em massa, os suicídios, o medo. Depois do GGB era impossível continuar comendo animais porque eles contraíam um vírus mortal para humanos. Esse foi o discurso oficial. Palavras com o peso necessário para nos moldar, para suprimir qualquer questionamento, pensa.

Ande pela casa, descalço. Depois do GGB o mundo mudou

forma definitiva. Vacinas e antídotos foram tentados, mas o vírus resistiu e sofreu mutação. Ele se lembra de artigos falando sobre a vingança dos veganos, outros sobre atos de violência contra os animais, médicos na televisão explicando como repor a falta de proteína, jornalistas confirmando que ainda não havia cura para o vírus animal. Ele suspira e acende outro cigarro.

Está sozinho. A mulher dele foi para a casa da mãe.

Ele não sente mais a falta dela, mas há um vazio na casa que não o deixa dormir, que o deixa inquieto.

Pegue um livro da biblioteca. Ele não está mais com sono. Ele acende a luz e está prestes a ler, mas desliga.

Ele toca a cicatriz em sua mão. Ela é velha, não dói mais. Era um porco. Ele era muito jovem, um iniciante,

e acreditava que a carne não deveria ser respeitada, até que a carne o mordeu e quase pegou sua mão. O capataz e os outros não conseguiam parar de rir. Eles batizaram você, disseram a ele. O pai não disse nada. Com aquela mordida deixaram de olhar para ele como filho do dono e ele já fazia parte do grupo. Mas nem esse grupo nem a geladeira El Ciprés existem, ele pensa.

Pegue o celular. Você tem três chamadas perdidas de sua sogra. Nenhuma de sua esposa.

Ele decide tomar banho porque não suporta o calor. Ele liga o chuveiro e coloca a cabeça sob a água fria. Ele quer apagar as imagens distantes, as memórias que persistem. Pilhas de gatos e cachorros queimados vivos. Um arranhão significava morte. O cheiro de carne queimada foi sentido por semanas.

Lembre-se dos grupos com os trajes de mergulho amarelos que percorriam os bairros à noite para matar e queimar qualquer animal que aparecesse em seu caminho.

A água fria cai em suas costas. Ele se senta no chão no chuveiro. Ele balança a cabeça lentamente, mas não pode deixar de lembrar. Houve grupos que começaram a matar pessoas e a comê-las clandestinamente. A imprensa noticiou o caso de dois bolivianos desempregados que foram agredidos, esquartejados e assados por um grupo de vizinhos. Quando ele leu a notícia, ele estremeceu. Foi o primeiro escândalo público e o que instalou na sociedade a ideia de que, afinal, carne é carne, não importa de onde venha.

Ele levanta a cabeça para que a água caia em seu rosto. Ele quer que as gotas deixem seu cérebro em branco. Mas ele sabe que as memórias estão lá, sempre. Em alguns países, os imigrantes começaram a desaparecer em massa. Imigrantes, marginalizados, pobres. Eles foram caçados e, eventualmente, abatidos. A legalização foi realizada quando os governos foram pressionados por uma indústria milionária que estava parada. Frigoríficos e regulamentos foram adaptados. Logo eles começaram a ser criados como gado para suprir a enorme demanda por carne.

Ele sai do chuveiro e se seca, apenas um pouco. Ele se olha no espelho, ele tem olheiras. Ele atribui a uma teoria que foi tentado falar, mas aqueles que o fizeram publicamente foram silenciados. O zoólogo de maior prestígio, que em seus artigos dizia que o vírus era uma invenção, sofreu um acidente oportuno. Ele acredita que é encenado para reduzir a superpopulação. Desde que tomou conhecimento, fala-se da escassez de recursos. Lembre-se dos tumultos

em países como a China, onde pessoas foram mortas pela superlotação, mas nenhuma mídia abordou as notícias por esse ângulo. Quem lhe disse que o mundo ia explodir foi o seu pai: «O planeta vai rebentar, a qualquer momento. Você vai ver, filho, explode ou todos nós morremos com alguma praga. Olha como na China já estão começando a se matar por causa da quantidade que são, não entram. e aqui, Ainda há espaço aqui, mas vamos ficar sem água, sem comida, sem ar. Tudo vai para o inferno." Ele olhou para ele com alguma pena porque pensou que estava dizendo coisas antigas, mas agora ele sabe que seu pai estava certo.

O expurgo trouxe consigo outros benefícios: redução da população, redução da pobreza e havia carne. Os preços eram altos, mas o mercado crescia em ritmo acelerado. Houve protestos massivos, greves de fome, reivindicações de organizações de direitos humanos e, ao mesmo tempo, surgiram artigos, estudos e notícias que afetaram a opinião pública. Universidades de prestígio afirmaram que a proteína animal era necessária para viver, médicos confirmaram que as proteínas vegetais não tinham todos os aminoácidos essenciais, especialistas garantiram que as emissões de gases foram reduzidas, mas a desnutrição aumentou, revistas falaram sobre o lado escuro dos vegetais. As fontes de protesto foram enfraquecendo e casos de pessoas que a mídia disse que estavam morrendo do vírus animal continuaram a aparecer.

O calor continua a sufocá-lo. Ele caminha nu em direção à galeria de sua casa. Não há fluxo de ar. Ele se deita na rede paraguaia e tenta dormir. Lembre-se da mesma publicidade, uma e outra vez. Uma mulher bonita, mas vestida de forma conservadora, serve o jantar para seus três filhos e seu marido. Ele olha para a câmera e diz: "Eu dou à minha família comida especial, a carne de sempre, mas mais rica". Todos sorriem e comem. O governo, o seu governo, decidiu ressignificar aquele produto. Eles apelidaram a carne humana de "carne especial". Deixou de ser apenas "carne" para se tornar "lombo especial", "costela especial", "rim especial".

Ele não diz a ela carne especial. Ele usa as palavras técnicas para se referir ao que é humano, mas nunca se tornará uma pessoa, ao que é sempre um produto. Refere-se ao número de cabeças a serem processadas, ao lote que aguarda no pátio de descarga, à linha de

abate que deve respeitar um ritmo constante e ordenado, ao excremento que deve ser vendido para adubo, à área de abate. Ninguém pode chamá-los de humanos porque seria dar-lhes uma entidade, eles os chamam de produto, ou carne, ou comida. Exceto ele, que gostaria de não ter que chamá-los por nenhum nome.

dois

O caminho para o curtume sempre parece longo. É uma estrada de terra, reta, com quilômetros e quilômetros de campos vazios. Antes havia vacas, ovelhas, cavalos. Agora não há nada, não a olho nu.

O celular toca. Ela puxa para o lado e atende a sua sogra. Ele diz a ela que não pode falar, que está dirigindo. Ela fala baixinho, em sussurros. Ele diz a ela que Cecilia está melhor, mas que precisa de mais tempo, que ainda não pode voltar. Ele não responde. A sogra dele corta.

O curtume o oprime com o cheiro de esgoto com cabelo, sujeira, óleo, sangue, lixo, graxa e produtos químicos. E pelo Senhor Urami.

A paisagem desolada obriga-o a recordar e a perguntar-se, mais uma vez, porque continua nesta linha de trabalho. Ele passou apenas um ano na geladeira El Ciprés, quando terminou a escola. Então ela decidiu ir estudar veterinária com a aprovação e alegria de seu pai. Mas a epidemia do vírus animal surgiu logo depois. Ele voltou para casa porque seu pai havia enlouquecido. Os médicos o diagnosticaram com demência senil, mas ele sabe que seu pai não suportou a Transição. Muitas pessoas se deixaram morrer na forma de depressão aguda, outras se dissociaram da realidade, outras simplesmente se mataram.

Veja o cartaz “Curtimento Hifu. 3km». O Sr. Urami, o proprietário, é um japonês que detesta o mundo em geral e adora peles em particular.

Enquanto ele dirige pela estrada solitária, ele lentamente balança a cabeça porque ele não quer se lembrar, mas ele se lembra. El padre hablando de los libros que lo vigilan por la noche, el padre acusando a los vecinos de ser asesinos a sueldo, el padre bailando con su mujer muerta, el padre perdido en el campo, en calzoncillos, cantándole el himno nacional a un árbol ,
Pai

internado em um asilo, a venda da geladeira para pagar dívidas e não perder a casa, o olhar ausente do pai, ainda hoje, quando o visita.

Ele entra no curtume e sente um golpe no peito. É o cheiro de produtos químicos que interrompem o processo de degradação da pele. É um cheiro sufocante. Todos trabalham em completo silêncio. À primeira vista, parece quase transcendental, um silêncio zen, mas é por causa do Sr. Urami, que observa do alto do escritório. Ele não apenas espia e verifica os funcionários, ele tem câmeras em todos os lugares.

Vá até os escritórios. Você nunca tem que esperar. Ele é invariavelmente recebido por dois secretários japoneses que, sem perguntar se ele quer, lhe servem chá vermelho em uma xícara transparente. Lord Urami não olha para as pessoas. Ele mede. Ele sempre sorri e sente que quando o Sr. Urami olha para ele, ele está realmente calculando quantos metros de pele ele pode limpar se o abater, esfolar e desossar no local.

O escritório é sóbrio, elegante, mas na parede está pendurada uma reprodução barata do Juízo Final de Michelangelo. Ele a viu muitas vezes, mas só nesse dia percebe que há um personagem segurando uma pele esfolada. Lord Urami o observa, olha para seu rosto perplexo e, adivinhando seus pensamentos, diz-lhe que ele é um mártir, São Bartolomeu, que morreu esfolado, o que ele pensou ser um detalhe colorido. Ele balança a cabeça sem dizer uma palavra porque parece um detalhe desnecessário.

Lord Urami fala, declama como se estivesse revelando uma série de verdades imensuráveis para um grande público. Seus lábios brilham com sua saliva, ele tem lábios de peixe ou sapo. Há alguma umidade e tecelagem. Há algo enguia em Lord Urami. Ele só

consegue olhar em silêncio porque, em essência, é o mesmo discurso que ele repete para ele todas as vezes que o visita. Ele acha que Lord Urami precisa reafirmar a realidade com palavras, como se essas palavras criassem e sustentassem o mundo em que ele vive. Ele imagina isso em silêncio, enquanto lentamente as paredes do escritório começam a desaparecer, o chão se dissolve e as secretárias japonesas afundam no ar, evaporam. Ele vê tudo isso porque quer, mas é algo que nunca vai acontecer porque o Sr. Urami fala sobre números, sobre os novos produtos químicos e corantes que ele está testando.

sente falta da pele das vacas. Embora, ele esclarece, a pele humana seja a mais macia da natureza porque seu grão é o menor. Ele pega o telefone e diz algo em japonês. Uma das secretárias entra com uma pasta enorme. Ele abre e mostra a ela diferentes tipos de peles. Ele os toca como se fossem objetos cerimoniais. Ele explica como evitar defeitos devido às feridas que são feitas no lote em trânsito, já que essa pele é mais delicada. Ele olha para a pasta. Esta é a primeira vez que é mostrado. Lord Urami se aproxima dela, mas ele não a toca. Lord Urami aponta um dedo para uma pele muito branca com marcas e diz a ele que é uma das peles mais valiosas, mas que ele teve que descartar uma grande porcentagem por causa das feridas profundas. Ele repete que só pode esconder feridas superficiais. Ele diz que montou aquela pasta especialmente para ele, para mostrá-lo aos que estão na geladeira e aos que estão no incubatório, para que tenham clareza sobre quais peles devem prestar mais atenção. Ele para e puxa uma folha de uma gaveta. Ele o entrega e diz que já enviou o novo desenho, mas que deve ser aperfeiçoado devido à importância do corte na hora da esfolação, que um corte mal feito implica em metros de couro desperdiçado, que o corte tem que ser simétrico. Sr. Urami pega o telefone novamente. Uma secretária entra com um bule transparente. Ele gesticula e a secretária serve mais chá. Ele não quer beber, mas bebe. As palavras do Senhor Urami são medidas, harmoniosas. Eles constroem um mundo pequeno e controlado cheio de fissuras. Um mundo que pode ser fraturado com uma palavra imprópria. Discute a importância essencial do esfolador, se estiver mal calibrado pode rasgar a pele, que a pele fresca que sai da geladeira precisa de mais refrigeração para que a carne subsequente seja menos trabalhosa, da

necessidade de os lotes serem bem hidratados para que a pele não fique ressecada, para evitar que quebre, que você tenha que conversar com os incubatórios sobre isso porque eles não respeitam a dieta hídrica, que a insensibilização tem que ser precisa porque, se eles os abaterem descuidadamente, isso fica depois na pele, que se torna difícil e é mais difícil de trabalhar porque, observa Lord Urami, "tudo se reflete na pele, o maior órgão do corpo". A frase é dita em um espanhol exageradamente pronunciado sem parar de sorrir. Com essa frase ele termina todos os seus discursos e depois faz um silêncio medido. que a pele fresca que eles mandam da geladeira precisa de mais refrigeração para que o posterior desfoque seja menos trabalhoso, da necessidade de os lotes serem bem hidratados para que a pele não fique ressecada, para evitar que ela rache, que é necessário falar com os do incubatório disso porque eles não respeitam a dieta hídrica, que a insensibilização tem que ser precisa porque, se forem abatidos de forma descuidada, fica mais tarde na pele, que fica dura e é mais difícil de trabalhar porque, observa Urami, "tudo se reflete na pele, o maior órgão do corpo". A frase é dita em um espanhol exageradamente pronunciado sem parar de sorrir. Com essa frase ele termina todos os seus discursos e depois faz um silêncio medido. que a pele fresca que eles mandam da geladeira precisa de mais refrigeração para que o posterior desfoque seja menos trabalhoso, da necessidade de os lotes serem bem hidratados para que a pele não fique ressecada, para evitar que ela rache, que é necessário falar com os do incubatório disso porque eles não respeitam a dieta hídrica, que a insensibilização tem que ser precisa porque, se forem abatidos de forma descuidada, fica mais tarde na pele, que fica dura e é mais difícil de trabalhar porque, observa Urami, "tudo

se reflete na pele, o maior órgão do corpo". A frase é dita em um espanhol exageradamente pronunciado sem parar de sorrir. Com essa frase ele termina todos os seus discursos e depois faz um silêncio medido. da necessidade de os lotes estarem bem hidratados para que a pele não fique ressecada, para evitar que ela rache, que é preciso conversar com o incubatório sobre isso porque eles não respeitam a dieta hídrica, que a insensibilização tem que ser preciso porque, se forem abatidos de forma descuidada, fica mais tarde na pele, o que se torna mais duro e mais difícil de trabalhar porque, observa Lord Urami, "tudo se reflete na pele, o maior órgão do corpo". A frase é dita em um espanhol exageradamente pronunciado sem parar de sorrir. Com essa frase ele termina todos os seus discursos e depois faz um silêncio medido. da necessidade de os lotes estarem bem hidratados para que a pele não fique ressecada, para evitar que ela rache, que é preciso conversar com o incubatório sobre isso porque eles não respeitam a dieta hídrica, que a insensibilização tem que ser preciso porque, se forem abatidos de forma descuidada, fica mais tarde na pele, o que se torna mais duro e mais difícil de trabalhar porque, observa Lord Urami, "tudo se reflete na pele, o maior órgão do corpo". A frase é dita em um espanhol exageradamente pronunciado sem parar de sorrir. Com essa frase ele termina todos os seus discursos e depois faz um silêncio medido. Isso é mais tarde perceptível na pele, que se torna difícil e mais difícil de trabalhar porque, observa Lord Urami, "tudo se reflete na pele, o maior órgão do corpo". A frase é dita em um espanhol exageradamente pronunciado sem parar de sorrir. Com essa frase ele termina todos os seus discursos e depois faz um silêncio medido. Isso é mais tarde perceptível na pele, que se torna difícil e mais difícil de trabalhar porque, observa Lord Urami, "tudo se reflete na pele, o

maior órgão do corpo". A frase é dita em um espanhol exageradamente pronunciado sem parar de sorrir. Com essa frase ele termina todos os seus discursos e depois faz um silêncio medido.

Ele sabe que não precisa falar, apenas acenar com a cabeça, mas há palavras que atingem seu cérebro, acumulam, o violam. Eu gostaria de dizer atrocidade, inclemência, excesso, sadismo. Gostaria que essas palavras rasgassem o sorriso do Senhor Urami, perfurassem o silêncio regulado, comprimissem o ar até sufocar.

Mas ele permanece sem palavras e sorri.

Lord Urami nunca o acompanha até a saída, mas desta vez ele desce com ele. Antes de sair, eles ficam ao lado de um tanque de calagem. O Sr. Urami controla um funcionário que traz peles que ainda têm pelos. Devem ser de um incubatório, pensa ele, porque os da geladeira são entregues completamente descascados. Gestos do Senhor Urami. O gerente aparece e começa a gritar com um operador que está tirando pele fresca. Parece que você está fazendo isso errado. Para justificar a aparente ineficiência do funcionário, o gerente tenta explicar ao Sr. Urami que o rolo da máquina de carne quebrou e que eles não estão acostumados com a carne manual. Lord Urami o interrompe com outro gesto. O gerente faz uma reverência e sai.

Então eles caminham para o tambor de bronzeamento. Lord Urami para e diz a ele que ele quer peles negras. Só isso, sem explicações. Ele mente para ela e diz que um lote está chegando em breve. Lord Urami acena com a cabeça e o cumprimenta.

Toda vez que ele sai do prédio tem vontade de ficar para fumar um cigarro. Um funcionário sempre vem até ele e lhe conta coisas terríveis sobre o Sr. Urami. Rumores dizem que ele assassinou pessoas e as esfolou antes da Transição, que as paredes de sua casa estão cobertas de pele humana, que ele tem pessoas em seu porão e que lhe dá grande prazer esfolá-las vivas. Ele

não entende por que os funcionários lhe dizem essas coisas. Tudo é possível, ele pensa, mas a única coisa que ele sabe com certeza é que Lord Urami administra seus negócios com um reino de terror e que funciona.

Saia do curtume e sinta alívio. Ele se pergunta mais uma vez por que se expõe a isso. E a resposta é sempre a mesma. Você sabe por que você faz este trabalho. Porque ele é o melhor e pagam-lhe como tal, porque não sabe fazer mais nada e porque a saúde do pai assim o exige.

Às vezes é preciso carregar o peso do mundo.

3

Eles trabalham com várias fazendas, mas ele inclui no circuito da carne aquelas que fornecem o maior número de cabeças. Antes trabalhavam com o incubatório Guerrero Iraola, mas o produto perdia qualidade. Algumas cabeças dos lotes que eles governavam eram violentas, e quanto mais violentas, mais difícil de atordoar. Ele visitou o incubatório de Tod Voldelig quando teve que realizar a primeira operação, mas é a primeira vez que o inclui no tour da carne.

Antes de entrar, ele liga para a casa de repouso do pai. Ele é atendido por Nélida, uma mulher que lida com coisas que realmente não lhe interessam com uma paixão exagerada. Sua voz é elétrica, mas por baixo ele sente um cansaço que a corrói, a consome. Ela diz a ele que o pai está bem. Dom Armando o chama. Ele diz a ela que vai visitá-lo em breve, que já transferiu o dinheiro daquele mês. Nélida diz-lhe querido, não te preocupes, querido, Don Armando é estável, com as suas coisinhas, mas estável. Ele pergunta a ela se por petiscos ela quer dizer episódios. Ela diz a ele para não se preocupar, nada que não possa ser tratado.

Ele desliga e fica no carro por alguns minutos. Procure o telefone da irmã dela. Ele vai chamá-la, mas se arrepende.

Entrar no incubatório. El Gringo, o proprietário, diz-lhe que o desculpe, que veio um alemão que quer comprar um grande lote, que ele tem que lhe mostrar a fazenda e explicar por que ele não entende nada, é novo no negócio, que ele se apaixonou de uma vez, que não teve tempo de avisá-la. Ele responde que não importa, que os acompanha.

O Gringo é desajeitado. Ele anda como se o ar estivesse espesso demais para ele. Não mede a magnitude de seu corpo. Ele colide com as pessoas, com as coisas. Transpirar. Muito.

Quando o conheceu, achou um erro trabalhar com aquele incubatório, mas o Gringo é eficiente e é um dos poucos que já resolveu vários problemas com os lotes. Ele tem esse tipo de inteligência que não precisa de refinamento.

O gringo o apresenta ao alemão. Egmont Schrey. Eles se cumprimentam com um aperto de mão. Egmont não encontra seus olhos. Ele está com uma calça jeans que parece ter acabado de ser comprada e uma camisa muito limpa. Sapatos brancos. Ele parece deslocado com sua camisa passada e cabelos loiros grudados em seu crânio. Mas Egmont sabe. Ele não diz uma palavra, porque sabe, e aquelas roupas, que só seriam usadas por um estrangeiro que nunca pisou no campo, o ajudam a colocar a distância exata que ele precisa para planejar o negócio.

El Gringo pega o dispositivo de tradução automática. Ele conhece esses dispositivos, mas nunca teve a necessidade de usar um. Ele nunca pôde viajar. Ele percebe que é um modelo antigo, que tem apenas três ou quatro idiomas. El Gringo fala com o aparelho que traduz tudo automaticamente para o alemão. Ele diz que vai lhe mostrar o canil, que eles vão começar com o garanhão. Egmont assente. Ele não mostra as mãos. Ele os tem nas costas.

Eles andam por corredores com gaiolas cobertas. El Gringo explica a Egmont que um incubatório é um grande armazém vivo de carne e levanta os braços como se estivesse dando a ele a chave do negócio. O alemão parece não entender. El Gringo deixa de lado as definições pomposas e passa a explicar as coisas básicas, como manter as cabeças separadas, cada uma em sua gaiola, para evitar episódios de violência, ferir-se ou comer-se. O dispositivo traduz com uma voz feminina mecânica. Egmont assente.

Ele não consegue parar de pensar na ironia. A carne que come carne.

Abra a gaiola do garanhão. No chão há palha que parece fresca e duas lixeiras de metal presas às barras. Um com água. O outro, que está vazio, é para comida. O Gringo fala com o aparelho e explica que ele criou aquele garanhão de um atalho, que ele é da Primeira Geração Pura. O alemão olha para ele com curiosidade. Ele pega seu dispositivo de tradução. Um novo modelo. Ele pergunta qual seria a geração pura. El Gringo explica que os PGPs são as cabeças nascidas e criadas em cativeiro e que não são

eles não têm modificações genéticas nem recebem injeções para acelerar o crescimento. O alemão parece entender e não comenta. El Gringo continua com o acima, que parece interessá-lo mais, e explica que os garanhões são comprados por sua qualidade genética. Que ele o chama de garanhão garanhão, mas tecnicamente não é porque serve as fêmeas, ele as monta. Mas ele diz a ela que o chama de atalho porque detecta as fêmeas que estão prontas para serem fertilizadas. Os restantes garanhões destinam-se a encher as latas de sémen onde o recolhem para inseminação artificial. O dispositivo traduz.

Egmont quer entrar na jaula, mas para antes. O garanhão se move, olha para ele e o alemão dá um passo para trás. El Gringo não percebe o desconforto do alemão. Continue falando. Diz que compra os garanhões em função da conversão alimentar e da qualidade da musculatura, mas que não comprou o seu orgulho, criou-o, esclarece pela segunda vez. Ele explica que a inseminação artificial é essencial para evitar doenças e que permite a produção de lotes mais homogêneos para geladeiras, entre muitos benefícios. O Gringo pisca para o alemão e conclui: só vale a pena o investimento se manusear mais de cem cabeças, porque a manutenção e o pessoal especializado são caros. O alemão fala com o aparelho e pergunta para que eles usam o garanhão, então, que não são porcos ou cavalos, eles são humanos e por que o garanhão os monta, que ele não deveria, que é anti-higiênico. A voz que traduz é a de um homem. Uma voz que parece mais natural. O Gringo ri um pouco desconfortável. Ninguém os chama de humanos, nem aqui, nem onde é proibido. "Não, claro, eles não são porcos, embora geneticamente sejam muito semelhantes, mas não têm o vírus." Há um silêncio. A voz da máquina se quebra.

O Gringo revisa. Ele bate um pouco e a máquina liga. «Este macho tem a capacidade de detectar meus ciúmes silenciosos e os deixa ótimos. Percebemos que se o garanhão as monta, as fêmeas têm uma melhor disposição para a inseminação. Mas ela fez vasectomia para não me engravidar porque tem que ter controle genético. Além disso, é constantemente verificado. Ele está limpo e vacinado. que não deveria, que é anti-higiênico. A voz que traduz é a de um homem. Uma voz que parece mais natural. O Gringo ri um pouco desconfortável. Ninguém os chama de humanos, nem aqui, nem onde é proibido. "Não, claro, eles não são porcos, embora geneticamente sejam muito semelhantes, mas não têm o vírus." Há um silêncio. A voz da máquina se quebra. O Gringo revisa. Ele bate um pouco e a máquina liga. «Este macho tem a capacidade de detectar meus ciúmes silenciosos e os deixa ótimos. Percebemos que se o garanhão as monta, as fêmeas têm uma melhor disposição para a inseminação. Mas ela fez vasectomia para não me engravidar porque tem que ter controle genético. Além disso, é constantemente verificado. Ele está limpo e vacinado. que não deveria, que é anti-higiênico. A voz que traduz é a de um homem. Uma voz que parece mais natural. O Gringo ri um pouco desconfortável. Ninguém os chama de humanos, nem aqui, nem onde é proibido. "Não, claro, eles não são porcos, embora geneticamente sejam muito semelhantes, mas não têm o vírus." Há um silêncio. A voz da máquina se quebra. O Gringo revisa. Ele bate um pouco e a máquina liga. «Este macho tem a capacidade de detectar meus ciúmes silenciosos e os deixa ótimos. Percebemos que se o garanhão as monta, as fêmeas têm uma melhor disposição para a inseminação. Mas ela fez vasectomia para não me engravidar porque tem que ter controle genético. Além disso, é constantemente verificado. Ele

está limpo e vacinado. Uma voz que parece mais natural. O Gringo ri um pouco desconfortável. Ninguém os chama de humanos, nem aqui, nem onde é proibido. "Não, claro, eles não são porcos, embora geneticamente sejam muito semelhantes, mas não têm o vírus." Há um silêncio. A voz da máquina se quebra. O Gringo revisa. Ele bate um pouco e a máquina liga. «Este macho tem a capacidade de detectar meus ciúmes silenciosos e os deixa ótimos. Percebemos que se o garanhão as monta, as fêmeas têm uma melhor disposição para a inseminação. Mas ela fez vasectomia para não me engravidar porque tem que ter controle genético. Além disso, é constantemente verificado. Ele está limpo e vacinado. Uma voz que parece mais natural. O Gringo ri um pouco desconfortável. Ninguém os chama de humanos, nem aqui, nem onde é proibido. "Não, claro, eles não são porcos, embora geneticamente sejam muito semelhantes, mas não têm o vírus." Há um silêncio. A voz da máquina se quebra. O Gringo revisa. Ele bate um pouco e a máquina liga. «Este macho tem a capacidade de detectar meus ciúmes silenciosos e os deixa ótimos. Percebemos que se o garanhão as monta, as fêmeas têm uma melhor disposição para a inseminação. Mas ela fez vasectomia para não me engravidar porque tem que ter controle genético. Além disso, é constantemente verificado. Ele está limpo e vacinado. mas eles não têm o vírus." Há um silêncio. A voz da máquina se quebra. O Gringo revisa. Ele bate um pouco e a máquina liga. «Este macho tem a capacidade de detectar meus ciúmes silenciosos e os deixa ótimos. Percebemos que se o garanhão as monta, as fêmeas têm uma melhor disposição para a inseminação. Mas ela fez vasectomia para não me engravidar porque tem que ter controle genético. Além disso, é constantemente verificado. Ele está limpo e vacinado. mas eles não têm o vírus." Há

um silêncio. A voz da máquina se quebra. O Gringo revisa. Ele bate um pouco e a máquina liga. «Este macho tem a capacidade de detectar meus ciúmes silenciosos e os deixa ótimos. Percebemos que se o garanhão as monta, as fêmeas têm uma melhor disposição para a inseminação. Mas ela fez vasectomia para não me engravidar porque tem que ter controle genético. Além disso, é constantemente verificado. Ele está limpo e vacinado. Mas ela fez vasectomia para não me engravidar porque tem que ter controle genético. Além disso, é constantemente verificado. Ele está limpo e vacinado. Mas ela fez vasectomia para não me engravidar porque tem que ter controle genético. Além disso, é constantemente verificado. Ele está limpo e vacinado.

Vê como o lugar se enche das palavras ditas pelo
Gringo. São
palavras leves, sem peso. São palavras que se misturam
com as outras, o

incompreensível, com a mecânica, dita por uma voz artificial, uma voz que não sabe que todas aquelas palavras podem cobri-la, até sufocá-la.

O alemão olha para o garanhão em silêncio. Parece que no olhar há inveja ou admiração. Ele ri e diz: "Que vida boa ele leva". A máquina traduz. O Gringo olha para ele surpreso e ri para esconder o misto de irritação e nojo. Ele vê como surgem as perguntas que ficam presas no cérebro do gringo: como ele consegue se comparar a uma cabeça?

como você pode desejar ser isso, um animal? Após um longo e incômodo silêncio, o Gringo responde: «Por pouco tempo, quando não servir mais, o garanhão também vai para a geladeira».

O Gringo fica falando como se não pudesse fazer mais nada, está nervoso. Ele observa enquanto gotas de suor escorrem de sua testa, parando, apenas um pouco, nas cavidades de seu rosto. Egmont pergunta se eles falam. Ele diz que é atingido por tanto silêncio. O Gringo responde que desde pequenos estão isolados em incubadoras e depois em jaulas. Que retirem suas cordas vocais e assim possam controlá-las mais. Ninguém quer que eles falem porque a carne não fala. Eles se comunicam, eles se comunicam, mas com uma linguagem elementar. Sabe-se se são frios, quentes, essas coisas básicas.

O garanhão coça um testículo. Na testa tem marcado com ferro quente um T e um V entrelaçados. Está nu, assim como todas as cabeças em todas as incubadoras. Ele tem um olhar turvo, como se a loucura espreita por trás da impossibilidade de pronunciar palavras.

"Ano que vem vou apresentá-lo na Sociedade Rural", diz o Gringo em tom triunfante e ri com um barulho semelhante ao de um rato arranhando uma

parede. Egmont olha para ele sem entender e o Gringo explica que a Sociedade Rural premia as melhores cabeças, das raças mais puras.

Eles andam pelas gaiolas. Ele calcula que haverá mais de duzentos naquele galpão. Não é o único galpão. El Gringo se aproxima dele e coloca a mão em seu ombro. A mão é pesada. Ele sente o calor, o suor daquela mão que começa a molhar sua camisa. O gringo lhe diz em voz baixa:

— Yew, me escute, vou te enviar o novo lote semana que vem.

Carne premium, exportação. alguns vão

Ele sente a respiração irregular perto de sua orelha.

"No mês passado você nos enviou um lote com duas pessoas doentes." A Bromatology não autorizou a embalagem. Nós os jogamos para os Catadores. Krieg mandou avisar que se acontecer de novo ele vai para outro incubatório.

O gringo assente.

— Termino com o alemão e falamos bem.

Ele os leva para o escritório. Não há secretárias japonesas nem chá vermelho aqui, ele pensa. Há pouco espaço e paredes de aglomerado. Ele lhe entrega um panfleto e diz a ela para lê-lo. Ele explica a Egmont que está exportando sangue de um lote especial de fêmeas grávidas. Ele esclarece que este sangue tem propriedades especiais. Ele lê em grandes letras vermelhas que o procedimento reduz o número de horas improdutivas da mercadoria.

Pense: mercadoria, outra palavra que escurece o mundo.

O gringo continua falando. Esclarece que os usos do sangue de mulheres grávidas são infinitos. Que antes o negócio não era explorado porque era ilegal. Que lhe paguem fortunas porque as de quem tira sangue, invariavelmente, acabam abortando porque ficam anêmicas. A máquina traduz. As palavras caem sobre a mesa com um peso desconcertante. El Gringo diz a Egmont que vale a pena investir nesse negócio.

Ele não a responde. Nem o alemão. O Gringo enxuga a testa com a manga da camisa. Eles saem do escritório.

Eles passam pela área onde estão as leiteiras. Eles têm máquinas que chupam seus úberes, como o Gringo os chama. "O leite que sai desses úberes é de primeira classe", ele diz à máquina e oferece um copo a eles enquanto esclarece: "Ordenhado na hora". Egmont prova isso. ele nega com a cabeça. El Gringo diz-lhes

que são baratos e que têm um prazo de validade curto, que se estressam rapidamente e que, quando são inúteis, a carne deve ser enviada para a geladeira que fornece fast food para obter um pouco mais de lucro. O alemão acena com a cabeça e diz "sehr schmackhaft", a máquina traduz "muito saboroso"

Enquanto caminham para a saída, passam pelo galpão das gestantes. Alguns estão em gaiolas e outros estão deitados em mesas, sem braços ou pernas.

Ele desvia o olhar. Ele sabe que em muitos incubatórios aqueles que matam fetos são desqualificados batendo a barriga nas grades, parando de comer, fazendo o que for preciso para que aquele bebê não nasça e morra na geladeira. Como se eles soubessem, ele pensa.

El Gringo acelera o passo e explica as coisas a Egmont, que não consegue ver as grávidas nas mesas.

Na sala ao lado estão as crianças nas incubadoras. O alemão encara as máquinas. Tirar fotos.

El Gringo se aproxima dele. Ele sente o cheiro pegajoso daquele corpo que transpira algo doente.

— O que você me contou sobre Bromatologia me preocupa. Amanhã ligarei novamente para os especialistas para que eles possam verificar e se você conseguir um descartado, me ligue e eu dou desconto.

Os especialistas, ele pensa, estudaram medicina, mas quando se dedicam a checar os lotes nos incubatórios, ninguém os chama de médicos.

— Outra coisa, Gringo, não me poupe mais em caminhões de trânsito. No outro dia recebi dois meio mortos.

O gringo assente.

"Ninguém quer que eles se sentem na primeira classe, mas não os empilhe em cima de mim como sacos de farinha porque eles desmaiam, batem a cabeça e, se morrerem, quem paga?" Além disso, eles se machucam e os curtumes pagam menos pelo couro. O chefe também está descontente com isso.

Ele lhe dá a pasta de Lord Urami.

—Tenha cuidado especial com peles mais claras. Vou deixar esta pasta com as amostras por algumas semanas para que você defina bem os valores, e dê um tratamento especial aos mais caros.

O Gringo fica vermelho.

Eu tomo nota, isso não vai acontecer novamente. Um caminhão quebrou e, para obedecer, empilhei-os um pouco mais do que o normal.

Eles andam por outro galpão. El Gringo abre uma das jaulas. Retire uma fêmea que tem uma corda em volta do pescoço.

Ele abre a boca. Parece que ele está com frio. Tremer.

“Olhe para esses dentes. Totalmente saudável.

Ele levanta os braços dela e abre as pernas. Egmont se aproxima para olhar para ela.

O Gringo fala com a máquina:

—É preciso investir em vacinas e remédios para mantê-los saudáveis. Muitos antibióticos. Todas as minhas cabeças estão com os papéis em dia e em ordem.

O alemão olha para ela com concentração. Ele se vira, se agacha, olha para os pés dela, abre os dedos. Ele fala ao aparelho que traduz:

"Este é um da geração purificada?" O Gringo reprime um sorriso.

— Não, isso não é da Geração Pura. Este foi geneticamente modificado para crescer muito mais rápido e é complementado com alimentos especiais e injeções.

"Mas isso muda o seu gosto?"

"São muito gostosos. Claro, os PGPs são carnes de alta qualidade, mas a qualidade deles é excelente.

El Gringo pega um dispositivo que parece um tubo.

Ele os conhece. Eles os usam

na geladeira. Ele coloca a ponta do dispositivo no braço da fêmea. Ele aperta um botão e a fêmea abre a boca com um gesto de dor. Ele tinha uma ferida milimétrica no braço, mas sangra. El Gringo gesticula para um funcionário que vem curá-la.

Ele abre o tubo e dentro está um pedaço de carne do braço da fêmea. É alongado, muito pequeno, não maior que meio dedo. Ele o entrega ao alemão e diz para ele experimentar. O alemão hesita. Mas depois de alguns segundos ele tenta e sorri.

"Muito gostoso, não é?" É um bloco sólido de proteína também", diz o gringo para a máquina que traduz.

O alemão assente.

El Gringo se aproxima dele e diz em voz baixa:

- É carne de primeira, Tejo.

— Se você me mandar um com carne dura, posso esconder de você com o patrão, que sabe que os atordoantes podem estragar o golpe, mas a Bromatologia não brinca com isso.

-Claro que sim.

— Com os porcos e as vacas aceitaram suborno, mas hoje, esqueça. Todo mundo ficou paranoico com o vírus, entendeu? Eles denunciam você e fecham sua geladeira.

O gringo assente. Pegue a corda e coloque a fêmea na gaiola. A fêmea perde o equilíbrio e cai na palha.

Há um cheiro de assado. Eles vão para a área de descanso dos peões. Eles estão fazendo uma costela cruzada. El Gringo explica a Egmont que começaram a preparar as costelas às oito da manhã "para que a carne derreta na boca", mas que, além disso, os meninos estão prestes a comer uma criança. Esclarece: «É a carne mais tenra que existe, pouca, porque não pesa o mesmo que um boi. Estamos comemorando que aquele era pai.

Você quer um sanduíche? O alemão assente. Ele diz que não. Todos o olham surpresos. Ninguém rejeita essa carne, comê-la pode custar um mês de salário. El Gringo não diz nada porque sabe que suas vendas dependem do número de cabeças que decide comprar dele. Um dos peões corta um pedaço de carne de bebê e prepara dois sanduíches. Ele adiciona um molho picante, cor vermelho-alaranjada.

Eles chegam a um galpão menor. El Gringo abre outra jaula. Ele gesticula para que eles saiam. Ele diz à máquina: «Comecei a criar obesos. Eu os alimento demais e depois os vendo para uma geladeira especializada em trabalhar com gordura. Eles fazem tudo para você, até biscoitos gourmet.

O alemão se afasta um pouco para comer o sanduíche. Ele faz isso inclinado. Ele não quer que suas roupas fiquem sujas. O molho cai muito perto dos chinelos. El Gringo se aproxima para lhe dar um lenço, mas Egmont gesticula que está bem, que o sanduíche está delicioso. Ele fica de pé, comendo.

- Gringo, preciso de pele negra.
- Neste momento estou negociando para me trazer um lote da África.

Você não é o primeiro a me perguntar.

- Vou confirmar o número de caras depois.
- Parece que um estilista famoso lançou uma coleção com couro preto e para o próximo inverno ela explode.

Ele quer ir. Você precisa parar de ouvir a voz do Gringo. Você precisa parar de ver as palavras se acumularem no ar.

Eles passam por um novo galpão branco que ele não tinha visto quando entrou. El Gringo aponta e diz à máquina que está investindo em outro negócio, que vai arrecadar alguns para transplantes de órgãos. Egmont aproxima-se interessado. El Gringo dá uma mordida no sanduíche e com a boca cheia de carne explica: «Finalmente aprovaram a lei. Eu preciso de mais permissões e controles, mas é mais eficiente. Mais um bom negócio para investir.

Ele diz adeus. Ele não está interessado em ouvir mais. O alemão está prestes a apertar sua mão, mas a afasta ao ver que está manchada pelo óleo do sanduíche. Ele se desculpa com um gesto e sussurra "Entschuldigung". Sorriso. A máquina não traduz.

O molho de laranja escorre lentamente do canto de seu lábio e começa a pingar em seus tênis brancos.

4

Ele acorda cedo porque tem que ir ao açougue. A mulher dele ainda está na casa da mãe.

Ele entra em uma sala vazia com apenas um berço no centro. Ele toca a madeira do berço, que é branca. Na cabeceira há um desenho de um urso e um pato abraçados. Eles estão cercados por esquilos e borboletas e árvores e um sol sorridente. Não há nuvens, nem humanos. Aquele tinha sido seu berço e era o berço de seu filho. Eles não vendem mais produtos com animais fofos e inocentes. Eles foram substituídos por barcos, florzinhas, fadas, duendes. Ele sabe que precisa tirá-la de lá, sabe que precisa destruí-la e queimá-la antes que sua esposa retorne. Mas não pode.

Ele está tomando mate quando ouve a buzina de um caminhão na entrada de sua casa. Ele olha pela janela e vê as letras vermelhas 'Tod Voldelig'.

Sua casa é relativamente isolada. Os vizinhos mais próximos moram a dois quilômetros de distância. Para chegar à casa é preciso abrir o portão, que ele achava que tinha deixado trancado, e caminhar pelo caminho ladeado de eucaliptos. Ele fica surpreso por não ter ouvido o motor do caminhão ou visto a nuvem de sujeira. Eu costumava ter cachorros que corriam para os carros e latiam. A ausência dos animais deixou um silêncio opressivo e mudo.

Ao ouvir a buzina ele larga o mate assustado e queima. Alguém aplaude e chama seu nome.

-Bom. Sr. Yew?

"Olá, sim, sou eu.

"Vou te trazer um presente do Gringo." me assinar?

Ele assina sem pensar no que está assinando. O homem lhe entrega um envelope e depois vai para o caminhão. Ele abre a porta dos fundos, entra e tira uma fêmea.

-O que é isso?

— Uma PGP feminina.

"Leve-a embora, sim?" Agora.

O homem fica ali sem saber o que fazer. Ela olha para ele perplexa. Ninguém é capaz de recusar tal presente. Com a venda dessa fêmea pode-se acumular uma pequena fortuna. O homem puxa a corda no pescoço da mulher porque não sabe o que fazer. A fêmea se move submissamente.

-Não posso. Se eu a levar de volta, o gringo me corta.

Ele ajusta a corda e lhe dá a outra ponta. Como não consegue agarrá-la, o homem joga a corda no chão, dá alguns passos rápidos, sobe no caminhão e vai embora.

5

"Gringo, o que você me mandou?"

-Um presente.

"Eu os mato, eu não os crio, você entende?"

— Você tem por alguns dias e depois vamos comer um assado.

— Não tenho tempo, nem desejo, nem meios de tê-la por alguns dias.

"Amanhã enviarei os meninos para sacrificá-la."

"Se eu quiser sacrificá-la, eu mesmo faço isso."

-Problema resolvido. Enviei-lhe todos os papéis, caso queira vendê-lo. Ela está saudável, com todas as vacinas em dia. Você também pode atravessá-lo. Ela está na idade reprodutiva certa. Mas, o mais importante, é um PGP.

Ele não a responde. O Gringo diz que a fêmea é um luxo, repete que os genes dela estão limpos, como se não soubesse. Ele esclarece que é a partir de um jogo que ele vem alimentando com alimentos à base de amêndoas há mais de um ano. "É para um cliente exigente que me pede para cultivar carne personalizada para ele." Ele explica que levanta um pouco mais para ele caso morram antes da hora. Ele o cumprimenta, mas primeiro esclarece que o presente é para ele ver o quanto valoriza fazer negócios com o Frigorífico Krieg.

-Sim, obrigado.

Ele corta com raiva porque em seu cérebro ele está insultando o Gringo e seu presente como presente. Ele se senta e olha a hora. É tarde. Ele sai e desamarra a fêmea da árvore onde a havia deixado. A fêmea não conseguiu remover a corda do pescoço. Claro, ele pensa, ele não sabe que pode arrancar isso dela. Ao se aproximar, ele começa a tremer. Olhe para o chão. Ele urina. Ele a leva para o galpão e a amarra na porta de um caminhão quebrado e enferrujado.

Ele entra em casa e pensa o que pode deixar para ele comer. El Gringo não mandou comida balanceada, só mandou um problema. Abra a geladeira. Um limão. Três cervejas. Dois tomates. Meio pepino. E algo em uma panela que sobrou de algum dia. Ele cheira e considera que está bem. É arroz branco.

Ela lhe traz uma tigela de água e em outra o arroz frio. Ele fecha a porta do galpão com o cadeado e sai.

6

A parte mais difícil da jornada da carne é ir ao açougue porque você tem que ir à cidade, porque você tem que ver Spanel, porque o calor do cimento não deixa você respirar, porque você tem que respeitar o toque de recolher, porque os prédios e as praças e as ruas o lembram que antes havia mais gente, muito mais.

Antes da Transição, os açougues eram administrados por funcionários mal pagos que, muitas vezes, eram obrigados por seus patrões a adulterar a carne para vendê-la apodrecida. Como lhe disse um, quando trabalhava na geladeira do pai: "O que vendemos está morto, está apodrecendo e parece que as pessoas não querem aceitar". Entre chimarrão e chimarrão, o funcionário contou-lhe os segredos para adulterar a carne e torná-la fresca, para que não se sentisse o mau cheiro: «Para a carne embalada usamos monóxido de carbono, para a da vitrine muito fria, lixívia, bicarbonato de sódio, vinagre e condimentos, muita pimenta». As pessoas sempre confessavam coisas para ele. Ele acha que é porque sabe ouvir e não está interessado em falar de si mesmo. O funcionário contou que seu patrão, para compensar, comprou carne apreendida pela Bromatology, algum gado com vermes e ele teve que trabalhar e depois colocar à venda. Ele explicou que trabalhar com ele significava

deixá-lo na geladeira por muito tempo para que o frio tirasse o cheiro. Que ele foi obrigado a vender carne doente, com manchas amarelas que ele teve que remover. O funcionário queria sair, conseguir um emprego na geladeira El Ciprés, que tinha uma reputação tão boa, disse ele, que só queria um emprego honesto para sustentar sua família. Explicou que não suportava o cheiro de alvejante, que o cheiro de frango podre o fazia vomitar, que nunca se sentira tão doente e miserável. Que ele não podia olhar nos olhos as mulheres humildes que lhe pediam a carne mais barata para

Que ele foi obrigado a vender carne doente, com manchas amarelas que ele teve que remover. O funcionário queria sair, conseguir um emprego na geladeira El Ciprés, que tinha uma reputação tão boa, disse ele, que só queria um emprego honesto para sustentar sua família. Explicou que não suportava o cheiro de alvejante, que o cheiro de frango podre o fazia vomitar, que nunca se sentira tão doente e miserável. Que ele não podia olhar nos olhos as mulheres humildes que lhe pediam a carne mais barata para

Que ele foi obrigado a vender carne doente, com manchas amarelas que ele teve que remover. O funcionário queria sair, conseguir um emprego na geladeira El Ciprés, que tinha uma reputação tão boa, disse ele, que só queria um emprego honesto para sustentar sua família. Explicou que não suportava o cheiro de alvejante, que o cheiro de frango podre o fazia vomitar, que nunca se sentira tão doente e miserável. Que ele não podia olhar nos olhos as mulheres humildes que lhe pediam a carne mais barata para

que ele nunca se sentiu tão doente e miserável.

ele não podia olhar nos olhos as mulheres humildes
que lhe pediam a carne mais barata para

fazer milanesas para seus filhos. Que se o dono não estivesse lá ele daria a carne mais fresca, mas se estivesse teria que dar a podre e então não conseguia dormir por causa da culpa. Esse trabalho o consumia pouco a pouco. Quando o informou, o pai decidiu não mandar mais carne para aquele açougue e contratou o empregado.

Seu pai é uma pessoa de integridade, é por isso que ele é louco.

Ele entra no carro. Ele suspira, mas imediatamente pensa que vai ver Spanel e sorri, embora vê-la seja sempre complexo.

Enquanto ele dirige, uma imagem pisca em seu cérebro. É a fêmea de seu galpão. O que ele vai fazer? Ele vai ter comida suficiente? Ele vai estar com frio? Insulte o Gringo mentalmente.

Alcance o Açougue Spanel. Saia do carro. As calçadas da cidade estão mais limpas, pois não há cães. E mais vazio.

Na cidade tudo é extremo. Voraz.

Com a Transição, os açougues fecharam e só mais tarde, com a legitimação do canibalismo, alguns reabriram. Mas são exclusivos e administrados por proprietários que exigem extrema qualidade. São poucos os que conseguem ter dois açougues, nesse caso é atendido por um familiar ou alguém de muita confiança.

A carne especial dos açougues não é acessível e é por isso que surgiu um mercado clandestino onde se vende carne mais barata porque não precisa de controles ou vacinas e porque é carne fácil, carne com nome e sobrenome. Isso é o que eles chamam de carne ilegal, que é obtida e produzida após o toque de recolher. Mas também é carne que nunca será

geneticamente modificada e controlada para ser mais macia, mais rica e mais viciante.

Spanel foi uma das primeiras a reabrir seu açougue. Ele sabe que Spanel é indiferente ao mundo. Ele só sabe cortar carne e o faz com a frieza de um cirurgião. A energia viscosa, o ar frio onde os cheiros ficam suspensos, os azulejos brancos que buscam ratificar a higiene, o avental manchado de sangue, tudo isso não lhe importa. Para Spanel, tocar, cortar, triturar, processar, desossar, cortar o que já foi respirado é uma tarefa automática, mas que exige precisão. É uma paixão contida e calculada.

Com a carne especial, foi preciso se adaptar a novos cortes, novas medidas e pesos, novos sabores. Spanel foi a primeira e a mais rápida porque manuseava a carne com um distanciamento arrepiante. No início, ele tinha poucos clientes: eram as empregadas dos ricos. A Spanel tinha visão de negócios e instalou o primeiro açougue do bairro de maior poder aquisitivo. As empregadas agarravam o pedaço de carne com nojo e confusão e sempre deixavam claro que o patrão ou a senhora os havia mandado, como se fosse necessário. Ela olhava para eles com um sorriso tenso mas compreensivo e as empregadas sempre voltavam para mais, mais e mais confiantes, até que pararam de explicar. Com o tempo, os clientes começaram a ser mais frequentes. Deu a todos paz de espírito de ser cuidado por uma mulher.

O que ninguém sabe é o que aquela mulher pensa. Mas ele sabe. Ele a conhece bem porque ela também trabalhava na geladeira do pai.

Spanel diz frases estranhas para ele enquanto fuma. Ele gostaria que a visita durasse o mínimo possível por causa do desconforto gerado pela intensidade congelada de Spanel. E Spanel o guarda, sempre o guarda, como fez quando começou a trabalhar na geladeira do pai e o levou para a sala de corte, quando todos foram embora.

Ele acredita que ela não tem com quem conversar, ninguém para dizer o que ela pensa. Ele também imagina que Spanel estaria disposta a se deitar na mesa de corte novamente e que ela seria tão eficiente e despojada quanto era quando ele ainda não era homem. Ou não, agora ela estaria vulnerável e frágil, abrindo os olhos para que ele pudesse entrar, ali, atrás do frio.

Ele tem um assistente que ele nunca ouviu dizer uma palavra. É ele quem faz o trabalho pesado, quem carrega o gado para a câmara fria e quem limpa o local. Ele tem a aparência de um cão, de lealdade incondicional e ferocidade contida. Ela não sabe o nome dele, Spanel nunca fala com ele, e quando ele a visita, o Cão de Caça geralmente raramente aparece.

Quando Spanel abriu o açougue, ele imitou os cortes tradicionais de carne bovina para que a mudança não fosse tão abrupta. Um entrou e parecia que estava em um açougue de outrora. Ao longo do tempo, sofreu uma mutação gradual, mas persistente. Primeiro foram as mãos embaladas ao lado, escondidas entre o provençal milanês, o rabo de

garupa e rins. O recipiente tinha o rótulo especial da carne e, em uma seção, o esclarecimento da extremidade superior, evitando estrategicamente colocar a palavra mão. Com o tempo, ele acrescentou pés embalados apresentados em um colchão de alface etiquetado como extremidade inferior e, posteriormente, uma bandeja com línguas, pênis, narizes, testículos com uma placa que dizia "Spanel Delícias".

Em pouco tempo, e com base nos cortes dos porcos, as pessoas começaram a chamar os membros superiores de mãozinhas e as pernas. Com essa permissão e com aqueles diminutivos que anulavam o horror, a indústria os catalogou dessa forma.

Hoje ele já vende espetinhos de orelha e dedo que ele chama de "espetinhos mistos". Vender licor com globos oculares. Língua ao vinagrete.

Ela o leva para uma sala atrás do açougue, onde há uma mesa de madeira e duas cadeiras. Eles estão cercados por geladeiras onde ele guarda as meias carcaças que ele tira da câmara fria para cortar e depois vender. O torso humano é chamado de "res". A possibilidade de chamá-lo de "meio tronco" não é considerada. Nas geladeiras também há braços e pernas.

Ele pede que ela se sente e lhe serve uma taça de vinho patero. Ele bebe porque precisa do vinho para poder olhá-la nos olhos, então ele não se lembra de como ela o empurrou sobre a mesa que normalmente estava cheia de vísceras de vaca, mas agora estava tão limpa quanto uma mesa de cirurgia. baixou as calças sem dizer uma palavra. Como ela levantou o avental, ainda manchado de sangue, subiu na mesa onde ele já estava deitado nu e sentou-se com cuidado, segurando os ganchos por onde transportavam as vacas.

Não é que ele ache Spanel perigosa, ou louca, ou que a imagine nua (porque nunca a viu nua), ou que conheceu pouquíssimas açougueiros e todos eles são herméticos, impossíveis de decifrar. Ele também precisa do vinho para poder ouvi-la com calma porque as palavras de Spanel ficam em seu cérebro. São palavras frias e afiadas, como quando ela disse "não" para ele e agarrou seus braços e os segurou com força sobre a mesa quando ele tentou tocá-la, tirar seu avental, acariciar seus cabelos. Ou quando ele tentou se aproximar dela no dia seguinte e ela apenas disse Adeus, sem explicação e sem um beijo de despedida. Mais tarde ele descobriu

que havia herdado uma pequena fortuna e com isso comprou o açougue.

Ela assina os papéis que ele traz para certificar sua conformidade com a Krieg Meat Processing Facility e confirmar que ela não adultera a carne. São formalidades porque se sabe que ninguém o adultera, não agora, não com a carne especial.

Assine e beba vinho. São dez da manhã.

Spanel oferece-lhe um cigarro. Ele liga. Enquanto eles fumam, ele diz a ela:

"Não entendo por que achamos o sorriso de uma pessoa atraente. Com o sorriso mostra-se o esqueleto». Ele percebe que nunca a viu sorrir, nem mesmo quando ela agarrou os ganchos e levantou o rosto e gritou de alegria. Foi um único grito, um grito escuro e bestial.

«Sei que quando eu morrer alguém vai vender a minha carne no mercado clandestino, um desses parentes distantes e horríveis que tenho. É por isso que eu fumo e bebo, para que o gosto da minha carne seja amargo e ninguém goste da minha morte. Ela dá uma tragada curta e diz: "Hoje eu sou o açougueiro, amanhã eu posso ser o gado". Ele toma um gole rápido e diz a ela que não entende, que ela tem dinheiro, que poderia garantir sua morte como tantos fazem. Ela olha para ele com algo que lembra pena: «Ninguém tem nada seguro. Apenas deixe-os me comer, vou causar uma indigestão terrível." Ele abre a boca, sem mostrar os dentes, e há um som gutural, um som que poderia ser uma risada, mas não é. «Estou cercado de morte, o dia todo, a todas as horas», e aponta para o gado nos frigoríficos: «Tudo indica que o meu destino vai ser este,

"Então por que você não desiste? Por que você não vende o açougue e faz outra coisa?" Ele olha para ele e

dá uma longa tragada. Leva tempo para responder, como se a resposta fosse óbvia e não precisasse de palavras. Ele sopra a fumaça devagar e lhe diz: “Quem sabe um dia eu venda suas costelas por um bom preço. Mas primeiro eu tentaria um. Ele pega mais vinho e responde:

"É melhor, eu devo estar delicioso." E ele sorri, mostrando-lhe todo o esqueleto. Ela olha para ele com olhos frios. Ele sabe que você quer dizer isso. Ele também sabe que esse diálogo é proibido, que essas palavras podem trazer grandes problemas. Mas ele precisa de alguém para dizer o que ninguém diz.

A campainha da porta do açougue toca. Um cliente. Spanel se levanta para atender.

O Cão aparece. Sem olhar para ele, ela pega meio bife da geladeira e leva para uma sala refrigerada com porta de vidro. Ele pode ver tudo o que o Cão faz. Pendure a meia carne para que a carne não fique contaminada. Ele arranca as marcas de aprovação da ONSA e começa a cortar a carne. Faça um corte fino nas costelas para obter um bom bife. Ele não sabe mais os cortes de cor como antes. Durante a adaptação, muitos nomes foram retirados dos cortes bovinos e misturados com os dos cortes suínos. Novos nomencladores foram elaborados e novos pratos foram desenhados com os cortes de carnes especiais. Estas placas nunca são expostas ao público. O Cão pega a serra e corta o pescoço.

Spanel entra e serve mais vinho. Ele se senta e diz a ela que as pessoas estão pedindo cérebros novamente, que um médico havia confirmado que comer cérebros causava não sei que doença, uma com um nome composto, mas agora parece que outro grupo de médicos e várias universidades confirmaram que não. Ela sabe que sim, aquela massa viscosa não pode ser boa se não estiver dentro de uma cabeça. Mas ele vai comprá-los e vai cortá-los em fatias. É uma tarefa difícil, ele diz a ela, porque eles escorregam facilmente. Ele pergunta se a ordem da semana pode ser encomendada a ele. Não espere que ele responda. Ele pega uma caneta e começa a escrever. Ele não esclarece que pode enviar o pedido virtualmente. Ela gosta de ver como Spanel escreve em silêncio, concentrado, sério.

Ele a encara enquanto ela preenche o pedido com uma caligrafia apertada. Spanel tem uma beleza presa. Incomoda-o porque há algo feminino sob uma aura bestial que ele tem o cuidado de mostrar. Há algo admirável nesse distanciamento artificial.

Há algo nela que ele gostaria de quebrar.

7

Nos passeios anteriores, depois da Transição, ele sempre ficava na cidade, em um hotel, e no dia seguinte ia para o campo de caça. Dessa forma, ele evitou algumas horas de condução. Mas com a fêmea em seu galpão, ele tem que voltar.

Antes de sair da cidade, ele compra comida balanceada especial para os chefes domésticos.

Ele chega em casa à noite. Ele sai do carro e vai direto para o galpão. Insultar o gringo. Agora mesmo, na semana da corrida de carne, ele tem que trazer esse problema para você. Justo quando Cecilia não está.

Abra o galpão. Ela está enrolada no chão, em posição fetal. Dorme. Parece que ele está com frio, apesar do calor. Ele comeu o arroz e bebeu a água. Ele mal a toca com o pé e a fêmea se assusta. Ele protege a cabeça e se enrola.

Ele vai até a casa e procura alguns cobertores velhos. Ele os leva para o galpão e os coloca ao lado da fêmea. Ele pega os baldes. Carregue mais água.

Volte para o galpão com as caixas cheias. Ele se senta em um fardo de palha e olha para ela. Ela se abaixa e bebe água lentamente.

Ele nunca olha para isso. Sua vida é medo, ele pensa.

Ele sabe que pode criá-la, que é permitido. Ele sabe que há pessoas que criam cabeças domésticas e as

comem enquanto estão vivas, em partes. Dizem que a carne é mais saborosa, muito fresca, dizem. Já estão à venda instruções que explicam como, quando e onde cortar para que o produto não morra antes do tempo.

Manter escravos é proibido. Ele lembra o caso de uma família que foi denunciada e processada por ter dez mulheres trabalhando em uma oficina clandestina. Eles foram marcados. Eles os compraram em um incubatório e

eles haviam treinado. Todos foram abatidos no Matadouro Municipal. Fêmeas e família tornaram-se carne especial. A imprensa cobriu o caso por semanas. Lembre-se da frase que todos repetiram escandalizados:

"Escravidão é barbárie."

Ela não é ninguém e está no meu barracão, pensa.

Ele não sabe o que fazer com aquela fêmea. Está suja. Eu teria que lavá-lo, em algum momento.

Feche a porta do galpão. Ele vai para a casa. Ele se despe e entra no chuveiro. Ele poderia vendê-lo e tirar o problema do caminho. Ele poderia criá-la, inseminá-la, começar com um pequeno lote de cabeças, tornar-se independente da geladeira. Podia fugir, largar tudo, abandonar o pai, a mulher, o filho morto, o berço à espera de ser despedaçado.

8

Ele se levanta com o chamado de Nélida. Don Armando teve uma descompensação, querida. Nada sério, mas eu quero que você esteja ciente. Você não tem que vir, mas seria bom. Você sabe que seu pai está feliz, mesmo que ele não o reconheça todas as vezes. Sempre que você vem os episódios param por vários dias. Ele agradece a ela pelo aviso e que ele virá, algum dia. Ele desliga e fica na cama pensando que não quer começar com aquele dia.

Ele coloca a chaleira no fogo e se veste. Ao tomar o primeiro imediato, ele chama o terreno de caça. Ele explica que tem uma emergência familiar, que vai ligar novamente para remarcar a visita. Ele então liga para Krieg e diz que vai demorar mais com a turnê. Krieg diz a ele para levar o tempo que precisar, mas que está esperando que ele entreviste dois possíveis candidatos.

Ele pensa por alguns segundos e liga para sua irmã. Ele diz a ele que o pai está bem, que ele deveria visitá-lo. Ela diz a ele que está ocupada, que criar dois filhos e manter a casa consome todo o seu tempo livre, que ela vai embora. Que morar na cidade é mais difícil porque a casa de repouso fica longe e ela tem medo de chegar depois do toque de recolher. Ele diz isso com desdém, como se o mundo fosse o culpado por suas escolhas. Então ele muda de tom e diz a ela que eles não se veem há muito tempo, que quer convidá-los

para jantar, como está Cecília, se ela ainda está na casa da mãe. Ele diz a ela que vai ligar de volta, em algum momento, e desliga.

Abra o galpão. A fêmea está deitada nos cobertores. Ela acorda assustada. Ele pega as latas. Volte com água e alimentação balanceada. Ele vê que a fêmea encontrou um lugar para se aliviar. ao virar da esquina

Eu tenho que limpá-los, ele pensa cansado. Quase não a olha porque acha aquela fêmea, aquela mulher nua em seu barracão, um aborrecimento.

Entre no carro e vá direto para o asilo. Ele nunca diz a Nélida que vai. Ele está pagando pelo melhor e mais caro da região e sente que tem o direito de sair sem avisar.

A casa de repouso fica entre sua casa e a cidade. Está localizado em uma área residencial de bairros privados. Sempre que vai, faz uma parada alguns quilômetros antes.

Estacione e caminhe até o portão do zoológico abandonado. As correntes que fecharam o portão estão quebradas. A grama alta, as gaiolas vazias.

Ele sabe que está se arriscando indo para lá porque ainda há animais à solta. Não-lhe importa. As grandes chacinas aconteciam nas cidades, mas durante muito tempo houve pessoas que se agarravam aos seus animais de estimação, que não estavam dispostas a matá-los. Diz-se que algumas dessas pessoas morreram do vírus. Outros abandonaram seus cães, gatos, cavalos no meio do campo. Nunca aconteceu nada com ele, mas dizem que é perigoso andar sozinho, sem arma. Há bandos, famintos.

Caminhe até a cova dos leões. Ele se senta no parapeito de pedra.

Ele pega um cigarro e o acende. Olhe para o espaço vazio.

Lembra quando o pai o levou. Seu pai não sabia o que fazer com aquele menino que não chorava, que não falava nada desde a morte de sua mãe. A irmã era um bebê, cuidada por babás, alheia a tudo.

Seu pai o levava ao cinema, à praça, ao circo, a qualquer lugar longe de casa, longe das fotos de sua sorridente mãe formada em arquitetura, das roupas

que ainda estavam penduradas nos cabides, da reprodução de a pintura de Chagall que ela havia escolhido colocar acima da cama. Paris da janela: há um gato com rosto humano, um homem voando com um pára-quedas triangular, uma janela colorida, um casal escuro e um homem com dois rostos e um coração na mão. Há algo que fala da loucura do mundo, uma loucura que pode ser sorridente, implacável, mesmo que todos sejam sérios. Hoje essa pintura está no quarto dele.

O zoológico estava cheio de famílias, maçãs carameladas, algodão doce rosa, amarelo, azul claro, risos, balões, bonecas canguru, baleias, ursos. O pai disse: «Olha, Marcos, um macaco sagui. Olhar,

Marcos, uma cobra coral. Olha, Marcos, um tigre. Olhou sem falar porque sentiu que o pai não tinha palavras, que as que dizia estavam ausentes. Ele sentiu, sem saber ao certo, que aquelas palavras estavam prestes a se romper, que estavam presas por um fio muito fino e transparente.

Quando chegaram à cova dos leões, o pai ficou olhando sem dizer nada. As leoas descansavam ao sol. O leão não era. Alguém jogou uma bolacha animal neles. As leoas olhavam com indiferença. Ele pensou que eles estavam muito longe, que naquele momento tudo o que ele queria era pular na toca e se deitar entre as leoas e dormir. Ele gostaria de acariciá-los. Os meninos gritavam, rosnavam, tentavam rugir, as pessoas se amontoavam, pedindo licença. Mas de repente todos ficaram em silêncio. O leão saiu das sombras, de alguma caverna, e caminhou bem devagar. Ele olhou para o pai para lhe dizer: "Pai, o leão, aí está o leão, você está vendo?" O pai estava de cabeça baixa, confundindo-se com toda aquela gente. Ela não estava chorando, mas ele podia ver as lágrimas, por trás das palavras que ela não conseguia dizer.

Ele termina o cigarro e o joga no poço. Ele se levanta e vai embora.

Ele caminha lentamente até o carro, com as mãos nos bolsos da calça. Ouça um uivo. Está longe. Ele fica parado, olhando, para ver se consegue ver alguma coisa.

Ele chega ao lar de idosos "New Dawn". A casa está rodeada por um parque bem cuidado com bancos, árvores e fontes. Disseram-lhe que antes havia patos em um pequeno lago artificial. Hoje o lago desapareceu. Patos também.

Ele toca a campainha e uma enfermeira atende. Ele nunca se lembra dos nomes, mas todos se lembram

dele. Marcos, como vai? Entre, entre, vamos trazer-lhe Don Armando imediatamente."

Ele se certificou de que a casa de repouso fosse composta exclusivamente por enfermeiros. Nada de zeladores ou escriturários noturnos sem estudos e treinamento prévios. Lá ele conheceu Cecília.

A primeira coisa que sente, cada vez que entra, é um leve cheiro de urina e remédios. Aquele cheiro artificial de produtos químicos que mantém esses corpos respirando. A limpeza do local é impecável, mas ele sabe que o

O odor da urina é quase impossível de erradicar com idosos usando fraldas. Ele nunca se refere aos idosos como avós.

Nem todos são avós, nem serão. Eles são apenas velhos, pessoas que viveram muitos anos e, talvez, essa seja sua única conquista.

Eles o levam para a sala de espera. Oferecem-lhe algo para beber. Ele está sentado em uma poltrona de frente para uma enorme janela com vista para o jardim. Ninguém anda pelo jardim sem proteção. Alguns usam guarda-chuvas. Os pássaros não são violentos, mas as pessoas têm pavor deles. Um pássaro preto pousa em um pequeno arbusto. Ouça um começo. Tem uma senhora, uma velha, um paciente do asilo que o olha assustado. O pássaro voa e a velha murmura alguma coisa, como se pudesse se proteger com palavras. Então ela adormece no banco. Ela parece recém-banhada.

Ele se lembra do filme de Hitchcock, Os Pássaros, como o chocou quando o viu e como se arrependeu de ter sido banido.

Ele se lembra de quando conheceu Cecilia. Ele estava sentado naquela cadeira, esperando o pai. Nélida não estava lá e foi ela quem o levou ao pai. Naquela época o pai andava, falava, tinha uma certa lucidez. Quando ele parou e a viu, não sentiu nada de especial. Mais uma enfermeira. Mas quando ela começou a falar, ele prestou atenção nela. Aquela voz. Falou da dieta especial de Dom Armando, de como estavam cuidando da pressão, dos exames permanentes que lhe faziam, que estava mais calmo. Ele viu inúmeras luzes ao redor deles, ele sentiu que a voz poderia levantá-lo. Com essa voz ele poderia sair do mundo.

Desde que o bebê nasceu, as palavras de Cecilia têm buracos negros, elas se engolem.

Há uma TV ligada, sem som. Eles mostram um programa antigo onde os participantes têm que matar gatos com paus. Eles correm o risco de morrer para ganhar um carro. As pessoas aplaudem.

Pegue um panfleto da casa de repouso. Estão na mesa de centro, ao lado das revistas. Na capa há um homem e uma mulher sorrindo. Eles são antigos, mas não exatamente. Antes, os folhetos mostravam idosos correndo alegremente em um prado, ou sentados em um parque com muito verde. Hoje o fundo é neutro. Mas eles sorriem como antes. Marcada em vermelho dentro de um círculo está a frase "Garantimos segurança 24 horas por dia, 7 dias por semana". Sabe-se que em

asilos públicos a maioria dos idosos, quando morrem ou são deixados para morrer, são vendidos no mercado negro. É a carne mais barata que você pode obter, porque é uma carne seca e doente, cheia de drogas. Carne com nome e sobrenome. Em alguns casos, os mesmos familiares, em asilos particulares ou estatais, autorizam a venda do corpo e com isso pagam as dívidas. Não há mais funerais. É muito difícil controlar que o corpo não seja desenterrado e comido, por isso muitos dos cemitérios foram vendidos, outros foram abandonados, alguns foram deixados como relíquias de um tempo em que os mortos podiam descansar em paz.

Ele não pode permitir que seu pai seja massacrado.

Da sala de espera você pode ver a sala onde os velhos descansam. Eles estão sentados assistindo televisão. É o que eles fazem na maioria das vezes. Eles assistem televisão e esperam morrer.

São poucos. Ele se certificou disso também. Eu não queria uma casa de repouso cheia de velhos descuidados. Mas também são poucos porque é o asilo mais caro da cidade.

O tempo sufoca naquele lugar. As horas e os segundos grudam na pele, perfuram-na. Melhor ignorá-lo, mesmo que você não possa.

Olá, querido, como vai, Marcos? Que alegria ver você. É Nélida quem traz o pai numa cadeira de rodas. Ela o abraça porque o ama, porque todas as enfermeiras conhecem a história do filho dedicado que, aliás, teve o gesto de resgatar a enfermeira e se casar com ela.

Após a morte do bebê, Nélida começou a abraçá-lo.

Ele se inclina e olha em seus olhos e agarra suas mãos. Ele diz: "Olá, papai". O pai tem um olhar perdido, desolado.

Levanta-se e pergunta a Nélida: «Como vais, melhor? Você sabe por que descompensou? Nélida pede que ele se sente. Deixa o pai ao lado da cadeira olhando pela janela. Eles se sentam perto, em uma mesa com duas cadeiras. Don Armando teve outro episódio, querida. Ontem ele tirou toda a roupa e quando a Marta, que é a enfermeira da noite, foi atender um avô, seu pai foi até a cozinha e comeu todo o bolo de aniversário que preparamos para um avô que está completando noventa anos. Ele esconde um sorriso. O pássaro preto levanta voo e pousa em outro arbusto. O pai aponta para ele com um gesto de felicidade. Ele se levanta e carrega a cadeira

rodas perto da janela. Quando ele se senta novamente, Nélida olha para ele com carinho e pena. Marcos, vamos ter que amarrá-lo de volta à noite. Ele concorda. Você tem que assinar a autorização. É para o bem de Don Armando. Você sabe que eu não gosto disso. Seu pai é delicado. Não adianta comer nada. Além disso, hoje é um bolo, amanhã uma faca.

Nélida vai buscar os papéis.

Seu pai quase não fala mais. Faça sons.

Reclamações.

As palavras estão lá, encapsuladas. Eles apodrecem, por trás da loucura.

Ele se senta no sofá olhando pela janela. Ele pega a mão dela. O pai olha para ele como se não o conhecesse, mas não estende a mão.

9

Vá para a geladeira. É um lugar isolado, cercado por cercas eletrificadas. Eles os colocaram por causa dos Catadores que tentaram entrar muitas vezes. Derrubaram cercas quando não estavam eletrificadas, passaram por cima delas, se machucaram só para conseguir carne fresca. Agora estão satisfeitos com as sobras, com os pedaços que não têm uso comercial, com a carne doente, com aquilo que ninguém comeria, a não ser eles.

Antes de passar pela porta, ele fica alguns segundos no carro, olhando para o conjunto de prédios. São brancos, compactos, eficientes. Nada poderia indicar que humanos são mortos lá. Ele se lembra das fotos do matadouro de Salamone que sua mãe lhe mostrou. O prédio está destruído, mas a fachada ainda está intacta, com a palavra matadouro como um baque mudo. Enorme, sozinha, a palavra se recusou a desaparecer. Ela se opunha a ser despedaçada pelo clima, pelo vento que perfurava a pedra, pelo tempo corroendo a fachada, aquela que sua mãe dizia ter influência art déco. As letras cinzas se destacam contra o céu atrás. Não importa a forma que o céu assumia, seja um azul abafado ou cheio de nuvens ou um preto furioso, a palavra ainda está lá, a palavra que fala de uma verdade implacável em um belo edifício. "Matadouro" porque lá eles matavam. Ela queria

reformular a fachada do frigorífico El Ciprés, mas seu pai recusou porque um matadouro deveria ser ignorado, fundir-se com a paisagem e nunca ser chamado pelo que realmente é.

Oscar, o guarda da manhã, está lendo o jornal, mas quando o vê no carro, ele o fecha rapidamente e o cumprimenta nervosamente. Abre-lhe a porta e diz, forçando um pouco a voz: "Bom dia, senhor Tejo, como vai?" Ele a responde com um aceno de cabeça.

Ele sai do carro e continua fumando. Ele descansa os braços no teto do carro e fica parado, observando. Ele passa a mão pela testa suada.

Não há nada ao redor da geladeira. Nada à vista. Há um espaço vazio com algumas árvores solitárias e um riacho podre. Ele é gostoso, mas fuma devagarinho, esticando os minutos antes de entrar.

Vá direto para o escritório de Krieg. Alguns funcionários o cumprimentam no caminho. Ele os cumprimenta quase sem olhar para eles. Ele beija Mari, a secretária. Ela oferece-lhe um café e diz-lhe: «Trago-te já, Marcos, que bom vê-lo. Lord Krieg já estava ficando nervoso. Acontece toda vez que você faz o passeio». Ele entra no escritório sem bater e se senta sem pedir permissão. Krieg está ao telefone. Ele sorri para ela e faz um gesto para que ela saiba que ele vai desligar imediatamente.

As palavras de Krieg são fortes, mas poucas. Fale pouco e devagar.

Krieg é uma daquelas pessoas que não foram feitas para a vida. Tem a cara de um retrato fracassado que deu errado, o cartunista amassou e jogou no lixo. Ele é alguém que não se encaixa em lugar nenhum. Ele não está interessado em contato humano e é por isso que seu escritório foi renovado. Primeiro ele a isolou, de tal forma que somente sua secretária pode ouvi-lo e vê-lo. Então ele adicionou mais uma porta. Essa porta leva a uma escada que leva diretamente ao estacionamento privativo atrás da geladeira. Os funcionários veem pouco ou nada.

Ele sabe que seu chefe dirige o negócio com perfeição, que quando se trata de fazer números e transações ele é o melhor. Quando se trata de conceitos abstratos, tendências de mercado, estatísticas, Krieg se destaca. Ele só está interessado

nos humanos comestíveis, nas cabeças, no produto. Mas ele não está interessado em pessoas. Ele detesta cumprimentá-los, conversar sem sentido sobre ser quente ou frio, ter que ouvir seus problemas, aprender seus nomes, registrar se alguém se despediu ou teve um filho. É para isso que ele serve, a mão direita. Ele, a quem todos respeitam e amam porque ninguém o conhece, não de verdade. Poucos sabem que ele perdeu um filho, que sua esposa partiu, que seu pai desaba em um silêncio escuro e insano.

Ninguém sabe que ele é incapaz de matar a fêmea em seu galpão.

10

Cortes de Krieg.

“Tenho dois candidatos esperando. Você não os viu quando entrou?”

-Não.

"Eu quero que você os teste." Só estou interessado em contratar os melhores.

-Perfeito.

- Então me conte as novidades. Isso é mais urgente. Ele se levanta para sair. Mas Krieg gesticula para que ele se sente.

— Há outro assunto. Encontraram um funcionário com uma mulher.

-Quem?

— Um dos guardas noturnos.

-Não posso fazer nada. Eles não estão sob minha responsabilidade.

— Estou lhe contando porque vou ter que trocar de empresa de segurança novamente.

"Como eles o pegaram?"

— Com a filmagem. Agora nós os verificamos todas as manhãs.

"E a fêmea?"

“Ele a estuprou até a morte. Ele a deixou deitada em uma gaiola comum, com o resto. Ele nem mesmo a colocou na gaiola certa, o pequeno idiota.

-E agora?

—Bromatologia e boletim de ocorrência por destruição de bens pessoais.

— E a empresa de segurança tem que devolver o valor da fêmea.

— Sim, isso também, especialmente porque era um PGP.

Ele se levanta e vai embora. Ele vê Mari caminhando com o café. Ela é uma mulher que parece frágil, mas sabe que, se lhe pedisse, começaria a trabalhar a fazenda inteira sem um músculo tremer. Ele gesticula para ela

esquece o café e pede que ele apresente os candidatos. Eles estão na sala de espera, você não os viu quando entrou? Ele se oferece para acompanhá-lo, mas diz a ela que vai sozinho.

Na sala de espera há dois jovens que estão em silêncio. Ele se apresenta e pede que eles se juntem a ele. Ele explica que eles vão fazer um pequeno tour pela geladeira. Enquanto caminham para o pátio de descarga, ele pergunta por que eles querem esse emprego. Não espere respostas elaboradas. Ele sabe que os candidatos são escassos, que a rotatividade é permanente, que são poucos os que aguentam trabalhar naquele lugar. O que os move é a necessidade de ganhar dinheiro, pois sabe-se que é um trabalho que paga bem. Mas a necessidade os sustenta por um curto período de tempo. Eles preferem ganhar menos e fazer outra coisa que não envolva limpar as entranhas humanas.

O mais alto responde que precisa do dinheiro, que a noiva engravidou e ele tem que economizar. O outro observa com um silêncio pesado. Ele demora a responder e diz que um amigo trabalha em uma fábrica de hambúrgueres e o recomendou. Ele não acredita nela, nem por um segundo.

Eles chegam ao pátio de descarga. Há homens que recolhem excrementos da última fazenda que chegou. Eles os guardam em sacos. Outros lavam os caminhões-gaiola e o chão com mangueiras. Estão todos vestidos de branco, com botas pretas de borracha e pernas altas. Os homens o cumprimentam. Ele acena para eles sem sorrir. O mais alto tem o impulso de tapar o nariz, mas imediatamente abaixa a mão e pergunta por que guardam o excremento. O outro observa em silêncio. "É para fertilizante", ele responde.

Ele explica a eles que a fazenda desembarca lá, eles pesam e marcam. Eles também os raspam porque o cabelo é vendido. Em seguida, eles são levados para as gaiolas de descanso, onde descansam por um dia. “A carne de uma cabeça estressada fica dura ou com gosto ruim, vira carne de má qualidade”, diz ele. “Esse é o momento em que a inspeção ante mortem é feita.” “Antes de quê?”, pergunta o mais alto. Ele explica que qualquer produto que apresente sinais de doença deve ser recolhido. Ambos acenam com a cabeça. “Nós os separamos em gaiolas especiais. Se se recuperarem, voltam para a roda de abate e se ainda estiverem doentes, são descartados. O mais alto pergunta: “Estão descartados, quer dizer que são sacrificados?” “Sim”. “Por que eles não os devolvem ao incubatório?”, pergunta o mais alto. Porque o transporte é caro.

O incubatório é notificado sobre as cabeças descartadas e então são feitas as contas ». "Por que você não os cura?" "Porque o investimento é muito caro." "Cabeças mortas estão chegando?" o mais alto continua perguntando. Ele olha para ele com alguma surpresa. Os candidatos não costumam fazer esse tipo de pergunta e ele acha a novidade interessante. «Poucos, mas de vez em quando eles vêm. Nesse caso a Bromatologia é informada e eles vêm retirá-los". Ele sabe que esta última é a verdade oficial, portanto é uma verdade relativa. Ele sabe (porque ele arruma assim) que os empregados deixam algumas cabeças para os Catadores que abatem a carne com facões e pegam o que podem. Eles não se importam que a carne esteja doente, correm o risco porque não podem comprá-la. Ele fecha os olhos e tenta ter aquele gesto de caridade ou uma certa misericórdia. Também faz isso porque é a maneira de manter os Catadores e a fome aplacados. O desejo por carne é perigoso.

Enquanto caminham para a área de descanso, eles dizem que no

A princípio terão que fazer trabalhos simples, limpeza e coleta. À medida que demonstram capacidade e lealdade, serão ensinadas as outras tarefas.

A área das gaiolas de descanso tem um odor pungente e azedo. Ele acha que é o cheiro do medo. Eles sobem uma escada que os leva a uma varanda suspensa que lhes permite vigiar a fazenda. Ele pede que não falem alto porque a cabeça deles tem que estar calma, qualquer som repentino os incomoda e se eles estão nervosos é mais difícil lidar com eles. As gaiolas estão abaixo. As cabeças ainda estão inquietas da viagem, embora a descarga tenha sido feita muito cedo pela manhã. Eles se movem com medo.

Ele explica que quando eles chegam, eles dão um banho de spray e depois os verificam. Eles têm que estar em jejum, esclarece, só lhes damos uma dieta hídrica para diminuir o conteúdo intestinal e diminuir o risco de contaminação ao manuseá-los depois de abatidos. Tente calcular o número de vezes que ele repetiu essa frase em sua vida.

O outro aponta para as cabeças marcadas com uma cruz verde. "O que significam aquelas marcas verdes no peito?" «São os escolhidos para ir ao terreno de caça. Os especialistas revisam as cabeças e escolhem as que

eles estão em melhor condição física. Os caçadores precisam de presas desafiadoras, querem persegui-las, não estão interessados em alvos fixos. "Claro, é por isso que a maioria deles é do sexo masculino", diz o mais alto. "Sim, as mulheres geralmente são submissas. Foi testado com fêmeas grávidas e o resultado é muito diferente porque elas se tornam ferozes. De vez em quando eles nos perguntam." "E aqueles com cruzes pretas?", pergunta o outro. «Para o laboratório». O outro tenta dizer mais alguma coisa, mas continua andando. Ele não vai contar nada a ela sobre este lugar, sobre o Laboratório Valka, e mesmo que quisesse, não poderia.

Os funcionários que fiscalizam o rancho o saúdam das jaulas.

"Amanhã vão transferir os recém-chegados para as jaulas azuis e de lá vão direto para o abate", diz ele, enquanto descem as escadas e caminham para a sala de covas.

O outro fica olhando para as cabeças das gaiolas azuis. Ele gesticula para que ela se aproxime e pergunta se eles serão sacrificados naquele dia. Ele diz a ela que sim. O outro olha para eles em silêncio.

Antes de chegar à área do poço, eles passam por gaiolas vermelhas especiais. São gaiolas grandes e em cada uma delas há apenas uma cabeça. Antes que lhe perguntem, ele explica que se trata de carne de exportação, que são chefes da Primeira Geração Pura. "É a carne mais cara do mercado, porque leva muitos anos para criá-la." Você tem que explicar a eles que o resto da carne é geneticamente modificada para crescer mais rápido e ser lucrativa. "Mas então, a carne que comemos é totalmente artificial? É carne sintética?", pergunta o mais alto.

"Bom não. Eu não chamaria de artificial, ou sintético. Eu chamaria de modificado. O sabor não é tão diferente da carne PGP, embora a carne PGP seja sofisticada para paladares exigentes." Os dois candidatos ficam em silêncio, olhando para as gaiolas onde as cabeças têm as letras PGP pintadas por todo o corpo. Um acrônimo para cada ano de crescimento.

O mais alto é um pouco pálido. Ele acha que não vai aguentar o que vem a seguir, que provavelmente vai vomitar ou desmaiar. Ele pergunta se ela está se sentindo bem. "Sim, tudo bem, tudo bem", ele responde. É sempre o mesmo com o candidato mais fraco. Eles precisam do dinheiro, mas não é suficiente.

Ele sente um cansaço que poderia matá-lo, mas continua andando.

onze

Eles entram na área do poço, mas ficam na sala de descanso que tem uma janela que dá para a sala de dessensibilização. O lugar é tão branco que os cega.

O mais alto se senta e o outro pergunta por que não podem entrar na sala. Ele responde que só entram pessoas autorizadas com roupas de trabalho em ordem, que tomam todos os cuidados para que a carne não seja contaminada.

Sergio, um dos stunners, o cumprimenta e entra na sala de descanso. Ele está vestido de branco, com botas pretas, máscara, avental de plástico, capacete e luvas. Abraça-o. «Yew querido, onde você estava?». «Fazer o tour com clientes e fornecedores. Eu vim para te apresentar».

De vez em quando ele sai para tomar cerveja com Sergio. Ele lhe parece um cara de verdade, que não lhe dá um meio sorriso porque é o braço direito do chefe, que não está pensando em que vantagem pode tirar, que não tem escrúpulos em dizer a ele o que ele acha. Quando o bebê morreu, Sérgio não olhou para ele com pena ou disse: "Agora Leo é um anjinho", nem olhou para ele em silêncio sem saber o que fazer, nem o evitou ou tratou de forma diferente. Ele o abraçou e o levou para um bar e o embebedou e lhe contou piadas até os dois chorarem de tanto rir. A dor ainda estava intacta, mas ele sabia que tinha um amigo. Uma vez

ele perguntou por que ela estava no negócio de atordoamento. Sergio respondeu que ou eram os chefes ou sua família. Que não sabia fazer nada além disso e que pagavam bem. Que toda vez que sentia remorso pensava em seus filhos e em como estava lhes dando uma vida melhor graças a esse trabalho. Ele lhe disse que com a carne original, embora não tenha sido erradicada, ajudou a controlar a superpopulação, a pobreza e a fome. Ele lhe disse que todos têm uma função nesta vida e que a função da carne era ser

abatido e depois comido. Ele lhe disse que graças ao seu trabalho as pessoas eram alimentadas e ele estava orgulhoso disso. E ela lhe disse mais, mas ele não podia ouvir mais.

Eles saíram para comemorar quando sua filha mais velha entrou na faculdade. Ele se perguntou, enquanto brindavam, quantas cabeças haviam pago para a educação dos filhos de Sérgio, quantos golpes ele teve que dar na vida. Ele se ofereceu para ser seu braço direito, mas Sergio respondeu sem rodeios:

"Eu prefiro socos." Valorizou essa recusa e não pediu explicações porque as palavras de Sergio são simples, claras. São palavras sem arestas vivas.

Sergio se aproxima dos candidatos e aperta suas mãos. "Ele faz um dos trabalhos mais importantes, que é atordoar cabeças. Ele os nocauteia com um golpe para que eles possam mais tarde matá-los. Mostre-os, Sérgio."

Ele diz aos candidatos que subam alguns degraus construídos sob a janela. Dessa forma, eles têm altura suficiente para ver o que está acontecendo dentro da caixa.

Sergio entra na sala dos boxes e sobe na plataforma. Pegue a maça. Ele grita: "Vamos, manda!". Uma porta de guilhotina se abre e uma mulher nua em seus vinte e poucos anos entra. Ela está molhada e suas mãos estão amarradas atrás das costas com uma gravata de plástico. Está raspado. O espaço da caixa é apertado. Mover-se é quase impossível para ele. Sergio ajusta a manilha de inox, que corre ao longo de um trilho vertical, na altura do pescoço da fêmea, e a fecha. A fêmea treme, treme um pouco, quer se soltar. Abre a boca.

Sérgio olha nos olhos dela e dá um tapinha na cabeça dela de leve, quase como uma carícia. Ele lhes

diz algo que eles não podem ouvir, ou canta para eles. A fêmea fica quieta, mais calma. Sergio levanta a maça e o acerta na testa. É um golpe seco. Tão rápido e silencioso que é insano. A fêmea desmaia. Seu corpo se solta e, quando Sergio abre a algema, o corpo cai. A porta basculante se abre e a base da caixa se inclina para ejetar o corpo, que desliza para o chão.

Um funcionário entra e amarra os pés com tiras presas a correntes. Ele corta o lacre de plástico que prende as mãos dela e aperta um botão. O corpo é levantado e, com um sistema de trilhos, é transportado, virado para baixo, para outra sala.

O funcionário olha para a sala de descanso e dá um alô. Ele não se lembra do nome, mas sabe que o contratou há alguns meses.

O funcionário pega uma mangueira e lava a caixa e o chão manchados de excremento.

O mais alto desce os degraus e se senta em uma cadeira com a cabeça baixa. Ele pensa: agora ele vomita. Mas ele para e se recompõe. Sergio entra com um sorriso, orgulhoso da demonstração. "E o que você achou?

Eles querem tentar?". O outro se aproxima dele e diz: "Sim, eu", mas Sergio cai na gargalhada e lhe diz: "Não, papai, você tem um longo caminho a percorrer para isso". O outro parece desapontado. "Eu vou explicar, querida. Se você os matar com um golpe, você arruinará minha carne. E se você não os desmaiar e eles entrarem no sacrifício vivos, você também arruinará minha carne. Me compreende?". E ele abraça o outro enquanto o chacoalha um pouco, rindo. «Estas crianças de hoje, Tejo! Querem levar o mundo à frente e não sabem nem andar. Todos riem menos o outro. Sergio explica que os iniciantes usam a pistola de dardo cativo,

«Tem menos margem de erro, percebe?, mas a carne não é tão tenra. Ricardo, o outro atordoador que agora descansa do lado de fora, usa a pistola e está treinando para usar a maça. Ele está aqui há seis meses." E conclui: "Usar a maça é só para conhecedores." O mais alto pergunta o que ele disse à carne, por que ele falou com ela. Ele fica surpreso que ela chame a fêmea atordoada de carne, e não de cabeça, ou produto. Sergio responde que cada atordoador tem seu segredo de como acalmá-los antes de atordoá-los e que cada novo atordoador tem que encontrar seu caminho. "Por que você não grita?", diz o mais alto. Ele não quer

responder, ele quer estar em outro lugar, mas ele está lá. É Sergio quem responde: "Eles não têm cordas vocais".

O outro sobe os degraus e olha para a sala do poço. Coloque as mãos na janela. Há ansiedade no olhar. Há impaciência.

Ele acha que o candidato é perigoso. Alguém com tanta vontade de matar é alguém instável, alguém que não consegue assumir a rotina de matar, o gesto automático e desapaixonado de matar humanos.

12

Eles saem da sala de descanso. Ele explica que eles estão indo para a área de sacrifício. "Vamos entrar?", pergunta o outro. Ele o olha sério.

"Não", ele responde. "Não vamos entrar porque, como te expliquei, não temos a equipe de regulação." O outro olha para o chão e não responde. Ele coloca as mãos nos bolsos da calça com impaciência. Ele suspeita que o outro pode ser um falso candidato. De vez em quando as pessoas aparecem se passando por candidatos apenas para testemunhar o massacre. Pessoas que apreciam o processo, que o vêem como uma curiosidade, como uma anedota de cor que acrescentam às suas vidas. Pense que são pessoas que não têm coragem de aceitar e assumir o peso desse trabalho.

Eles andam por um corredor que tem uma longa janela que leva diretamente à sala de abate. Os operadores estão vestidos de branco, na sala limpa. Mas a aparente limpeza está manchada com toneladas de sangue que caem na cuba sangrenta e respingam nas paredes, nos ternos, no chão, nas mãos.

As cabeças entram por um trilho automático. Há três corpos pendurados de cabeça para baixo. Um já teve a garganta cortada e os outros dois aguardam sua vez. Uma delas é a fêmea que Sergio acaba de deslumbrar. O operador aperta um botão e o corpo que

já sangrou continua seu curso no trilho enquanto o outro corpo fica em cima do tanque. Com um movimento rápido, ele corta o pescoço. O corpo treme um pouco. O sangue cai na cuba. Mancha seu avental, calças e botas.

O outro pergunta o que eles fazem com o sangue. Ele decide ignorá-lo e não responde. O mais alto diz: "Eles usam para fazer fertilizante". Ele olha para isso. O mais alto sorri para ele e conta que seu pai trabalhou pouco tempo em uma

geladeira de antes, que algumas coisas lhe diziam. Este último, "de antes", diz baixando a cabeça e a voz, como se sentisse tristeza ou resignação. Ele diz a ela que o sangue de vaca foi usado para fazer fertilizante. "Esse sangue tem outros usos", mas não esclarece quais.

O outro diz: "E para fazer uma morcela deliciosa, né?" Ele o encara e não responde.

O operador está distraído conversando com outro funcionário.

Ele percebe que o operador está demorando muito. A fêmea que Sergio atordoou começa a se mexer. O operador não o vê. A fêmea treme lentamente no início e depois com mais força. O movimento é tão violento que faz com que os pés se soltem das tiras que estavam soltas. Ele cai com um baque. Ela treme no chão e sua pele branca está manchada com o sangue daqueles que foram massacrados antes dela. A fêmea levanta um braço. Tente se levantar. A telefonista se vira e a olha com indiferença. Ele pega uma pistola de dardo cativo e atira na testa. Ele desliga novamente.

O outro se aproxima da janela e olha a cena com um meio sorriso. O mais alto cobre a boca.

Ele toca o vidro e o operador pula. Ele não tinha visto e sabe que o descuido pode lhe custar o emprego. Ele gesticula para que ela saia. O operador pede para ser substituído e sai.

Ele o cumprimenta pelo nome e diz que o que acabou de acontecer não pode acontecer novamente. «Essa carne morreu de medo e vai ter um gosto ruim. Você arruinou o trabalho de Sergio por estar atrasado." O operador olha para o chão e diz que foi um descuido, que ele sente muito, que não vai acontecer novamente. Ele responde que até segunda ordem vai para a sala da

triperia. O operador não consegue esconder uma careta de desgosto, mas assente.

A fêmea Sergio atordoadá já está sangrando até a morte. Há mais um esperando para ser abatido.

O mais alto se agacha, de cócoras, segurando a cabeça nas mãos. Ele dá um tapinha nas costas dele e pergunta se ele está bem. O mais alto não responde, apenas gesticula para que ele lhe dê um minuto. O outro continua a observar, fascinado, sem saber o que está acontecendo. As arquibancadas mais altas. Ele é branco e com gotas de suor na testa. Ele se recupera e continua a assistir.

Eles observam como o corpo exangue da fêmea se move ao longo do trilho até que um operador solta as tiras dos pés e o corpo cai em um tanque escaldante junto com outros cadáveres flutuando em água escaldante. Outro funcionário os afunda com uma vara e os move. O mais alto pergunta se, ao afundá-los, os pulmões não estão cheios de água contaminada. Ele pensa: "espertinho" e explica que sim, pouca água porque eles não respiram mais, mas que o próximo investimento da geladeira vai ser comprar uma máquina de esquentar por spray. "Nessas máquinas, o esquentamento é individual e vertical", esclarece.

O operador coloca um dos corpos flutuantes no rack de carregamento, que sobe, e o joga na cuba de esquentar onde começa a girar enquanto um conjunto de rolos de pás o depila. Ele ainda está impressionado ao ver essa parte do procedimento. Os corpos giram a toda velocidade, parece que estão realizando uma dança estranha e enigmática.

13

Ele gesticula para que o sigam. Vão para a sala da tripería. Como andam muito devagar, ele lhes diz que o produto está quase totalmente usado. "Praticamente nada é desperdiçado." O outro observa enquanto um operador revisa os cadáveres que foram escaldados com um maçarico. Assim, completamente descascadas, podem ser evisceradas.

Antes de chegar à sala da tripería passam pela sala de corte. Todas as salas são conectadas pelo trilho que move os corpos para que eles passem por cada uma das etapas. Pelas longas janelas eles podem ver como a fêmea Sergio, atordoada, tem a cabeça e os membros cortados com uma serra.

Eles ficam parados, observando.

Um operador pega a cabeça e a leva para outra mesa, onde arranca os olhos, que coloca em uma bandeja com uma placa que diz "Olhos". Ele abre a boca e corta a língua e a deposita em uma bandeja com uma placa que diz "Línguas". Ele corta suas orelhas e as coloca em uma bandeja com uma placa que diz "Orelhas". O operador pega um soco e um martelo e bate com cuidado na parte inferior da cabeça. Ele faz isso até quebrar um pedaço do crânio e remover cuidadosamente o cérebro, colocando-o em uma bandeja marcada como 'Cérebros'.

A cabeça, agora vazia, é colocada no gelo em uma gaveta que diz

"Cabeças."

"O que você está fazendo com as cabeças?", pergunta o outro com alguma excitação reprimida. Ele responde automaticamente: "Há muitos usos. Uma delas é enviá-los para diferentes províncias onde fazem cabeça para o poço ou cabeças acolchoadas». O mais alto esclarece: "Não provei, mas dizem que são muito gostosos. Pouca carne, barata e saborosa se eles fizerem direito.

Outro trabalhador já juntou as mãos e os pés e os manteve limpos nas gavetas com suas respectivas etiquetas. Os braços e pernas são vendidos junto com o gado para açougues. Ele explica que todos os produtos são lavados e verificados por fiscais antes de serem refrigerados. Ele aponta para um homem, vestido como os outros, mas com uma pasta na qual anota os dados e com um selo de certificação que tira e usa de vez em quando.

A fêmea Sergio atordoada já está esfolada e irreconhecível. Sem a pele e sem os membros, está prestes a se tornar uma vaca. Eles vêem como um operador levanta a pele que foi removida por uma máquina e a estica cuidadosamente em caixas compridas.

Eles continuam andando. As janelas alongadas agora estão voltadas para a sala intermediária ou de corte. Corpos esfolados se movem nos trilhos. Os operadores fazem um corte preciso do púbis ao plexo solar. O mais alto pergunta por que há dois trabalhadores para cada corpo. Ele responde que uma faz o corte e a outra costura o ânus para evitar qualquer expulsão que contamine o produto. O outro ri e diz: "Eu não gostaria de ter esse emprego". Ele acha que nem mesmo aquele emprego lhe daria. O mais alto também está se cansando do outro e o olha com desprezo.

Os intestinos, estômagos, pâncreas caem sobre uma mesa de aço inoxidável e são levados para a sala do intestino pelos funcionários.

Corpos abertos se movem nos trilhos. Em outra mesa um operador corta a cavidade superior. Retire os rins, o fígado, separe as costelas, corte o coração, o esôfago e os pulmões.

Eles continuam andando. Chegam à sala da triperia. Há mesas de aço inoxidável com tubos por onde sai a água. Nas mesas há vísceras brancas. Os operadores os movem e as vísceras deslizam na água. Parecem um mar fervendo lentamente, movendo-se em seu próprio ritmo. Os funcionários revisam, limpam, descobrem, desmontam, qualificam, cortam, calibram e armazenam. Eles vêem como os trabalhadores levantam os intestinos e os cobrem com camadas de sal para armazená-los em caixotes. Eles vêem como eles soltam a gordura mesentérica. Eles vêem como eles injetam ar comprimido nas entranhas para verificar se há furos. Eles vêem como lavam os estômagos e os cortam para que saia um conteúdo amorfo, entre marrom e verde, que é descartado. Eles vêem como limpam aqueles estômagos vazios e quebrados, como

secam, reduzem, cortam em tiras e as comprimem para ficarem como uma esponja comestível.

Em outra sala, menor, eles veem as entranhas vermelhas penduradas em ganchos. Eles os revisam, lavam, certificam, armazenam.

Ele sempre se pergunta como seria passar grande parte do dia colocando corações humanos em uma caixa. O que esses trabalhadores vão pensar? Estarão cientes de que o que têm nas mãos estava batendo há alguns instantes? Eles vão se importar? E então ele pensa que também dedica grande parte de sua vida a supervisionar como um grupo de pessoas, sob suas ordens, massacra, eviscera e esquarteja mulheres e homens da maneira mais natural. Pode-se acostumar com quase tudo, exceto a morte de uma criança.

Quantas cabeças eles têm que matar por mês para ele pagar a casa de repouso de seu pai? Quantos humanos eles têm que sacrificar para ele esquecer como ele colocou Leo na cama, o aconchegou, cantou uma música para ele e acordou morto no dia seguinte? Quantos corações precisam ser encaixotados para que a dor se transforme em outra coisa? Mas a dor, ele sente, é a única coisa que o mantém respirando.

Sem tristeza, você não tem mais nada.

14

Ele explica aos candidatos que estão chegando ao fim do processo de abate. Eles vão para a sala onde o gado é dividido. Através de uma pequena janela quadrada, eles podem ver uma sala mais estreita, mas tão branca e iluminada quanto as anteriores. Dois homens com motosserras, vestidos com roupas regulamentadas, mas usando capacetes e botas de plástico pretas, cortaram os corpos ao meio. Eles têm viseiras de plástico que cobrem seus rostos. Eles parecem focados. Outros funcionários verificam e armazenam as colunas vertebrais que foram removidas antes do corte.

Um dos serradores olha para ele e não o cumprimenta. É Pedro Manzanillo. Ele pega a motosserra e corta um corpo com mais força, parece que com raiva, mas faz com precisão. Ele sabe que sua presença sempre incomoda Manzanillo. Tente não atravessá-lo, mas é inevitável.

Ele explica aos candidatos que, após o corte, as carcaças são lavadas, inspecionadas, lacradas, pesadas e colocadas na câmara de aeração para que recebam bastante frio. "Mas, com o frio, a carne não fica dura?", pergunta o outro. Ele explica os processos químicos pelos quais a carne, graças ao frio, fica macia. Nomeie palavras como ácido láctico, miosina, ATP, glicogênio, enzimas. O outro assente como se entendesse.

“Nosso trabalho termina quando as diferentes partes do produto são transportadas para seus respectivos destinos”, diz ele para encerrar o passeio e sair para fumar.

Manzanillo deixa a motosserra sobre uma mesa e volta a olhar para ele. Ele segura o olhar dela porque sabe que fez o que tinha que fazer e não se sente culpado. Manzanillo trabalhava com outro serrador que se chamava Elenci, porque era como uma enciclopédia. sabia o significado das palavras

complexo e nos intervalos ele estava sempre lendo um livro e quando, no início, eles riam, ele lhes contava o enredo do que estava lendo e todos ficavam fascinados ao ouvi-lo. Com Manzanillo eram como irmãos. Eles moravam no mesmo bairro, as mulheres e as crianças eram amigas. Eles vieram para trabalhar juntos e formaram uma boa equipe. Mas Elenci começou a mudar. Pouco a pouco. A princípio só ele percebeu. Eu o vi mais quieto. Durante os intervalos, ficava olhando a fazenda nas jaulas de descanso. Abaixo do peso. Ele tinha olheiras. Ele começou a levar tempo cortando o gado. Ficou doente e faltou ao trabalho. Um dia ele o confrontou e perguntou o que estava acontecendo com ele, mas Elenci não lhe disse nada. No dia seguinte, parecia que tudo estava de volta ao normal e por um tempo ele achou que estava bem. Até que uma tarde Elenci anunciou que estava fazendo uma pausa, mas pegou a motosserra sem que ninguém percebesse. Ele foi até as gaiolas de descanso e começou a abri-las. Ele ameaçou todos os operadores que vieram para detê-lo com a motosserra. Algumas cabeças escaparam, mas a maioria permaneceu nas gaiolas. Eles estavam confusos e aterrorizados. Elenci gritou com eles: "Eles não são animais. Eles vão matá-los. Corre. Eles têm que escapar", como

se as cabeças pudessem entender o que ele lhes disse. Alguém conseguiu atingi-lo com uma maça e ele caiu inconsciente. Sua ação subversiva só conseguiu atrasar a tarefa por algumas horas. Os únicos que se beneficiaram foram os funcionários que conseguiram fazer uma pausa nas tarefas e se distrair com a interrupção. As cabeças que escaparam não foram muito longe e foram devolvidas às gaiolas.

Ele teve que demitir Elenci porque alguém quebrado não pode ser consertado. No entanto, ele

falou com Krieg para gerenciar e pagar por atendimento psicológico, mas depois de um mês Elenci se suicidou. A esposa e os filhos tiveram que deixar o bairro e, desde então, Manzanillo olha para ele com verdadeiro ódio. Ele o respeita por isso. Ele vai se preocupar quando parar de olhar para ele, quando o ódio não o segurar mais. Porque o ódio dá força para continuar, mantém a estrutura frágil, entrelaça os fios para que o vazio não ocupe tudo. Eu gostaria de poder odiar alguém pela morte de seu filho. Mas quem você pode culpar por uma morte súbita? Ele tentou odiar a Deus, mas ele não acredita em Deus. Ele tentou odiar toda a humanidade por ser tão frágil e efêmera, mas não conseguiu sustentar, porque odiar a todos é o mesmo que

odeio ninguém. Ela também deseja poder quebrar como Elenci, mas seu colapso nunca termina.

O outro está calado, com o rosto colado à janela, observando como os corpos são cortados em dois. Ele tem um sorriso que não esconde mais. Ele gostaria de poder sentir isso. Eu gostaria de poder sentir felicidade, ou excitação, quando ele decide promover um operador que lavava sangue do chão a órgãos de triagem e boxe. Ou gostaria, pelo menos, que tudo lhe fosse indiferente. Ele o olha melhor e vê que o outro tem um celular escondido que ele esconde com a jaqueta. Como é possível se os seguranças os verificam, pedem seus telefones celulares e dizem que não podem filmar ou tirar fotos? Ele se aproxima e pega seu celular. Ele joga no chão, quebra. Ele agarra seu braço com força e sussurra em seu ouvido com raiva reprimida: “Não venha mais aqui. Vou enviar seus dados e sua foto para todas as geladeiras que conheço. O outro se vira e em nenhum momento há surpresa, nem vergonha, nem palavras. Ela olha para ele descaradamente e sorri para ele.

quinze

Leve os candidatos até a saída. Antes, ele liga para o chefe da segurança e diz para ele levar o outro. Ele explica o que aconteceu e o chefe de segurança diz para ele ficar calmo, ele vai cuidar disso. Ele diz a ela que eles têm que conversar mais tarde, que isso não deveria ter acontecido. Faça uma nota mental para discutir isso com Krieg. Terceirização de segurança é um erro, eu já te disse isso, mas você vai ter que dizer de novo.

O outro não sorri mais, mas também não resiste quando o levam embora.

Ele dispensa o mais alto com um aperto de mão e diz: "Nós ligaremos para você". O mais alto agradece sem muita convicção. Sempre acontece, ele pensa, mas outra reação seria estranha.

Ninguém que é realmente são ficaria feliz em fazer tal trabalho.

16

Ele fica do lado de fora fumando antes de subir e passar os relatórios para Krieg. Seu celular toca. É a sogra dela. Ele atende e diz "alô, Graciela" sem olhar para a tela, mas do outro lado há um silêncio sério e intenso. Então você sabe que é Cecilia.

-Oi Marcos.

É a primeira vez que ela liga para ele desde que foi para a casa da mãe. Ele a vê emaciada.

-Olá.

Você sabe que vai ser uma conversa difícil. Ele dá outra tragada no cigarro.

-Como vai?

"Aqui na geladeira. Você?

Ela demora muito para responder.

"Sim, eu vejo que você está lá.

Mas ele não está olhando para a tela. Ela fica em silêncio por alguns segundos e, sem olhá-lo nos olhos, diz:

"Ruim, eu ainda sou ruim." Acho que ainda não posso voltar.

"Por que você não me deixa te visitar?"

-Eu preciso ficar sozinho.

-Saudade de você.

As palavras são um buraco negro, um buraco que absorve qualquer som, qualquer partícula, qualquer respiração. Ela não lhe responde. Ele diz a ela:

-Isso aconteceu comigo também. Eu também perdi.

Ela chora silenciosamente. Ela cobre a tela com uma mão e ele ouve enquanto ela sussurra "Eu não aguento mais". Há um abismo, uma queda livre com bordas.

Ela entrega o telefone para a mãe.

-Oi Marcos. É muito ruim, perdoe-a.

"Sim, Graça, está tudo bem.

-Te mando um beijo. Vai ser melhor. E eles cortaram.

Ele fica sentado mais um pouco. Os funcionários passam e olham para ele, mas não o incomodam. Fica numa das zonas de descanso, ao ar livre, onde se pode fumar. Observe como as copas das árvores se movem com o vento que alivia um pouco o calor. Ele gosta do ritmo, do som das folhas colidindo umas com as outras. São poucas, quatro árvores no meio do nada, mas estão grudadas.

Ele sabe que Cecilia nunca será melhor. Ele sabe que está quebrado, seus pedaços não têm possibilidade de união.

A primeira coisa que ele lembra é a medicação na geladeira. Como eles levaram em um recipiente especial tomando cuidado para não cortar a cadeia de frio, excitados, muito endividados. Ele se lembra da primeira injeção que ela lhe pediu na barriga. Ela dera milhões, trilhões, incontáveis injeções, mas queria que ele inaugurasse o ritual, a origem de tudo. Sua mão tremia um pouco porque não queria que ela sentisse dor, mas ela lhe disse: "Dê, injete, ame, dê seu coração, nada acontece". Ela pegou uma dobra na barriga e ele injetou nela e ela sentiu dor, sim, porque a medicação estava fria e ela sentiu entrando no corpo, mas ela escondeu com um sorriso porque era o começo da possibilidade, do futuro.

As palavras de Cecília eram como um rio de luzes, uma torrente aérea, pareciam vaga-lumes brilhantes. Ela lhe disse, quando eles ainda não sabiam que iam ter que recorrer ao tratamento, que ela queria que seus filhos tivessem os olhos dele mas o nariz dela, a

boca dele mas o cabelo dela. Ele estava rindo porque ela estava rindo, e com o riso dela, o pai e a casa de repouso, a geladeira e as cabeças, o sangue e os baques do atordoador desapareceram.

A outra imagem que lhe parece uma explosão é a do rosto de Cecilia quando ela abriu o envelope e viu os resultados do estudo antimülleriano. Não entendi, um número tão baixo? E olhou para o papel sem

dizer qualquer coisa, até que falou bem baixinho: "Sou jovem, deveria produzir mais óvulos", mas disse isso desnorteadada porque ela, que era enfermeira, sabia que a juventude não era garantia de nada. Ela olhou para ele pedindo ajuda com os olhos e ele pegou o papel, dobrou e deixou sobre a mesa e disse para ela não se preocupar, que tudo ficaria bem. Ela começou a chorar e ele apenas a abraçou e beijou sua testa e rosto enquanto dizia "vai ficar tudo bem", mesmo sabendo que não estava.

Depois vieram mais injeções, pílulas, óvulos de má qualidade, banheiros e telas com mulheres nuas e a pressão de encher o copo de plástico, batizados que elas não compareceram, a pergunta "e quando o primeiro filho?" isso se repetia ad nauseam, salas de cirurgia onde não deixavam ele entrar para segurar a mão dela para que ela não se sentisse tão sozinha, mais dívidas, bebês de outras pessoas, de quem podia, retenção de líquidos, mudanças de humor, discussões sobre o possibilidade de adoção, telefonemas do banco, aniversários dos filhos dos quais eles queriam fugir, mais hormônios, fadiga crônica e mais óvulos que não foram fecundados, choros, palavras ofensivas, dias das mães silenciosos, a esperança de um embrião, a lista de possíveis nomes: Leonardo se fosse homem, Aria se fosse mulher,

17

Chegar tarde em casa.

Abra a porta do galpão. Ele vê que a fêmea está enrolada, dormindo. Ele muda sua água e reabastece sua comida. Ela acorda assustada com o som de comida equilibrada batendo contra a placa de metal. Não chega perto. Ela olha para ele com medo.

Ele acha que tem que dar banho nela, mas não agora, não hoje. Hoje ele tem algo mais importante para fazer.

Ele sai do galpão e deixa a porta aberta. A fêmea o segue lentamente.

A corda a detém na entrada do galpão.

Ele entra na casa e vai direto para o quarto do filho. Ele pega o berço e o deixa no meio da grama. Entre no galpão e procure o machado e o querosene. A fêmea fica ali, olhando para ele.

Ele fica paralisado ao lado do berço no meio da noite estrelada. Aquelas luzes no céu, com toda a sua beleza terrível, o esmagam. Ele entra na casa e abre uma garrafa de uísque.

Ele fica ao lado do berço e não chora. Ele olha para ela e bebe da garrafa. Use o machado primeiro. Você precisa destruí-lo. Ele a quebra ao lembrar dos pezinhos de Leo em suas mãos, ele acabou de nascer.

Então ele joga querosene nele e acende um fósforo. Beba mais. O céu parece um oceano parado.

Veja como os desenhos pintados à mão desaparecem. O urso e o pato abraçados queimam, perdem a forma, evaporam.

Ele vê a mulher olhando para ele. Ela parece fascinada pelo fogo. Ele entra no galpão e a fêmea se enrola, assustada. Ele fica balançando. A fêmea treme. E se ele a destruir também? É seu, você pode fazer o que quiser. Ele pode matá-la, pode matá-la, pode fazê-la sofrer. Ele agarra

o machado. Ele a olha em silêncio. Essa fêmea é um problema. Pegue o machado. Ele se aproxima e corta a corda.

Ele sai e se deita na grama sob o silêncio daquelas luzes no céu, milhões, congelados, mortos. O céu é feito de vidro, um vidro opaco e sólido. A lua parece um deus estranho.

Ele não se importa mais com a fuga da fêmea. Ele não se importa mais com o retorno de Cecilia.

A última coisa que ele vê é a porta do galpão e a fêmea, aquela mulher, que olha para ele. Parece que ele chora. Mas ele não consegue entender o que está acontecendo, ele não sabe o que é um berço. Não sabe nada.

Quando restam apenas brasas, ele já está dormindo na grama.

18

Ele abre os olhos, mas os fecha novamente. A luz o machuca. Ele tem dor de cabeça. Tem calor. Você sente pontos na têmpora direita. Ele fica parado, tentando se lembrar por que está do lado de fora. Uma imagem difusa vem à mente. Uma pedra no peito. Essa é a imagem. É o sonho que ele teve. Ele se senta com os olhos ainda fechados. Ele tenta abri-los, mas não consegue. Ele descansa a cabeça nos joelhos e os abraça. Ele fica quieto por alguns segundos. Sua mente está em branco, até que ele se lembra do sonho com uma clareza aterrorizante.

Ande nu em uma sala vazia. As paredes estão manchadas de umidade e algo marrom que parece sangue. O chão está sujo e quebrado. O pai está em um canto, sentado em um banco de madeira. Ele está nu e olha para o chão. Ele tenta se aproximar, mas não consegue se mexer. Ele tenta ligar para ele, mas não consegue falar. No outro canto está um lobo comendo carne. Toda vez que ele olha para ele, o lobo levanta a cabeça e rosna. Ele mostra suas presas. O que o lobo está comendo se move, está vivo. Parecer melhor. É o filho dele, chorando sem fazer barulho. Ele se desespera. Ele quer salvá-lo, mas está imóvel, mudo. Experimente gritar. O pai se levanta e anda em círculos pela sala, sem olhar para ele, sem olhar para o neto sendo despedaçado pelo lobo. Chora sem chorar,

grita, quer sair do corpo mas não consegue. Um homem aparece com uma serra. Pode ser Manzanillo, mas ele não consegue ver seu rosto. Está borrado. Há uma luz, um sol pendurado no teto. O sol se move, criando uma elipse de luz amarela. Pare de pensar no filho, como se ele nunca tivesse existido. O homem que poderia ser Manzanillo corta o peito. Ele abre. Ele não sente nada. Verifique se o trabalho está bem feito. Ela aperta a mão dele para parabenizá-lo. Sérgio entra e o olha com atenção. Ele parece muito focado. Ele não fala com ele. Ele parece muito focado. Ele não fala com ele. Ele parece muito focado. Ele não fala com ele.

Ele se inclina e coloca a mão no peito dela. Verifique, mova os dedos, mexa. Isso arranca seu coração. Coma um pedaço. O sangue jorra de sua boca. O coração continua a bater, mas Sergio o derruba no chão. Enquanto o esmaga, ele sussurra em seu ouvido: "Não há nada pior do que não ser capaz de se ver." Cecilia entra na sala com uma pedra preta. Ela tem cara de Spanel, mas ele sabe que é Cecilia. Sorriso. O sol se move mais rápido. A elipse é ampliada. A pedra brilha. tarde. O lobo uiva. O pai fica olhando para o chão. Cecilia abre mais o peito e insere a pedra. Ela é linda, nunca a vi tão radiante. Ela se vira, ele não quer que ela vá. Ele tenta ligar para ela, mas não consegue. Cecilia olha para ele alegremente, pega uma maça e o atordoa, bem no centro da testa. Ele cai,

Levante a cabeça e abra os olhos. Ele os fecha novamente. Ele nunca se lembra de sonhos, não tão claramente. Junte as mãos atrás do pescoço. É apenas um sonho, ele pensa, mas uma sensação de instabilidade o percorre. Um medo arcaico.

Ele olha para o lado e vê as cinzas do berço. Ele olha para o outro lado e vê a fêmea deitada bem perto de seu corpo. Ele fica assustado, mas balança e se senta novamente. O que eu fiz? Por que está solto? Por que ele não fugiu? O que ele está fazendo dormindo ao meu lado?

Dormir enrolado. Parece calmo. A pele branca da fêmea brilha ao sol. Ele vai tocá-la, quer tocá-la, mas a fêmea treme um pouco, como se estivesse sonhando, e estende a mão. Ele olha para a testa dela, marcada pelo fogo. O símbolo da propriedade, do valor.

Ele olha para o cabelo liso dela que ainda não foi cortado e vendido. É longo, é sujo.

Há uma certa pureza em não poder falar, pensa enquanto com um dedo traça o contorno do ombro, do

braço, do quadril, das pernas até chegar aos pés. Ele não a toca. O dedo está a um centímetro da pele, a um centímetro das siglas PGP que estão espalhadas por todo o corpo. Ela é linda, pensa ele, mas tem uma beleza inútil. Não por ser bonito vai ser mais gostoso. Ele não se surpreende com esse pensamento, nem mesmo se detém nele. É o que ele pensa sempre que se depara com uma cabeça que

Ele chama sua atenção na geladeira. Alguma fêmea que se destaca entre as muitas que por ali passam todos os dias.

Ele se deita ao lado dela, bem perto, sem tocá-la. Sinta o calor do corpo, respiração lenta e pausada. Ele se aproxima um pouco. Respire no seu próprio ritmo. Devagar, mais devagar. Sinta seu cheiro. É forte porque é sujo, mas ela gosta, parece o perfume inebriante de jasmim, selvagem e forte, alegre. Sua respiração acelera. Há algo que o excita, essa proximidade, essa possibilidade.

Ele pula. A fêmea acorda assustada e o olha confusa. Ele a agarra pelo braço e gentilmente, mas decisivamente a leva para o galpão. Ele fecha a porta e entra na casa. Ele toma um banho rápido, escova os dentes, se troca, toma duas aspirinas e entra no carro.

Hoje é seu dia de folga, mas ele dirige até a cidade, sem pensar, sem parar.

Ele chega ao açougue Spanel. É muito cedo e ainda não está aberto. Mas ele sabe que ela dorme lá. Ele toca a campainha e abre o Cachorro. Ele o empurra sem cumprimentá-lo e vai direto para o quarto atrás dele. Fecha a porta. Ele trava.

Spanel está de pé ao lado da mesa de madeira, muito calma, como se estivesse esperando por ele. Ela não parece surpresa. Ele está segurando uma faca com a qual está cortando um braço pendurado em um gancho. Parece muito fresco, como se tivesse sido roubado de alguém momentos atrás. Não é um braço de uma geladeira porque não é sangrado ou esfolado. A mesa tem sangue, o chão também. As gotas caem lentamente. Uma poça está se formando e o som de gotas caindo da mesa e batendo no chão é a única coisa que se ouve.

Se aproxima. Ele parece que vai dizer alguma coisa para ele, mas ele coloca a mão no cabelo e agarra Spanel pela nuca. Ele a abraça com força e a beija. O beijo é voraz, a princípio, furioso. Ela tenta resistir, mas só um pouco. Ele arranca seu avental manchado de sangue e a beija novamente. Ele a beija como se quisesse quebrá-la, mas o faz lentamente. Ele tira a camisa enquanto morde o pescoço. Ela arqueia, treme, mas não emite nenhum som. Ele o vira e o joga contra a mesa. Ele abaixa as calças e desliza para baixo. Ela respira com dificuldade esperando, mas ele decide que vai fazê-la sofrer, que quer entrar lá, atrás do frio, atrás das palavras.

afiado. Spanel olha para ele perguntando, quase implorando, mas ele a ignora. Ele caminha até a outra ponta da mesa, a agarra pelos cabelos e a força a abrir o zíper de sua calça jeans com a boca. O sangue que escorre do braço cai bem perto da borda da mesa, entre os lábios dela e a virilha dele. Ele tira as botas, depois a calça jeans e, finalmente, a camisa. Ele fica nu. Ele caminha até a beirada da mesa. O sangue o mancha. Ele aponta para ela onde limpar, onde a carne está dura. Ela obedece e lambe. Cuidadosamente no início, depois desesperadamente, como se o sangue que mancha tudo fosse pouco e precisasse de mais. Ele agarra o cabelo dela com mais força e gesticula para ela ir mais devagar. Ela obedece.

Ele quer que ela grite, que sua pele deixe de ser um mar parado e vazio, que as palavras se rompam, se dissolvam.

Ele vai para o outro lado da mesa. Ele tira a calça dela, arranca a calcinha e abre as pernas. Ele ouve um barulho e vê o Cão olhando pela janela da porta. Parece-lhe bem que cumpra o seu papel de animal fiel, de servo dócil que protege o seu dono. Ele gosta daquele olhar cego, da chance de que o Cão o ataque de uma vez por todas.

Dá um único empurrão, exatamente. Ela fica em silêncio, treme, se detém. O sangue continua a pingar da mesa.

O Cão quer abrir a porta. Está fechada. Ele pode ver a raiva, ele a sente no ar. Veja as presas nos olhos. Ele gosta do desespero do Cão de Caça e, sem tirar os olhos dele, puxa o cabelo de Spanel. Ela silenciosamente arranha a mesa e suas unhas estão manchadas de sangue.

Ele a vira e se afasta alguns passos. Olha para ela. Senta-se em uma cadeira. Spanel se aproxima e fica

bem em cima de suas pernas. Mas ele se levanta de repente, derruba a cadeira com o puxão, a levanta e a esmaga com o corpo contra uma das portas de vidro. Dentro há mãos, pés, um cérebro. Ela o beija com angústia, com solenidade.

Spanel envolve as pernas em volta da cintura dela e agarra seu pescoço com as mãos. Ele a pressiona ainda mais contra o vidro. Ele a penetra, agarra seu rosto e a olha diretamente nos olhos. Ele se move lentamente e não para de olhar para ela. Ela fica desesperada, balança a cabeça, quer soltar, mas ele não deixa. Ele sente sua respiração falhar, quase em agonia. Quando ela para de se contorcer, ele a acaricia e a beija e continua a se mover lentamente. Então

Spanel grita, grita como se o mundo não existisse, grita como se as palavras se dividissem em duas e perdessem todo o sentido, grita como se houvesse outro inferno sob o inferno, do qual ele não quer escapar.

Ela se veste enquanto Spanel, nu, fuma um cigarro sentado na cadeira.

Ele sorri, mostrando todos os dentes.

O Cão ainda está observando da janela da porta. Spanel sabe que está do outro lado, mas o ignora.

Ele sai sem dizer olá.

19

Ele entra no carro. Acenda um cigarro. Está prestes a começar quando o celular toca. É a irmã dela.

-Olá.

Oi Marcos, onde você está? Eu vejo prédios. Você está na cidade?

Sim, eu vim para alguns papéis.

"Depois cheguei em casa para almoçar.

"Não, eu tenho que ir trabalhar.

— Marcos, sei perfeitamente que hoje é seu dia de folga, foi o que me disse a senhora que me atendeu quando liguei para a geladeira. Não te vejo há muito tempo.

Ele prefere isso antes de voltar para a casa onde a fêmea está.

-Tudo bem eu vou.

— Vou preparar uns rins especiais marinados em limão com ervas que você vai chupar nos dedos.

"Não estou comendo carne, Marisa.

A irmã olha para ele com surpresa e alguma desconfiança.

"Você não se transformou em um daqueles veganóides, não é?"

— É um problema de saúde, o médico recomendou. É por pouco tempo.

-Mas o que há de errado com você? Não me assuste, Mark.

-Nada sério. O colesterol me deu um pouco alto, nada mais.

— Bem, algo vai me ocorrer, mas venha eu quero ver você.

Não é por uma questão de saúde. Desde que seu filho morreu, ele não comeu carne novamente.

A perspectiva de vê-la o oprime antecipadamente. É um procedimento que você cumpre quando não tem outra escolha. Ele não sabe quem é sua irmã, não

de verdade.

Dirija lentamente pela cidade. Tem gente, mas é uma cidade que parece deserta. Não só porque a população foi reduzida, mas porque como não há animais há um silêncio que ninguém ouve mas que está lá, o tempo todo, ecoando. Essa estridência silenciosa é perceptível nos rostos, nos gestos, no modo como se olham. Parece que todos vivem detidos, como se esperassem o fim do pesadelo.

Ele chega na casa de sua irmã. Ele sai do carro e toca a campainha com alguma resignação.

Olá, Marcos!

As palavras de sua irmã são como caixas cheias de papel em branco.

Ela o abraça suavemente e rapidamente.

"Dê-me o seu guarda-chuva."

-Não tenho.

"Você está louco?" Como você não tem?

-Não, não tenho. Eu moro no meio do país e nada acontece com os pássaros, Marisa. Só as pessoas da cidade vivem paranoicas.

"Entre rápido, sim?"

A irmã o empurra olhando para os lados. Ele teme que os vizinhos vejam seu irmão sem guarda-chuva.

Ele sabe que vai cumprir o ritual que consiste em falar de frivolidades, em Marisa insinuar que não pode cuidar do pai, em dizer-lhe que não precisa se preocupar, em ver dois desconhecidos que são seus sobrinhos e em que ela aplaca a culpa por mais seis meses até que tudo se repita.

Eles vão para a cozinha.

"Como você está, Marcos?"

Ele odeia quando o chama de Marquitos. Use o diminutivo para expressar uma cota de afeto que você não sente.

-Bom.

-Melhor?

Ela olha para ele com uma certa pena e condescendência, que é a única maneira que ela olhou para ele desde que perdeu o filho.

Ele não a responde. Ele apenas acende um cigarro.

— Desculpe, mas aqui não, viu? Você enche minha casa de cheiro.

As palavras de sua irmã se empilham umas sobre as outras como arquivos que contêm arquivos que estão dentro de arquivos. Apague o cigarro.

Ele quer ir.

-A comida está pronta. Estou esperando que Esteban me confirme.

Stephen é o marido. Ele sempre se lembra dele curvado e com um rosto cheio de contradições que ele tenta esconder com um meio sorriso. Ele acredita que é um homem preso às circunstâncias, com uma mulher que é um monumento à simplicidade e com uma vida da qual se arrepende de ter escolhido.

-Que pena! Esteban acaba de me responder que não vem porque está muito ocupado.

-É claro.

"Os meninos estão voltando da escola."

Os meninos são seus dois sobrinhos. Ele acredita que ela nunca se interessou pela maternidade, que ela os teve porque ter filhos é um dos projetos que fazem parte do desenvolvimento natural da vida, da mesma forma que fazer uma festa de quinze anos, casar, reformar a casa e comendo carne.

Ele não a responde. Ele não está interessado em vê-los. Ela lhe serve limonada com hortelã e coloca um prato embaixo do copo dele. Pegue um pouco e abaixe o copo. A limonada tem sabor artificial.

"Como vai, Marquitos? Sério."

Ela toca a mão dele levemente e inclina a cabeça, reprimindo pena, mas não o suficiente para ele perceber que ela sente. Ele olha para os dedos em sua mão e pensa que há alguns minutos aquela mão estava agarrando a nuca de Spanel.

-Bom.

"Por que você não tem um guarda-chuva?"

Ele suspira um pouco e pensa que, novamente, ele vai ter a mesma discussão de todos os anos.

-Não preciso. Ninguém precisa disso.

"Todo mundo precisa. Existem áreas que não possuem telhados de proteção construídos. Você quer morrer?"

— Marisa, você acha mesmo que se um pássaro cagar na sua cabeça você vai morrer?

-Sim.

— Repito, Marisa, no campo, na geladeira, ninguém usa guarda-chuva, ninguém pensa nisso. Não seria mais lógico pensar que se você for picado por um mosquito, que poderia ter picado um animal antes, você pode pegar o vírus?

— Não, porque o governo diz que não há perigo com mosquitos.

— O governo quer administrar você, é a única coisa para que ele existe.

— Todo mundo aqui sai com guarda-chuva. É o mais lógico.

— Você não achou que talvez a indústria guarda-chuva tenha visto uma oportunidade e chegou a um acordo com o governo?

"Sempre pensando em conspirações que não existem."

Ela bate o pé no chão. Lentamente, o barulho quase não é ouvido, mas ele a conhece e sabe que esse é o limite dela para ter uma discussão, especialmente porque ela não tem um pensamento independente, portanto, não pode sustentar nenhuma discussão.

— Não vamos discutir, Marcos.

-Não Claro.

Ela desdobra a tela virtual na mesa da cozinha com os dedos. Uma foto das crianças aparece no menu. Toques. Uma janela se abre onde você pode ver seus sobrinhos, quase adolescentes, andando na rua com um guarda-chuva de ar.

-Quanto você toma?

-Já chegamos.

Ela fecha a tela virtual e olha para ele nervosamente. Ele não sabe o que falar.

— Esses guarda-chuvas foram dados por seus avós, que os estragam, você não faz ideia. Eles me pedem há anos, mas são tão caros. Quem pode pensar em fazer um guarda-chuva com propulsão a ar? Mas eles são felizes, são a inveja de todos os seus pares.

Ele não responde e olha para um quadro pendurado na cozinha que projeta imagens. São ainda vidas de má qualidade. Frutas em cestos, laranjas repousando sobre uma mesa, desenhos seriados sem autor. Perto da pintura ele vê uma barata andando na parede. A barata desce até o balcão e desaparece atrás de um prato de pão.

—Os meninos estão encantados com um jogo virtual que seus avós lhes deram. Chama-se "Meu Animal de Estimação Real".

Ele não pergunta nada a ela. As palavras da irmã têm cheiro de umidade congelada, confinamento, frio compacto. Ela continua falando.

—Você pode criar seu próprio animal de estimação e realmente acariciá-lo, brincar com ele, alimentá-lo. Meu animal de estimação se chama Mishi, ele é um gato angorá branco. Mas ele é um cachorrinho porque não quero que ele cresça. Eu gosto de gatinhos, como todo mundo.

Ele nunca gostou de gatos. Nem os filhotes de gatos. Tome uma limonada, esconda o nojo que lhe dá e veja as naturezas-mortas passarem. Uma das imagens pisca e pixeliza. A caixa permanece preta.

—Os meninos criaram um dragão e um unicórnio. Mas já sabemos que eles vão se cansar rapidamente, como aconteceu com Bobby, o cachorro robô que compramos para eles. Estávamos economizando muito tempo para dar esse presente a eles e eles se cansaram depois de alguns meses. Bobby está na garagem, desligado. É muito bem feito, mas não é o mesmo que um cachorro real.

Sua irmã sempre o faz entender que eles não têm dinheiro, que vivem de maneira austera. Mas ele sabe que não é assim, ainda que o assunto não lhe interesse ou ele não tenha rancor porque ela não contribui com um centavo para o cuidado do pai.

— Fiz para você uma salada quente com legumes e arroz. Você acha que está tudo bem?

-Sim.

Ele percebe que perto da lavanderia há uma porta da qual não se lembrava. É o tipo de porta que é usada em casas onde as cabeças são levantadas. Mostra que

é novo, que não foi lançado. Atrás da porta há uma sala refrigerada. Agora ele entende por que a irmã o convidou. Ele vai pedir para você conseguir cabeças mais baratas para procriar.

Ruídos são ouvidos da rua e seus sobrinhos entram.

vinete

Os sobrinhos são gêmeos. Uma mulher e um homem. Eles mal falam e quando o fazem se comunicam em sussurros, com códigos secretos e tácitos. Ele os observa como se fossem um animal estranho composto de duas partes separadas, mas ativado por uma única mente. Sua irmã insiste em chamá-los de "os meninos", quando o mundo inteiro os chama de "os melli". Sua irmã e suas regras idiotas.

Os gêmeos sentam-se à mesa da sala de jantar sem cumprimentá-lo.

— Não cumprimentaram o tio Marquitos.

Ele se levanta da mesa da cozinha e caminha lentamente até a sala de jantar. Ele quer terminar o processo dessa visita obrigatória o mais rápido possível.

Olá, tio Marcos.

Dizem em uníssono, mecanicamente, imitando um robô. Eles contêm o riso, isso se mostra em seus olhos. Eles o encaram, sem piscar, esperando que ele reaja. Mas ele se senta na cadeira e se serve de água, sem prestar atenção neles.

A irmã serve a comida sem perceber nada. Ele pega o copo de água e deixa a limonada. «Esqueceu-se do copo da cozinha, Marquitos. Eu preparei especialmente para você."

Seus sobrinhos não são idênticos, mas aquela ligação de ferro encapsulada lhes dá um ar sinistro. Os gestos inconscientes que se duplicam, o olhar idêntico, os silêncios acordados geram desconforto. Ele sabe que eles têm uma linguagem secreta, algo que provavelmente nem a irmã sabe. Essas palavras que só os dois podem entender tornam os outros estrangeiros, desconhecidos, analfabetos. Os filhos de sua irmã também são um clichê: os gêmeos sinistros.

A irmã serve-lhe a refeição sem carne. Está frio. Ele não tem gosto.

-Está rico?

-Sim.

Os gêmeos comem os rins especiais de limão com ervas, com batatas e ervilhas provençais. Eles saboreiam a carne enquanto a observam com curiosidade. O homem, Estebancito, gesticula para a mulher, Maru. Ele sempre ri quando pensa no dilema catastrófico que teria sido para sua irmã ter duas mulheres ou dois homens. Chamar os filhos pelos nomes dos pais é tirar sua identidade, lembrá-los de quem eles pertencem.

Os gêmeos riem, sinalizam um para o outro, sussurram. Ambos têm cabelos sujos ou oleosos.

— Gente, por favor, vamos comer com o tio. Não seja rude. Tínhamos combinado com o papai que na mesa você não sussurra, você fala como adulto, certo?

Estebancito olha para ele com um brilho nos olhos, um brilho cheio de palavras como florestas de árvores quebradas e tornados silenciosos. Mas quem fala é Maru:

— Estamos adivinhando que gosto tio Marquitos teria.

A irmã pega a faca com a qual está comendo e a enfia na mesa. O som é furioso, rápido. A irmã diz: "Basta". Ele diz devagar, medindo a palavra, controlando-a. Os gêmeos a olham surpresos. Ele nunca viu tal reação em sua irmã. Ele a olha em silêncio. Ele mastiga um pouco mais de arroz frio, sentindo tristeza por toda a cena.

"Estou farto desse jogo. As pessoas não comem. Ou você é selvagem?"

A pergunta é feita por gritos. Ele olha para a faca cravada na mesa e corre para o banheiro, como se tivesse acordado de um transe.

Maru, ou Marisita como sua irmã a chama, olha para o pedaço especial de rim que ela está prestes a colocar na boca e sorri enquanto pisca para o irmão. As palavras de sua sobrinha são como vidro derretendo em um calor muito intenso, como corvos arrancando seus olhos em câmera lenta.

“Mamãe é louca.

Ela diz isso com a voz de uma menina, fazendo beicinho e movendo o dedo indicador em círculos em sua têmpora. Estebancito olha para ela e ri. Tudo parece muito engraçado. Ele diz:

—O jogo se chama «Exquisite Corpse», você quer jogar?

A irmã volta. Ela olha para ele com vergonha e uma certa resignação.

—Com licença. É um jogo que está na moda e eles não entendem que estão proibidos de jogá-lo.

Tome um pouco de água. Continue falando como se ele estivesse interessado em uma explicação que ele não pediu.

—O problema são as redes e os grupos virtuais, é daí que vêm essas coisas. Porque você vive desconectado, então você não entende nada.

Ele percebe que a faca ainda está presa na mesa. Ele a tira rapidamente como se nada tivesse acontecido, como se sua reação não tivesse sido desproporcional.

Ele sabe que se levantar e sair, fingindo-se ofendido, terá que repetir a operação em breve, porque sua irmã o convidará quantas vezes for necessário para se desculpar. Ele apenas responde:

— Acho que o sabor do Estebancito deve ser um pouco rançoso, como o de um porco engordado por muito tempo, e o de Maru deve ser parecido com o do salmão rosa, um pouco forte, mas rico.

Os gêmeos primeiro olham para ele sem expressão. Eles nunca provaram carne de porco ou salmão. Então eles sorriem divertidos. A irmã olha para ele e não diz nada, só consegue beber mais água e comer. As palavras ficam presas como se estivessem dentro de sacos plásticos comprimidos.

"Diga-me, Marquitos, você vende cabeças para pessoas físicas, para alguém como eu?"

Ele come o que ele acha que são vegetais. Ele não distingue o que está comendo, nem pela cor nem pelo sabor. Você sente um cheiro azedo no ar. Ele não sabe se está vindo de sua comida ou do cheiro da casa.

-Está me escutando?

Ele a olha por alguns segundos sem responder. Ele acha que desde que chegou ela não perguntou sobre seu pai.

-Não.

"Não foi isso que a secretária da geladeira me disse."

Ele decide que é hora de terminar a visita.

— Papai está bem, Marisa, sabe?

Ela olha para baixo e sabe que é o sinal de que seu irmão já teve o suficiente.

-Que alegria.

- Sim, uma alegria.

Mas ele decide ir mais longe porque ela passou dos limites quando decidiu ligar para o trabalho dele para fazer perguntas que não correspondem.

“Ele teve um episódio recentemente.

A irmã deixa os talheres no ar, pela metade, como se a surpresa fosse real.

-A sério?

-Sim. É controlado, mas de vez em quando acontece com ele.

-Claro claro.

Ele aponta para os sobrinhos com o garfo e diz, levantando um pouco a voz:

"Os meninos, seus netos, alguma vez visitaram você?"

A irmã olha para ele surpresa e com fúria reprimida. O contrato tácito não implica em humilhá-la e ele sempre o respeitou. Até aquele dia.

— Com escola, dever de casa, com a distância, é tão complicado pra gente.

Além disso, há o toque de recolher.

Maru vai dizer alguma coisa, mas a mãe toca sua mão e continua falando.

-Imagine que eles estão estudando na melhor escola, uma escola de excelência, do estado, claro, porque as particulares são muito caras. Mas se eles não estão no nível eles têm que ir para um salário que nós não podemos pagar.

As palavras da irmã são como folhas secas empilhadas em um canto, apodrecendo.

"Claro, Marisa. Eu mando saudações para o papai de todos, você acha?

Ele se levanta e sorri para os sobrinhos, mas não diz olá.

Maru olha para ele desafiadoramente. Ele come um pedaço de rim especial e diz com a boca aberta e quase gritando:

— Quero visitar o vovô, mamãe. Estebancito olha para ela divertido e retruca:

"Vamos, mãe, vamos, vamos."

A irmã os olha confusa, não entende a crueldade do pedido, não vê o riso reprimido.

"Bem, bem, talvez."

Ele sabe que não os verá por muito tempo e sabe que, se eles cortassem um braço de cada um e os comessem naquele momento na mesa de madeira, o sabor seria exatamente o que ele previra. Ele os olha diretamente nos olhos. Primeiro para Maru e depois para Estebancito. Ele olha para eles como se os estivesse saboreando. Eles se assustam e olham para baixo.

Caminhe direto para a porta. A irmã abre e o cumprimenta com um beijo rápido.

— Que bom ver você, Marcos. Pegue este guarda-chuva, faça-me um favor.

Ele abre o guarda-chuva e sai sem responder. Antes de chegar ao carro, ele vê uma lixeira. Jogue o guarda-chuva aberto. A irmã olha para ele da porta. Ele a fecha lentamente enquanto abaixa a cabeça.

vinte e um

Dirija até o zoológico abandonado.

Os almoços com a irmã sempre o incomodavam. Não o suficiente para deixar de ir, mas depois de vê-la, ele precisa ter calma para entender por que aquela pessoa que faz parte de sua família é do jeito que ele é, por que ele tem aqueles filhos, por que nunca amou ele ou seu pai.

Caminhe lentamente entre as jaulas dos macacos. Eles estão quebrados. As árvores que eles plantaram lá dentro estão secas. Leia um dos cartazes com letras desbotadas:

Howler

Monkey

Alouatta

caraya

Classe:

Mamífer

os

Ao lado da palavra "Mamíferos" há um desenho obsceno.

Ordem: Primatas

Família: Atetidae

(Cébidos)

Habitat:

Florestas.

Adaptação: As fêmeas têm a pelagem dourada ou amarelada, enquanto a do macho

As palavras que seguem estão borradas.

Eles têm um aparelho especial para a produção de sons. Eles têm um grande desenvolvimento da laringe e em particular do osso

*hióide, que forma uma grande cápsula que
amplifica seusvo
calizações.*

*Alimentação: Plantas,
insetos e frutas. Estado de
conservação: Fora de perigo*

A frase "Fora de perigo" é riscada com uma cruz.

*Distribuição: América Central do Sul. Do leste da
Bolívia e sul do Brasil ao norte da Argentina e
Paraguai.*

Há uma foto de um macaco bugio macho. Seu rosto está contorcido como se a câmera tivesse capturado o momento em que ele foi capturado. Alguém desenhou um círculo vermelho com uma cruz no centro.

Entre em uma das gaiolas. Há grama crescendo entre o cimento, cigarros e seringas no chão. Encontre ossos. Pense que eles podem ser do macaco, ou não. Eles podem ser de qualquer pessoa.

Ele sai da jaula e caminha por entre as árvores. Está quente e o céu está limpo. As árvores dão-lhe alguma sombra. Transpirar.

Ele se depara com um estande de vendas. Enfie a cabeça pelo buraco na porta. Encontre latas, papéis, sujeira. Entre e leia a lista de produtos pintados na parede: pelúcia leão Simba, pelúcia girafa Rita, pelúcia elefante Dumbo, copo do reino animal, coldre sagui. As paredes brancas têm grafites, frases, desenhos. alguém escreveu

«Sinto falta de animais» com letras pequenas e contidas. Outro riscou e escreveu: "Espero que você morra por um idiota".

Ele sai da cabine e acende um cigarro. Ele nunca vai ao zoológico. Ele sempre vai direto para a cova dos

leões e senta-se lá. Ele sabe que o zoológico é grande porque lembra que eles passearam com seu pai por horas.

Caminhe por piscinas vazias. São pequenas. Ele acha que eles mantinham as lontras lá, ou as focas. Ele não se lembra. Os cartazes foram derrubados.

Enquanto caminha, ele arregaça as mangas. Ele desabotoa todos os botões e o deixa aberto, solto.

Mais longe, ele vê gaiolas enormes e altas com cúpulas. Lembre-se do aviário. Os pássaros coloridos voando, o rebentar das penas, o aroma denso e frágil.

Chega às gaiolas, mas é uma só, dividida em partes.

Dentro há uma grande ponte flutuante coberta por uma cúpula de vidro que os visitantes podem andar dentro da gaiola. As portas estão quebradas. As árvores que plantaram na gaiola cresceram até quebrarem as cúpulas de vidro do telhado e a da ponte. Andar sobre folhas e vidros quebrados. Ele os sente esmagar sob suas botas. Vá para a escada onde você acessa a ponte flutuante. Sobe. Ele decide atravessá-lo. Ele caminha entre os galhos, pula sobre eles, os empurra. Em uma clareira ele olha para o teto e vê as copas das árvores e uma das cúpulas, a do centro. É a única que tem um vitral colorido com o desenho de um homem com asas, voando rente ao sol.

Ele sabe que é Ícaro e conhece seu destino. As asas são coloridas e o céu por onde voa está cheio de pássaros, como se lhe fizessem companhia, como se aquele humano fosse um deles. Com um galho com folhas que é arremessado, ele limpa um pouco o chão da ponte para se deitar e não se machucar com o vidro.

Algumas partes da cúpula estão quebradas, mas é a que sofreu menos danos por ser a mais alta e a que está mais distante dos galhos das árvores que ainda não a alcançam. Gostaria de ficar o dia todo deitado olhando o céu multicolorido. Ele gostaria de mostrar ao filho aquele aviário, tão vazio, quebrado. Ele se lembra, como um soco, dos telefonemas de sua irmã quando Leo morreu. Ele falava apenas com Cecilia como se ela fosse a única que precisasse de conforto. No funeral, enquanto chorava, abraçava os filhos como se temesse que eles também morressem de morte súbita, como se aquele bebê na gaveta tivesse a

capacidade de espalhar a morte. Ele olhou para todos como se o mundo tivesse se afastado alguns metros, como se aquelas pessoas que o abraçavam estivessem atrás de um vidro fosco. Ela não podia chorar, nem mesmo quando viu o pequeno caixão branco sendo baixado ao chão. Ele ficava pensando que gostaria de um caixão menos chamativo, que ele entendia que era branco por causa da pureza da criança dentro, mas será que somos tão puros assim quando viemos ao mundo? Pensou em outras vidas, pensou que talvez em outra dimensão, em outro planeta, em outro tempo pudesse conhecer seu filho e vê-lo crescer. E enquanto eu estava pensando em tudo isso e o como se aquele bebê na gaveta tivesse a capacidade de espalhar a morte. Ele olhou para todos como se o mundo tivesse se afastado alguns metros, como se aquelas pessoas que o abraçavam estivessem atrás de um vidro fosco.

Ela não podia chorar, nem mesmo quando viu o pequeno caixão branco sendo baixado ao chão. Ele ficava pensando que gostaria de um caixão menos chamativo, que ele entendia que era branco por causa da pureza da criança dentro, mas será que somos tão puros assim quando viemos ao mundo? Pensou em outras vidas, pensou que talvez em outra dimensão, em outro planeta, em outro tempo pudesse conhecer seu filho e vê-lo crescer. E enquanto eu estava pensando em tudo isso e o como se aquele bebê na gaveta tivesse a capacidade de espalhar a morte. Ele olhou para todos como se o mundo tivesse se afastado alguns metros, como se aquelas pessoas que o abraçavam estivessem atrás de um vidro fosco. Ela não podia chorar, nem mesmo quando viu o pequeno caixão branco sendo baixado ao chão. Ele ficava pensando que gostaria de um caixão menos chamativo, que ele entendia que era branco por causa da pureza da criança dentro, mas será que somos tão puros assim quando viemos ao

mundo? Pensou em outras vidas, pensou que talvez em outra dimensão, em outro planeta, em outro tempo pudesse conhecer seu filho e vê-lo crescer. E enquanto eu estava pensando em tudo isso e o Ela não podia chorar, nem mesmo quando viu o pequeno caixão branco sendo baixado ao chão. Ele ficava pensando que gostaria de um caixão menos chamativo, que ele entendia que era branco por causa da pureza da criança dentro, mas será que somos tão puros assim quando viemos ao mundo? Pensou em outras vidas, pensou que talvez em outra dimensão, em outro planeta, em outro tempo pudesse conhecer seu filho e vê-lo crescer. E enquanto eu estava pensando em tudo isso e o Ela não podia chorar, nem mesmo quando viu o pequeno caixão branco sendo baixado ao chão. Ele ficava pensando que gostaria de um caixão menos chamativo, que ele entendia que era branco por causa da pureza da criança dentro, mas será que somos tão puros assim quando viemos ao mundo? Pensou em outras vidas, pensou que talvez em outra dimensão, em outro planeta, em outro tempo pudesse conhecer seu filho e vê-lo crescer. E enquanto eu estava pensando em tudo isso e o em outra época ele poderia conhecer seu filho e vê-lo crescer. E enquanto eu estava pensando em tudo isso e o em outra época ele poderia conhecer seu filho e vê-lo crescer. E enquanto eu estava pensando em tudo isso e o

as pessoas jogavam rosas no caixão, sua irmã chorava como se aquele filho fosse dela.

Nem chorou depois, quando terminou o funeral simulado, o que, na época, ainda era esperado. Quando as pessoas foram embora e ficaram sozinhas, os funcionários do cemitério levantaram o caixão, retiraram a sujeira e as flores que haviam sido jogadas nele e o levaram para um quarto. Eles tiraram o corpo de seu filho do caixão branco e o colocaram em um caixão transparente. Os dois tinham que ver como aquele bebê entrava lentamente no forno que iria cremá-lo. Cecilia desmaiou e foi levada para outra sala com poltronas, preparada para esses ataques. Ele recebeu as cinzas e assinou os papéis certificando que seu filho havia sido cremado e que eles testemunharam a cremação.

Ele sai do aviário. Passar por alguns jogos para meninos. O slide está quebrado. Há uma gangorra com um dos assentos faltando. O carrossel em forma de topo ainda é verde, mas suásticas foram pintadas no piso de madeira. A caixa de areia tem grama e no meio alguém colocou uma cadeira bamba e a deixou ali, apodrecendo. Apenas uma das redes permanece. Ele se senta na rede e acende um cigarro. As correntes ainda podem segurá-lo. Ele dorme nas redes com as pernas tocando o chão, com movimentos leves. Então ele balança mais forte, tirando os pés e vê que no céu, ao longe, nuvens estão se formando.

Ele tira a camisa e amarra na cintura. Faz calor.

Perto dos jogos ele vê outra gaiola. Ele se aproxima e lê a placa pendurada.

*Cacatua de
crista amarela*

Cacatua
Galerita
Classe: Aves
Ordem: Famí
lia
Psitaciform
es:
Pcitacids

Alguém escreveu "Romina, eu te amo" em letras vermelhas na descrição do habitat.

Adaptação: Os machos têm olhos castanhos escuros, enquanto as fêmeas têm olhos vermelhos. Durante a corte, o macho levanta a crista e move a cabeça na figura oito enquanto vocaliza. Ambos os pais são responsáveis pela incubação e alimentação dos filhotes. Vivem cerca de 40 anos em estado selvagem e cerca de 65 em cativeiro (há um registo de mais de 120 anos).

O resto do pôster está rasgado, caído no chão, mas ele não se abaixa para pegá-lo.

Caminhe até um grande edifício. A moldura da porta está queimada. Ele entra em uma sala com janelas quebradas. Ele acha que havia um bar ou um restaurante lá. Há poltronas embutidas na parede que eles não conseguiam puxar. A maioria das mesas se foi, mas duas permanecem soldadas ao chão. Há uma construção alongada que poderia ter sido um bar.

Ele vê uma placa que diz "Serpentarium" e uma flecha. Ele caminha por alguns corredores escuros e estreitos até chegar a um espaço maior com janelas salientes. Ele vê outra placa pintada na parede que diz "Serpentarium, fique na fila e espere". Entre em uma sala com um teto alto parcialmente quebrado. Através dos buracos no telhado você pode ver o céu. Não há gaiolas. As paredes são divididas em compartimentos com vidro. Ele acha que eles são chamados de terrários. Os terrários têm vidros através dos quais podem ser vistas as diferentes cobras. Alguns dos vidros estão quebrados, outros se foram completamente.

Ele se senta no chão e pega um cigarro. Ele olha para os grafites e desenhos. Há um que chama sua atenção. Eles desenharam uma máscara, com bastante habilidade. Parece uma máscara veneziana. Ao lado

escreviam em grandes letras pretas: «A máscara da aparente tranquilidade, da placidez mundana, da pequena e brilhante alegria de não saber quando vai ser arrancada esta coisa que chamo pele, esta coisa que chamo boca vai perder a carne que a cerca, essa coisa que chamo de olhos vai esbarrar no silêncio negro de uma faca. Não está assinado. Ninguém o apagou ou desenhou nele, mas eles escreveram e desenharam em torno dele. Leia algumas das frases: «mercado negro», «arranca isto para mim», «carne com nome e apelido, o mais rico!», «alegria?,

pequeno e brilhante? a sério? LOL!", "que poema legal!!", "depois do toque de recolher podemos comer você", "este mundo é uma merda", "YOLO",

"Ah, coma de mim, coma da minha carne / Ah, entre canibais / Ah, aproveite o tempo para / me desmoronar / Ah, entre canibais / Soda Stereo para todo o sempre."

Ele está tentando lembrar o que "YOLO" quis dizer quando ouve um barulho. Ele fica parado. É um choro fraco. Ele se levanta e caminha pelo serpentário até chegar a uma das maiores janelas. Está intacto.

Não posso dizer muito de nada. Há galhos secos no chão, sujeira.

Mas ele vê uma figura se movendo. De repente, ele vê uma cabecinha que se ergue. Tem um focinho preto e duas orelhas marrons. Então ele vê mais uma cabeça e outra e outra.

Ele olha pensando que está vendo uma alucinação. Então ele sente vontade de quebrar o vidro para tocá-los. No começo ele não consegue descobrir como eles chegaram lá, mas então ele percebe que existem três terrários conectados com portas, dois deles com vidro quebrado. Eles não estão no nível do solo, então você tem que subir para entrar. Ele fica de quatro para passar pela porta que liga ao terrário maior, onde estão os filhotes, o do meio. A porta está aberta. O terrário é amplo e bastante alto. Ele acha que eles teriam uma anaconda lá, ou uma píton. Os cachorrinhos gemem, estão com medo. Claro, ele pensa, eles nunca viram um humano em suas vidas. Ande com cuidado de quatro porque há pedras, folhas secas, sujeira. Os filhotes estão sob alguns galhos que os cobrem muito bem. ramos pelos quais, talvez uma jibóia enrolada, ele pensa. Eles estão amontoados juntos para o calor e proteção. Ele se senta ao lado deles sem tocá-los até que se acalmem. Então ele os

acaricia. Eles são quatro. Eles são magros e sujos. Eles cheiram suas mãos. Pegue um. É tão leve. O cachorrinho treme. Então ele se move desesperadamente. Ele urina de medo. Os outros latem, gemem. Ele o abraça, o beija até ele se acalmar. O filhote passa a língua pelo rosto dela. Ele ri e chora em silêncio. Ele o abraça, o beija até ele se acalmar. O filhote passa a língua pelo rosto dela. Ele ri e chora em silêncio. Ele o abraça, o beija até ele se acalmar. O filhote passa a língua pelo rosto dela. Ele ri e chora em silêncio.

22

Com os filhotes ele perde a noção do tempo. Eles jogam em atacá-lo. Eles querem pegar os galhos que ele move no ar. Eles mordiscam suas mãos com dentinhos que quase fazem cócegas nele. Ele agarra suas cabeças e as sacode com cuidado, como se sua mão fosse a mandíbula de uma fera monstruosa perseguindo-os. Ele mal puxa suas caudas. Ele e eles rosnam e latem. Eles lambem suas mãos. São quatro machos.

Ele lhes dá nomes: Jagger, Watts, Richards e Wood.

Os filhotes correm pelo terrário. Jagger morde a cauda de Richards. Wood parece estar dormindo, mas de repente se levanta, pega um dos galhos com a boca e o sacode no ar. Watts cheira-o desconfiado. Ele anda ao redor dele, cheira e late para ele. Ele sobe nas pernas dela com movimentos desajeitados. Ele o ataca e Watts chora um pouco. Ele morde as mãos e abana o rabo. Então Watts se joga em Richards e Jagger. Ele os ataca, mas eles o perseguem.

Lembre-se de seus cães. Pugliese e Koko. Ele teve que sacrificá-los sabendo, suspeitando, que o vírus era uma mentira fabricada pelas potências mundiais e legitimada pelo governo e pela mídia. Se os abandonasse para não matá-los, temia que fossem torturados. Se ele os guardasse, poderia ser muito pior. Eles poderiam torturá-los e aos cães. Naquela época,

injeções preparadas eram vendidas para que os animais de estimação não sofressem. Eles os vendiam em todos os lugares, até em supermercados. Ele os enterrou debaixo da maior árvore do terreno, a árvore onde nas tardes de muito calor, quando não precisava trabalhar na geladeira do pai, os três se sentavam à sombra. Ele bebendo cerveja e lendo e eles ao seu lado. Pegou o rádio portátil, antigo do pai, e escutou um programa instrumental de jazz. Ele gostava do ritual de ter que sintonizar a estação. Cada

ambos os Pugliese pararam e fugiram perseguindo um pássaro. Koko olhou para ele levemente, sonolenta, e então ela olhou para ele com um gesto que ele sempre pensou que significasse “Pugliese é louco, louco pra caramba. Mas nós queremos assim, maluco» e ele sempre acariciava a cabeça sorrindo e dizia em voz baixa: «Taylor bonita, minha linda Koko». Mas se o pai chegasse, Koko se transformaria. Não pude conter minha alegria. Algo ligou dentro dele, um motor adormecido, e ele começou a pular, correr, abanar o rabo, latir. Sempre que via seu pai, não importava o quão longe estivesse, ele corria e pulava em cima dele. O pai sempre a recebia com um sorriso, a abraçava, a levantava. Ele percebeu que o pai estava vindo porque Koko estava abanando o rabo de um jeito diferente, um jeito que era dedicado apenas ao pai, aquele que a encontrou na beira da estrada encolhida e suja, com poucas semanas, desidratada, prestes a morrer. Ficou com ela vinte e quatro horas, levou-a até a geladeira, cuidou dela até Koko começar a reagir. Ele acredita que o sacrifício de Koko foi outra razão pela qual a mente do pai entrou em colapso.

De repente, os quatro cachorrinhos ficam parados, suas orelhas

pára. Ele fica tenso. Em nenhum momento ele pensou no óbvio. Esses cachorros têm uma mãe.

Ouçá um grunhido. Ele olha pelo vidro e vê dois cães mostrando suas presas para ele. Leva menos de um segundo para reagir. Nesse momento ele pensa que gostaria de morrer ali, naquele terrário, com aqueles cachorrinhos. Que pelo menos seu corpo serviria de alimento para aqueles animais viverem um pouco mais. Mas a imagem do pai no asilo vem a ele e, com velocidade instintiva, ele se arrasta até a porta por onde entrou. Ele a fecha e a tranca. Os cachorros já

estão do outro lado, latindo, arranhando, tentando entrar. Se você deixar a porta trancada e escapar pela outra, pela que se conecta ao terrário adjacente, os filhotes morrerão. Se ele abrir a porta que acabou de fechar, aquela que contém os cachorros, não terá tempo de escapar sem ser atacado primeiro. Mas a porta do terrário adjacente está fechada. Você tenta abrir e não consegue. Os filhotes gemem. Eles se amontoam para se proteger. Ele decide cobri-los com sua camisa. Embora ele saiba que é uma proteção inútil. Ele se deita no chão em frente à porta pela qual quer sair e começa a chutá-la. Ele a chuta várias vezes até que ela ceda.

respirar. Os cães latem e arranham com mais força. Ele garante que a porta do terrário adjacente esteja totalmente aberta. Ele sabe que pode escapar por lá porque o vidro está quebrado. Ouça os rosnados dos cães, eles aumentam. Ele acha que outros se juntaram ou que estão mais irritados a cada segundo.

Olhe para os cachorrinhos, amontoados, confusos, enfiando as cabecinhas para fora das bordas da camisa. Ele pega uma pedra média e a encosta na porta trancada, por onde o bando tenta entrar. Então ele o desbloqueia porque sabe que, eventualmente, os cães o comandarão, mas isso lhes custará. Ele encontra outra pedra um pouco maior e a arrasta, de quatro, para o terrário adjacente. Ele fecha a porta com a grande pedra porque com seus chutes quebrou a fechadura. Ele sai pelo vidro quebrado com cuidado, sem pular ou fazer barulhos altos. Quando ele já está no chão, ele começa a correr.

Corra sem parar e sem olhar para trás. Ele não percebe que o céu está carregado de nuvens cinzentas. Quando ele vê o carro, ouve o latido mais claramente. Ele vira a cabeça ligeiramente e vê uma matilha de cães perseguindo-o cada vez mais perto. Ele corre como se fosse seu último ato no planeta. Ele consegue entrar no carro alguns segundos antes que os cães o alcancem. Quando recupera o fôlego, olha para eles com tristeza por não poder ajudá-los, por não poder alimentá-los, dar-lhes banho, cuidar deles, abraçá-los. Conte seis cães. Eles são magros, provavelmente desnutridos. Ele não sente medo, mas sabe que eles podem destruí-lo se ele cair. Não consigo parar de olhar para eles. Ele não encontra um animal há muito tempo. Localize o macho alfa liderando o bando. É preto. Os seis cercam o carro, latindo, sujando os vidros com a espuma branca do nariz, arranhando as

portas fechadas. Olhe para as presas, a fome, a fúria. Eles parecem lindos para você. Ligue o carro e comece devagar. Ele não quer machucá-los. Eles o perseguem até que ele acelere e mentalmente se despeça de Jagger, Watts, Richards e Wood.

23

Ele chega em sua casa. Ele sente falta do latido de Koko e Pugliese enquanto eles corriam para o carro pela estrada de terra ladeada de eucaliptos. Pugliese foi encontrado por Koko. Ela estava chorando debaixo da árvore onde os dois estão agora enterrados. Era um cachorrinho de alguns meses, cheio de pulgas e carrapatos. Ele estava desnutrido. Koko o adotou como seu. Ele removeu as pulgas, carrapatos e alimentou-o para recuperar suas forças, mas Pugliese sempre reconheceu Koko como seu salvador. Se alguém gritasse ou ameaçasse Koko, Pugliese surtaria. Ele era um cão leal que cuidava de todos, embora Koko fosse seu favorito.

O céu está cheio de nuvens negras, mas ele não as vê. Ele sai e vai direto para o galpão. Aí está a fêmea. Enrolado, dormindo. Ele tem que dar banho nela, é uma tarefa que não pode esperar mais. Ele olha para o galpão e acha que deve limpá-lo, criar um espaço para a fêmea ficar mais confortável.

Quando ele sai para pegar um balde para limpá-lo, começa a chover. Ele apenas percebe que é uma tempestade de verão, uma daquelas temíveis e belas tempestades.

Ele entra na cozinha e se sente devastadoramente cansado. Ele quer sentar e tomar uma cerveja, mas não pode mais adiar a limpeza da fêmea. Encontre o balde,

um sabão branco e um pano limpo. Ele vai ao banheiro e procura um pente velho. Ele não encontra nenhum até ver o pente que Cecilia deixou para trás. Ele pega. Ele acha que tem que ligar a mangueira, mas quando a chuva cai é tão forte que o encharca. Ele não tem camisa, porque ele deixou para Jagger, Watts, Richards e Wood. Ele tira as botas e as meias. Ele fica de jeans.

Ele caminha descalço até o galpão. Sinta a grama molhada sob os pés, o cheiro de terra úmida. Ele vê Pugliese latindo para a chuva. Ela o vê como se ele estivesse ali, naquele momento. O louco de Pugliese pulando, tentando pegar as gotas, ficando enlameado, buscando a aprovação de Koko que sempre o vigiava da galeria.

Ele tira a fêmea do galpão, com cuidado, quase com ternura. A fêmea está assustada com a chuva. Tente encobrir. Ele a acalma, acaricia sua cabeça, diz a ela, como se ela entendesse, "não há nada de errado, é só água, vai te limpar". Ele passa o sabonete pelo cabelo dela e a fêmea olha para ele aterrorizada. Ele a senta na grama para acalmá-la. Ele se ajoelha atrás dela. Seu cabelo, que ele mexe desajeitadamente, se enche de sabão branco. Ele faz isso devagar para não assustá-la. A fêmea pisca e vira a cabeça para olhá-lo através da chuva, torce, treme.

A chuva cai forte e limpa. Ele passa o sabonete nos braços dela e os esfrega com o pano limpo. A fêmea está mais calma, mas olha para ele com certa desconfiança. Ele esfrega o sabonete nas costas dela, então lentamente a levanta. Ela limpa seu peito, suas axilas, sua barriga. Ele o faz com diligência, como se estivesse limpando um objeto de algum valor, mas inanimado. Ele está nervoso, como se o objeto pudesse quebrar ou ganhar vida.

Com o trapo ela apaga as iniciais que certificam que ela é uma mulher da Primeira Geração Pura. Ele apaga vinte siglas, uma para cada ano de criação.

Ele passa a mão sobre o rosto dela para limpá-lo da sujeira que está grudada nele. Observe que ele tem cílios grandes e olhos de cor indefinida. Talvez cinza ou verde. Ele tem algumas sardas espalhadas.

Ele se abaixa para limpar seus pés, suas panturrilhas, suas coxas. Mesmo entre as duras gotas que caem você pode sentir o cheiro selvagem e fresco, o cheiro de jasmim. Ele pega o pente e a coloca de volta na grama. Ele fica atrás dela e começa a pentear seu cabelo. O cabelo é liso, mas é emaranhado. Você tem que penteá-la com cuidado para não machucá-la.

Quando ele termina, ele a pega e olha para ela. Através da chuva ele a vê. Ele a vê frágil, ele a vê quase translúcida, ele a vê completa. Ele se aproxima para sentir o cheiro de jasmim e, sem pensar, a abraça. A fêmea não se move ou treme. apenas levante

cabeça e olha para ele. Ele tem olhos verdes, ele pensa, definitivamente verdes. Ele acaricia a marca de fogo na testa dela. Ele a beija porque sabe que ela sofreu quando fizeram isso com ela, da mesma forma que sofreu quando lhe retiraram as cordas vocais para que sua submissão fosse maior, para que ela não gritasse no momento do sacrifício. Ele acaricia sua garganta. Quem treme agora é ele. Ele tira a calça jeans e fica nu. A respiração acelera. Ele continua abraçando-a sob a chuva.

O que você quer fazer é proibido. Mas sim.

DOIS

*...como um animal nascido em uma jaula
de animais nascidos em uma jaula de
animais nascidos em uma jaula de
animais nascidos em uma jaula de
animais nascidos e mortos em uma jaula
de animais nascidos e morto em uma
jaula de animais nascidos em uma jaula,
mortos em uma jaula, nascidos e mortos,
nascidos e mortos em uma jaula em uma
jaula nascidos e depois mortos, nascidos
e depois mortos, como um animal eu
digo...*

SAMUEL BECKET

1

Ele acorda com uma camada de suor cobrindo seu corpo. Não está quente, ainda não, não durante a primavera. Ele vai até a cozinha e se serve de água. Ligue a TV, silencie o volume e percorra os canais sem prestar atenção neles. Ele para em uma onde eles estão passando uma velha história, de muitos anos atrás. Algumas pessoas começaram a vandalizar esculturas de animais urbanos. Eles mostram um grupo jogando tinta, lixo e ovos na escultura de touro em Wall Street. Fazem um recorte e passam outras imagens de um guindaste levando embora a escultura de bronze de mais de três mil quilos que se move no ar, enquanto as pessoas a olham com horror, apontam para ela, cobrem a boca. Ele aumenta o volume, mas baixo. Houve ataques isolados a museus. Alguém hackeou o Klee's Cat and Bird no MOMA. O motorista fala sobre como os especialistas estavam trabalhando para recuperá-la. Outra pessoa, no Museu do Prado, tentou quebrar o Catfight de Goya com as próprias mãos. Ela pulou, mas a segurança a deteve primeiro. Recorda os especialistas, historiadores da arte, curadores, críticos falando indignados da «regressão medieval», do regresso à «sociedade iconoclasta». Tome um pouco de água e desligue a TV.

Lembre-se de como as esculturas de São Francisco de Asís foram queimadas, como tiraram o burro, as

ovelhas, os cães, os camelos das manjedouras, como destruíram as esculturas dos leões marinhos de Mar del Plata.

Não posso dormir. Ele tem que acordar cedo para receber um dos membros da Igreja da Imolação na geladeira. Há mais e mais, ele pensa. O ritmo ordenado e calmo do trabalho é perturbado quando esses loucos chegam. Naquela semana ele terá que ir ao campo de caça e o

laboratório. Tarefas que o afastam de casa, que o complicam. Mas ele tem que obedecer porque, ultimamente, ele não consegue se concentrar. Krieg não disse nada a ele, mas sabe que não está trabalhando como antes.

Feche os olhos e tente contar suas respirações. Ele pula quando se sente tocado. Ele abre os olhos e a vê. Ele goza e ela se deita no sofá. Ele sente o cheiro selvagem e alegre, a abraça. "Oi Jazmin". Quando ela se levantou, ele a desamarrou.

Ligue a televisão. Ela gosta de ver as fotos. No começo eu tinha medo de televisão. Ele tentou quebrá-lo várias vezes. O som era estridente para ela, as imagens a perturbavam. Mas com o passar dos dias, ela percebeu que aquele aparelho não poderia machucá-la, que o que estava acontecendo lá dentro não poderia fazer nada com ela, e ela começou a olhar as imagens com fascinação. Tudo era motivo de surpresa. A água saindo da torneira, a comida nova, deliciosa, tão diferente da comida balanceada, a música saindo do rádio, o banho no banheiro, os móveis, poder andar livremente pela casa enquanto ele estava por perto para vigie por ela.

Ela ajusta sua camisola. Vesti-la era uma tarefa que exigia enorme paciência. Ela rasgou os vestidos, tirou-os, urinou neles. Ele, longe de se irritar, ficou impressionado com o personagem, com a tenacidade. Com o tempo ela entendeu que as roupas a mantinham aquecida, que, de alguma forma, a protegiam. Ela também aprendeu a se vestir sozinha.

Ela olha para ele e aponta para a TV. Series. Ele ri também, não sabe o que nem por quê, mas ri e a abraça um pouco mais. Ela não faz nenhum som, mas o sorriso de Jasmine vibra por todo o seu corpo e ela sente que se espalha.

Ele esfrega a barriga dela. Ela está grávida de oito meses.

dois

Ele tem que ir, mas primeiro ele vai ter alguns amigos com Jasmine. Ele já acendeu o fogo e esquentou a água. Levou muito tempo para ela entender o conceito de fogo, seus perigos e usos. Toda vez que ele acendia o fogão, ela corria para o outro lado da casa. Ela passou do medo ao espanto. Aí eu só queria tocar aquele azul e branco que, às vezes, podia ser amarelo, que parecia dançar, que tinha vida. Ela tocou até queimar e puxou a mão rapidamente, assustada. Ele lambeu os dedos e se afastou um pouco para fazer a mesma coisa repetidamente. Pouco a pouco, o fogo tornou-se uma parte cotidiana de sua nova realidade.

Ele termina o mate, a beija e, como todas as vezes, a acompanha até o quarto onde a deixa trancada. Ele tranca a porta da frente e entra no carro. Ele sabe que vai ficar calmo, assistindo TV, dormindo, desenhando com os lápis que deixou para ele, comendo a comida que preparou para ele, virando as páginas dos livros sem entender o que dizem. Eu gostaria de ensiná-lo a ler, mas

qual é o sentido se ela não pode falar e nunca pôde se integrar em uma sociedade que a vê como um produto comestível? A marca em sua testa, enorme, clara, indestrutível, o obriga a mantê-la trancada em casa.

Dirija para a geladeira rapidamente. Ele quer se livrar da obrigação e ir para casa. O celular toca e ele vê que é Cecilia. Ele puxa para o lado e atende a ela. Ela tem ligado para ele com mais frequência ultimamente. Ele teme que ela queira voltar. Eu não poderia explicar nada para ele sobre o que está acontecendo. Ela não entenderia. Ele tentou evitá-la, mas isso foi pior. Ela sente a impaciência dele, sabe que a dor agora se transformou em outra coisa. Ele conta:

"Você é diferente"; «Você tem outra cara»; "Por que você não me atendeu no outro dia,

você está tão ocupado?»; «Já se esqueceu de mim, de nós». O "nós" não se limita a ela e a ele, inclui Leo, mas dizer isso em voz alta seria cruel.

Ele chega à geladeira, acena para a segurança e estaciona. Ele não percebe se está lendo o jornal, nem olha quem é. Ele não fica mais fumando encostado no teto do carro. Vá direto para o escritório de Krieg. Ele cumprimenta Mari com um beijo rápido, que lhe diz: «Olá, Marcos, querido, que atraso você chegou. O Sr. Krieg já está lá embaixo. O povo da Igreja chegou e ele está recebendo". Este último é dito com aborrecimento. "Eles estão vindo cada vez mais frequentemente." Ele não responde a ela, embora saiba que estava atrasado e que o povo da Igreja estava à sua frente também. Desça as escadas rapidamente e corra pelos corredores sem cumprimentar os trabalhadores que encontrar.

Ele chega ao hall de entrada onde recebem os fornecedores e as pessoas do lado de fora da geladeira. Krieg fica sem fala, balançando lentamente, quase imperceptivelmente, como se não houvesse mais nada que ele pudesse fazer. Parece estranho. Na frente está um séquito de cerca de dez pessoas vestidas com túnicas brancas. Eles são carecas e encaram Krieg em silêncio. Um deles tem um manto vermelho.

Ele se aproxima e aperta a mão de todos. Ele pede desculpas pelo atraso. Krieg diz a eles que eles estão ficando com ele agora, com Marcos, o gerente. Com licença, ele tem uma ligação.

Krieg caminha rapidamente sem olhar para trás, como se os membros da Igreja fossem contagiosos. Ele passa as mãos pelas calças, limpando alguma coisa, talvez suor, talvez raiva.

Ele reconhece o mestre espiritual, como eles chamam o líder. Ele aperta a mão dela e pede os papéis

que endossam e certificam o sacrifício. Ele os verifica e vê que tudo está em ordem. O mestre espiritual explica que o membro da Igreja que vai se sacrificar já foi examinado por um médico, já preparou seu testamento e já fez seu ritual de despedida. Ele lhe entrega outro papel, carimbado e certificado por tabelião que diz “Eu, Gastón Schafe, autorizo meu corpo a servir de alimento para outras pessoas”, assinatura e número do documento. Gaston Schafe dá um passo à frente, em sua túnica vermelha. Ele é um homem de setenta anos.

Gastón Schafe sorri e declama o discurso da Igreja da Imolação com paixão, com convicção: "O ser humano é a causa de todos os males deste mundo. Nós somos o nosso próprio vírus." Todos os membros levantam as mãos e gritam: "Vírus". Gaston Schafe continua:

"Somos vermes da pior espécie, destruindo nosso planeta, matando de fome nossos semelhantes." Uma nova interrupção:

"Igual", todos gritam. "Minha vida realmente terá sentido quando meu corpo alimentar outro ser humano, alguém que realmente precise dele. Por que desperdiçar meu valor proteico em uma cremação inútil? Eu vivi, é o suficiente para mim." E todos, em uníssono, gritam: «Salve o planeta, imolar-se!».

Há vários meses, a candidata era uma jovem. No meio do discurso Mari desceu gritando dizendo que era ultrajante uma jovem se suicidar, que ninguém estava salvando o planeta, que era tudo palhaçada, que ela não podia deixar um bando de lunáticos tomar banho seu cérebro para uma menina tão jovem, que eles deveriam se envergonhar, que por que não se mataram todos em uníssono, que não entendiam por que não doavam todos os órgãos se quisessem ajudar, que uma Igreja do Immolation com membros vivos era absolutamente grotesco e ela continuou gritando até que ele a abraçou e a levou para outro quarto. Ele a sentou e deu-lhe um copo de água e esperou que ela se acalmasse. Mari chorou um pouco e então se recompôs. "Por que eles não vão diretamente para o mercado negro, por que eles precisam vir aqui?"

"Como eles precisam tornar legal para a Igreja continuar funcionando, eles precisam dos certificados". Krieg poupou-lhe a cena porque concordou com tudo o que havia dito.

A geladeira tem a obrigação de recebê-los e “fazer todo o show macabro”, como diz Mari. Nenhuma geladeira os aceitava. A Igreja lutou durante anos para que o governo cedesse e chegasse a um acordo. Eles só tiveram sucesso quando um membro com contatos nos escalões superiores e muitos recursos se juntou. O governo finalmente teve que concordar com alguns refrigeradores para receber os membros da Igreja. Em troca, eles lhes dão facilidades fiscais. Dessa forma, eles se livraram do problema de ter que lidar com um grupo de

delirando e colocando em xeque toda a falsa construção sobre a legitimidade do canibalismo. Se uma pessoa com nome e sobrenome puder ser comida, legalmente, e essa pessoa não for considerada um produto,

o que nos impede de comer uns aos outros? O que o governo não indicou é o que se faz com a carne e não esclareceu porque é uma carne que ninguém quer comer, ninguém que sabe de onde vem e tem que pagar o preço de mercado. Krieg há muito ordenou que o discurso para os membros da Igreja da Imolação seja que a carne do sacrificado tenha um certificado especial para que seja consumida pelos mais necessitados, sem qualquer outra explicação. Esse certificado é dado a eles para serem arquivados junto com os outros certificados entregues ao longo dos anos. A realidade é que essa carne vai mesmo para os mais necessitados, que são os Catadores, que já andam por aí perto da cerca. Porque eles sabem que um banquete os espera. Não importa se é carne velha, para eles é uma delícia, porque é fresca. Mas o problema com os Scavengers é que eles são um grupo de párias que a sociedade não atribui nenhum valor. É por isso que você não pode dizer à pessoa sacrificada que seu corpo será estripado, dilacerado, mordido, devorado por uma pessoa excluída, uma pessoa indesejável. Ele dá aos membros da Igreja algum tempo para se despedirem do candidato Gastón Schafe, que parece estar em estado de êxtase. Ele sabe que não vai durar muito, que quando chegarem à área dos boxes Gastón Schafe provavelmente vai vomitar, ou chorar, ou querer fugir, ou urinar. Aqueles que não estão ou muito drogados ou muito psicóticos. Ele sabe que há apostas entre os funcionários da geladeira. Enquanto espera que os abraços terminem, ele se

pergunta o que Jasmine está fazendo. No começo ele teve que deixá-la trancada no galpão para que ela não se machucasse e isso não destruísse sua casa. Ela pediu férias acumuladas a Krieg e levou várias semanas para ficar com ela, para ensiná-la a morar em uma casa, a sentar à mesa para jantar, a segurar um garfo, a se limpar, a segurar um copo de água, como abrir uma geladeira, como usar um banheiro. ele teve que ensine a não ter medo. Um medo aprendido, arraigado, aceito.

Gaston Schafe dá um passo à frente e levanta as mãos. Ele se entrega com gestos dramáticos, como se todo o ritual tivesse algum valor.

Declame: "Como Jesus disse, tome e coma do meu corpo." Ele diz isso com um tom triunfante e só ele pode ver o declínio de toda a cena.

Decadência e loucura.

Espere o resto do grupo sair. Um segurança os acompanha até a saída. Diz-lhe «Carlitos, acompanha-os» e faz um gesto que Carlitos já sabe que significa «acompanhá-los e fazer com que saiam definitivamente».

Ele pede ao candidato que se sente em uma cadeira e lhe oferece um copo d'água. As cabeças são submetidas a um jejum completo antes do sacrifício, mas aqui as regras não importam. Essa carne é para os Catadores, que não estão interessados em sutilezas, regras ou contravenções. O seu objetivo é que Gastón Schafe esteja o mais calmo possível, dadas as circunstâncias. Ele vai buscar a água e se comunica com Carlitos, que confirma que os membros da Igreja foram embora, que todos entraram em um caminho branco e que ele os vê descendo a estrada.

Gastón Schafe toma o copo de água sem saber que tem um efeito calmante, suave, mas com força suficiente para que a reação que ele tenha ao chegar às boxes seja o menos estridente ou violenta possível. Ele começou a usar analgésicos recentemente, após uma situação que envolveu toda a geladeira com um jovem candidato da Igreja. Foi no mesmo dia que ela confirmou que Jasmine estava grávida. Naquele dia, pela manhã, ele fez um teste de gravidez em casa depois de ver que ela não só não menstruou, como ganhou um pouco de peso. Primeiro sentiu felicidade, ou algo assim, depois sentiu medo e depois confusão. Como eu ia fazer? Aquele bebê não poderia ser dele, não oficialmente, não se ele quisesse que não fosse tirado dele, enviado para um incubatório, e ele e ela

seriam enviados diretamente para o Matadouro Municipal. Naquele dia ele não ia trabalhar, mas Mari ligou para ele para fazer urgência: «A Igreja está lá, a Igreja dos Imolados, isso me deixa louco, que eles mudaram a data e vieram direto para mim e me disseram que me enganei, que Krieg não está aqui, não vou recebê-los, imagine, Marcos, quero sacudi-los, fazê-los ver a razão, estão todos loucos, não consigo nem olhar para eles ». Ele desligou e foi até a geladeira. Ela não conseguia pensar em nada além do bebê, seu filho. Sim, seu. Alguma coisa iria lhe ocorrer para que ninguém tirasse isso dele. Recebido Em

Igreja impaciente. Não lhe importava que a candidata, Claudia Ramos, fosse jovem. Tampouco considerou que, quando os membros da Igreja foram embora, não esperou que os acompanhassem até a saída e levou Claudia Ramos direto para os boxes. Tampouco se importava que ela estivesse olhando pelas janelas da sala das tripas e da sala do abate, e a cada passo ela ficava mais pálida e nervosa. Ele não levou em conta que Sergio tinha dado uma pausa e que havia Ricardo, o outro craque, com menos experiência. Ela não considerou o fato de que quando entraram no banheiro das covas, Ricardo agarrou seu braço como se ela fosse um animal e tentou tirar sua túnica com alguma violência e desprezo para deixá-la nua para atordoá-la e que Claudia Ramos soltou, assustado, e saiu correndo. Claudia Ramos correu desesperadamente pela geladeira. Percorreu as salas gritando "não quero morrer, não quero morrer", até que saiu para a área de descarga e viu um lote de cabeças sendo descarregado dos caminhões. Ele correu direto para as cabeças gritando: "Não, não nos mate, por favor, não, não nos mate, não nos mate". Sérgio, que a viu aproximar-se a toda velocidade e sabendo que ela era da Igreja da Imolação, porque cabeças não falam, agarrou a maça (da qual nunca se separou) e a atordoou com uma precisão que deixou todos maravilhados. Ele correu atrás de Claudia Ramos, mas não a alcançou. Ela viu como Sergio a surpreendeu e deu um suspiro de alívio. Chamou a segurança com a mão e perguntou se a Igreja havia saído. "Justo", ele respondeu. Ele ordenou que dois trabalhadores levassem Claudia Ramos para a Zona dos Catadores. E Claudia Ramos, inconsciente, foi esquartejada com facões e facas e devorada pelos Catadores que percorriam a área, a metros da cerca eletrificada. Krieg descobriu, mas não pensou muito

nisso porque estava farto da Igreja. Ele, por outro lado, entendeu que não poderia acontecer de novo, que se Sergio não a tivesse atordoadado, algo pior poderia ter acontecido.

Gaston Schafe oscila um pouco. Já está fazendo efeito

Alívio da dor. Eles passam pela sala de tripas e pela sala de abate, mas as janelas estão cobertas. Eles chegam aos poços. Sérgio está esperando por eles na porta. Gaston Schafe está um pouco pálido, mas ainda está inteiro. Sergio tira a túnica e os sapatos. Gastón Schafe fica nu. Ele treme um pouco e olha ao redor confuso. Ele está prestes a falar, mas Sergio agarra seu braço,

cuidadosamente, e cobre os olhos com uma venda. Ele o guia até colocá-lo dentro da caixa. Gastón Schafe se move, desesperado, diz algo que não se entende. Ele acha que tem que aumentar a dose do analgésico. Sergio ajusta a algema de aço inoxidável em seu pescoço e fala com ela. Gastón Schafe parece se acalmar, pelo menos para de se mexer e de falar. Sergio levanta a maça e o acerta na testa. Gaston Schafe cai. Dois trabalhadores pegam e levam para a Scavenger Zone.

A cerca eletrificada não consegue calar os gritos e o barulho dos facões que cortam, das lutas para conseguir o melhor pedaço de Gastón Schafe.

3

Ele chega em casa cansado. Antes de abrir o quarto onde está Jazmín, ele toma banho, senão Jasmín não o deixaria tomar banho em paz. Ela tentaria colocá-lo debaixo d'água, beijá-lo, abraçá-lo. Ele entende que ela fica sozinha o dia todo e quando ela chega ela o persegue pela casa.

Ele abre a porta e Jasmine o recebe com um abraço. Ele esquece Gastón Schafe, Mari e os boxes.

O quarto tem colchões no chão. Não tem móveis nem nada que possa machucá-la. Ele preparou quando descobriu que ela estava grávida. A possibilidade de que algo pudesse acontecer com seu filho a fez tomar todas as precauções. Ela aprendeu a se aliviar em um balde que ele limpa todos os dias e aprendeu a esperar por ele. Você pode se mover livremente dentro dessas quatro paredes condicionadas para que nada aconteça com você.

Fazia muito tempo desde que ele sentiu que esta casa era sua casa. Antes era um espaço para dormir e comer. Um lugar com palavras quebradas, silêncios encapsulados nas paredes, com o acúmulo de tristeza estilhaçando o ar, raspando-o, rachando o oxigênio. Uma casa onde uma loucura iminente e à espreita estava se formando.

Mas desde que Jazmín chegou, a casa encheu-se do cheiro selvagem e do seu riso brilhante e mudo.

Entre no quarto que tinha sido de Leo. Ele tirou o papel de parede com navios e pintou de branco. Ele construiu um novo berço e móveis. Eu não poderia comprá-los. Ele não queria que ninguém suspeitasse. Quando volta da geladeira tem o hábito de sentar no chão e imaginar de que cor vai pintar o berço. Ele quer que eu nasça e naquele momento, quando olho em seus olhos,

imagine que seu filho vai deixar você saber. Nos primeiros meses ela vai dormir com ele, ao lado da cama, em um berço temporário.

Ele vai garantir que o bebê respire o tempo todo.

Jasmine sempre se senta com ele no quarto do bebê. Ele prefere que seja assim, que ela o persiga. Todas as gavetas da casa têm chaves. Um dia veio da geladeira e Jasmine tirou todas as facas. Uma mão estava ferida. Ela estava sentada no chão, manchada com o sangue que caía lentamente sobre ela. Ele ficou desesperado. Foi uma ferida superficial. Ele a curou, a limpou e trancou as facas. Também garfos e colheres. Limpou o chão e descobriu que estava tentando desenhar na madeira. Então ele comprou giz de cera e papel para ela.

Ele comprou câmeras conectadas ao celular e enquanto está na geladeira pode ver o que Jasmine está fazendo na sala. Ele passa muitas horas assistindo televisão, dormindo, desenhando, olhando para um ponto fixo. Às vezes, parecia que ele pensava, que ele realmente poderia fazê-lo.

4

"Você já comeu alguma coisa viva?"

-Não.

"Há uma vibração, um calor pequeno e quebradiço que o torna particularmente delicioso. Comece uma vida de mordidas. É o prazer de saber que, graças à sua intenção, às suas ações, aquele ser deixou de existir. É sentir como esse organismo complexo e precioso vai morrendo aos poucos, mas ao mesmo tempo começa a fazer parte de um. Para sempre. Esse milagre me fascina. Essa possibilidade de união indissolúvel.

Urlet bebe vinho de um copo que parece um cálice antigo. É vermelho transparente, feito de vidro esculpido, com figuras estranhas. Podem ser mulheres nuas dançando ao redor de uma fogueira. Não. São figuras abstratas. Ou serão homens uivantes? Ele a pega pelo caule e a levanta bem devagar, como se fosse um objeto de valor extraordinário. O copo é da mesma cor que o anel no dedo anelar.

Ele olha para as unhas dela, como sempre faz, e não pode deixar de sentir nojo. Eles são legais, mas são longos. Há algo hipnótico e primitivo nessas unhas. Há algo de uivo, de presença ancestral. Há algo que gera a necessidade de saber como é ser tocado por aqueles dedos.

Ele fica feliz em pensar que tem a obrigação de visitá-lo algumas vezes por ano.

Urlet está sentado em uma poltrona de madeira escura de espaldar alto. Atrás dele está meia dúzia de cabeças humanas que ele caçou ao longo dos anos. Ele sempre esclarece, para quem quiser ouvir, que são os troféus que mais lhe custam caçar, os que geraram "desafios monstruosos e revigorantes". Ao lado das cabeças estão velhas fotos emolduradas. São fotos de coleção de caçadores na África caçando negros, antes da

Transição. A maior e mais clara mostra um caçador branco de joelhos, segurando seu fuzil e atrás, em estacas, as cabeças de quatro negros. O caçador sorri.

Não é possível calcular a idade de Urlet. Ele é uma daquelas pessoas que parecem estar no mundo desde o início, mas que têm uma certa vitalidade que os faz parecer jovens. Quarenta, cinquenta, podem ser setenta. Impossível saber.

Urlet fica em silêncio e olha para ele.

Pense que Urlet coleciona palavras, assim como troféus. Eles são tão valiosos para Urlet quanto uma cabeça pendurada na parede. Ele fala espanhol quase perfeito. Sua maneira de se expressar é preciosa. Ele escolhe cada palavra, como se o vento não as levasse embora, como se as frases estivessem vitrificadas no ar e ele pudesse pegá-las e trancá-las em um móvel, mas não em qualquer móvel, em um velho estilo art nouveau com portas de vidro.

Urlet deixou a Romênia após a Transição. A caça de humanos era proibida ali e ele, que tinha um terreno de caça com animais, queria continuar com o negócio em outro lugar.

Você nunca sabe o que responder. Urlet olha para ele como se esperasse alguma frase reveladora ou alguma palavra lúcida, mas ele quer ir embora. Ele diz a primeira coisa que lhe vem à mente, diz nervoso porque não consegue segurar o olhar de Urlet nem deixar de sentir que dentro de Urlet há uma presença, algo que arranha seu corpo, por dentro, tentando sair:

"Sim, deve ser fascinante comer algo vivo."

Urlet faz um gesto mínimo com a boca. É desprezo. Ele o vê claramente e o reconhece porque toda vez que tem que visitá-lo, em algum momento do diálogo, Urlet mostra sua indiferença de uma forma ou de outra ou porque repete as palavras que Urlet disse ou porque

não tem nada de novo a acrescentar ou porque a frase que ele responde não permite que o Urlet continue se expandindo. Mas Urlet mediu os gestos e cuida para que sejam quase imperceptíveis, e imediatamente sorri e responde:

"De fato, meu caro cavaleiro."

Você nunca o chama pelo nome e sempre o trata de você. Ele conta *cavaleiro*, que em romeno significa cavalheiro.

É dia, mas no escritório de Urlet, atrás da imponente mesa de madeira preta, atrás da cadeira que parece um trono, sob as cabeças empalhadas e as fotos, há velas acesas. Como se aquele lugar fosse um grande altar, como se aquelas cabeças fossem relíquias de uma religião pessoal, a religião de Urlet dedicada à coleção de humanos, palavras, fotos, sabores, almas, carnes, livros, presenças.

As paredes do escritório têm estantes de livros antigos do chão ao teto. A maioria dos títulos está em romeno, mas mesmo estando longe, consegue ler alguns: Necronomicon, Libro Magno de San Cipriano, Enchiridion Leonis Papae, El Gran Grimorio, Libro de los Muertos.

Risos são ouvidos dos caçadores que voltam do campo de caça.

Urlet lhe entrega os papéis com o próximo pedido. Ele não pode deixar de sentir um calafrio quando uma de suas unhas roça sua mão. Ele o tira rapidamente sem poder esconder seu desgosto e não quer olhá-lo nos olhos porque teme que a presença, que a entidade que vive sob a pele de Urlet, pare de coçá-lo e se liberte. Poderia ser a alma de algum ser que foi comido vivo e preso?

Ele olha para o pedido e vê que Urlet marcou “fêmeas grávidas” em vermelho.

"Eu não quero mais mulheres que não estejam grávidas." Eles são idiotas e submissos.

-Perfeito. As grávidas saem o triplo e se tiverem quatro meses ou mais, saem mais.

-Nenhum problema. Quero alguns com o feto desenvolvido, para comer depois.

-Perfeito. Vejo que o número de homens aumentou.

— Os que você me traz são os melhores do mercado. Eles vêm cada vez mais ágeis ou pensantes, como se

isso fosse possível.

Um atendente bate na porta lentamente. Urlet diz para ele entrar. A assistente se aproxima e sussurra algo em seu ouvido. Urlet gesticula para o atendente, que sai silenciosamente, fechando a porta. Então sorria.

Ele se senta desconfortavelmente, sem saber o que fazer. Urlet bate as unhas na mesa, devagar, e não para de sorrir.

"Meu caro cavaleiro, o destino sorri para mim." Há algum tempo implementei a possibilidade de que aquelas celebridades que caem em desgraça e devem fortunas possam recuperá-las aqui.

"Como seria isso?" Não entendo.

Urlet toma outro gole. Aguarde alguns segundos antes de responder.

—Eles têm que ficar no campo de caça por uma semana, três dias ou algumas horas, tudo depende da quantia que devem e, se não conseguirem caçá-los e sair vivos desta aventura, garanto o total cancelamento da dívida.

"Então você está disposto a morrer porque deve dinheiro?"

"Há pessoas que estão dispostas a fazer coisas hediondas por muito menos, Cavaler. Como caçar uma celebridade e comê-lo.

Ele fica intrigado com a resposta. Eu nunca teria pensado que Urlet seria capaz de julgar o ato de comer alguém.

— Você tem dilemas morais com isso, parece atroz para você?

-De maneira nenhuma. O ser humano é um ser complexo e fico deslumbrado com a vileza, contradições e sublimidade de nossa condição. A existência seria um cinza enlouquecedor se fôssemos todos impecáveis.

"Mas então por que você chama isso de atroz?"

-Porque é. Mas isso é maravilhoso, que aceitemos nossos excessos, que os naturalizemos, que abracemos nossa essência primitiva.

Urlet faz uma pausa para se servir de vinho. Ela lhe oferece mais, mas ele não aceita, dizendo que tem que dirigir. Urlet continua falando, devagar. Ele toca o anel em seu dedo anelar, move-o:

— Afinal, como o mundo é um mundo, comemos uns aos outros. Se não for de forma simbólica, nós literalmente devoramos. A Transição nos deu a oportunidade de sermos menos hipócritas.

Ele se levanta devagar e diz:

"Venha comigo, cavalheiro." Vamos aproveitar a atrocidade.

Ele acha que não quer fazer nada além de ir para casa e estar com Jasmine e tocar sua barriga, mas há algo magnético e repulsivo em Urlet. Ele se levanta e o acompanha.

Eles se inclinam para fora de uma janela com vista para o campo de caça. Na galeria de pedra você pode ver meia dúzia de caçadores tirando fotos com seus troféus. Alguns estão ajoelhados sobre o corpo da presa que está no chão.

Há dois que a mostram levantando a cabeça dele pelos cabelos. Um deles pegou uma fêmea grávida. Ele calcula que deve ser seis meses.

No centro do grupo está um caçador que tem sua presa parada. Ela está apoiada em seu corpo e um assistente a apoia por trás. É a maior presa, a mais valiosa. Ela está vestida com roupas sujas, mas obviamente caras e de boa qualidade. É o músico, o roqueiro endividado. Ele não se lembra do nome, mas sabe que era muito famoso.

Os ajudantes se aproximam e pedem os fuzis. Os caçadores penduram as presas nos ombros e vão para um galpão onde são pesadas, marcadas e entregues aos cozinheiros para que possam cortá-las, separar os pedaços que vão cozinhar e selar a vácuo o que os caçadores vão pegar.

O campo de caça oferece-lhes o serviço de embalar as cabeças.

5

Urlet o acompanha até a saída, mas na porta do salão eles se cruzam com um caçador que chegou mais tarde. É Guerreiro Iraola. Ele o conhece bem porque forneceu cabeças para a geladeira. Ele tem um dos maiores incubatórios, mas deixou de lhe encomendar cabeças quando, com o tempo, Guerrero Iraola começou a enviar cabeças doentes e violentas, atrasando pedidos, injetando-lhes medicamentos experimentais para deixar a carne mais macia. Finalmente, a carne era de má qualidade e ele se cansou do tratamento despreocupado, de nunca poder se comunicar diretamente com Guerrero Iraola, de ter que passar por três secretárias para poder falar menos de cinco minutos.

— Marcos Tejo, meu velho! Como você está, tanto tempo?

-Bem, muito bem.

— Urlet, convidamos este senhor para a mesa. Não discuta.

"Como quiser."

Urlet faz uma ligeira reverência, depois gesticula para um dos assistentes e sussurra algo em seu ouvido.

— Venha comer, a caçada foi espetacular. Todos queremos experimentar Ulises Vox.

Ele pensa: "Claro, esse é o nome do roqueiro endividado". A possibilidade de comê-lo parece-lhe

aberrante. Ele responde:

Tenho uma longa viagem de volta.

—Sem discussão. Para os bons velhos tempos, que espero que voltem.

Ele sabe que isso não o afetou muito financeiramente quando foi removido da lista de fornecedores. Afinal, o Incubatório Guerrero Iraola abastece metade do país e tem um grande fluxo de exportação. Mas também sabe que perdeu prestígio porque o Frigorífico Krieg é o

mais grave do mercado. Mas há uma regra que ele nunca quebra: estar em boas relações com todos os fornecedores, mesmo quando o exaspera que Guerrero Iraola fale com aquela mistura de palavras em espanhol e inglês para indicar sua cidade natal, para que todos saibam que ele frequentou escolas bilíngües e vindo de uma longa linhagem de criadores, primeiro de animais e agora de humanos. Você nunca sabe se terá que lidar com esse tipo de pessoa novamente.

Urlet não me deixa responder e diz:

"Claro que o cavaleiro está encantado com a ideia e meus assistentes estão colocando um prato na mesa."

-Excelente! E imagino que você venha comer também.

-Seria uma honra.

Eles vão para o salão onde os caçadores estão sentados em cadeiras de couro de espaldar alto fumando charutos. As botas e os coletes já foram retirados e os assistentes deram-lhes casacos e gravatas para o almoço.

Um atendente toca a campainha e todos se levantam para ir para a sala de jantar, onde se sentam a uma mesa com louças inglesas, facas de prata, copos de cristal. Os guardanapos têm as iniciais do campo de caça bordadas. As cadeiras têm espaldar alto com assentos de veludo vermelho e lustres com velas acesas.

Antes de entrar na sala de jantar, um assistente lhe pede para acompanhá-lo. Ele lhe dá uma jaqueta para experimentar e uma gravata combinando. Ele acha toda a preparação ridícula, mas tem que seguir as regras de Urlet.

Quando ele entra na sala de jantar, o resto dos caçadores olha para ele de forma estranha, como se ele fosse um intruso. Mas Guerrero Iraola o apresenta:

— Este é Marcos Tejo, o braço direito do Frigorífico Krieg, um dos caras que mais entende de negócios, o mais respeitado e o mais exigente.

Ele nunca teria se apresentado a alguém assim. Se tivesse que dizer honestamente quem ele é, diria: “Este é o Marcos Tejo, um cara cujo filho morreu e anda pela vida com um buraco no peito. Um cara que é casado com uma mulher quebrada. Ele se dedica a massacrar humanos porque tem que sustentar um pai insano que está trancado em um asilo e que não o reconhece. Ele está prestes a ter um filho com uma mulher, uma das mais

ilegal que uma pessoa pode cometer, mas ele não se importa nem um pouco e esse filho será dele.

Os caçadores o cumprimentam e Guerrero Iraola diz para ele se sentar ao lado dele.

Ele deveria estar indo para casa. Tem várias horas de viagem. Ele olha para o celular e vê que Jasmine está dormindo. Ele se acalma.

Os participantes servem uma sopa de erva-doce com anis e, em seguida, uma entrada de dedos em redução de xerez e legumes cristalizados. Mas eles não os chamam de dedos. Eles os chamam de dedos frescos, como se as palavras em inglês pudessem ressignificar o fato de que estão comendo os dedos de vários humanos que respiravam há algumas horas.

Guerrero Iraola está falando do cabaré Lulú. Ele fala em código porque se sabe que o local é um antro onde se dedicam ao tráfico de pessoas, com o pequeno detalhe de que, depois de pagar por um serviço sexual, você também pode pagar para comer a mulher com quem estava na cama. A soma é milhões, mas a opção existe, embora seja ilegal. Todos estão envolvidos: políticos, policiais, juízes. Cada um leva sua porcentagem porque o tráfico de pessoas passou de terceiro negócio milionário para o primeiro. Há poucas mulheres que são comidas, mas de vez em quando acontece, como no caso que Guerrero Iraola conta, que parece que ele pagou "bilhões, bilhões" por uma loira deslumbrante que o deixou louco e depois, claro, "você tinha que ir mais longe ». Os caçadores riem e todos brindam, comemorando a decisão de Guerrero Iraola.

-S? Como esteve? pergunta um dos caçadores mais jovens. Guerrero Iraola só consegue levar os dedos à boca e fazer o gesto que indica que estava gostoso.

Ninguém pode admitir em público que comeu uma

pessoa com nome e sobrenome, exceto no caso do músico que assinou seu consentimento. Mas Guerrero Iraola insinua por provar que pode pagar e por isso o convidou para almoçar, para esfregar na cara dele. Ele ouve um dos caçadores, que está muito próximo, sussurrar para outro que a loira deslumbrante era na verdade uma virgem de quatorze anos que teve que ser amolecida e que Guerrero Iraola destruiu na cama, estuprando-a por horas. Que ele estava lá e que a menina estava meio morta quando a levaram para o sacrifício.

Ele acha que o comércio carnal, neste caso, é literal e sente nojo. Isso ele pondera enquanto tenta comer os legumes cristalizados, sem incluir os dedos que são cortados em pedaços pequenos.

Urlet, que estava sentado ao lado dele, olha para ele e sussurra em seu ouvido:

— Tem que respeitar o que vai comer, cavaleiro. Todo prato tem morte. Pense nisso como um sacrifício que alguns fizeram por outros.

As unhas dela roçam a mão dele novamente, e ele estremece. Ele acha que pode ouvir o arranhão sob a pele de Urlet, o grito reprimido, a presença que quer sair. Ele engole os dedos frescos porque quer terminar e sair o mais rápido possível. Ele não quer discutir com Urlet ou suas teorias artificiais. Ele não vai dizer a ele que um sacrifício normalmente requer o consentimento da pessoa sacrificada, nem ele vai apontar que tudo tem morte, não apenas aquele prato, e que ele, Urlet, também está morrendo a cada segundo que passa, como todo mundo.

Ele fica surpreso ao sentir que os dedos são requintados. Ela percebe o quanto sente falta de comer carne.

Um assistente traz um único prato e o coloca na frente do caçador que matou o músico. O assistente diz, solenemente:

— Língua Ulyses Vox marinada em ervas finas, servida sobre kimchi e batatas com limão.

Todos aplaudem e riem. Alguém diz:

"Que privilégio comer a língua de Ulisses." Então você tem que nos cantar uma de suas músicas, para ver se você soa igual.

E todo mundo ri alto. Exceto por ele, ele não ri.

Ao resto dos comensais são servidos o coração, os olhos, os rins, as nádegas. O pênis de Ulises Vox é

entregue a Guerrero Iraola, que o solicitou especialmente.

"Foi grande", diz Guerrero Iraola.

"Agora você é uma puta? Você está comendo um Zodape", diz-lhe um. Todos eles riem.

— Não, me dá potência sexual. É um afrodisíaco", responde sério Guerrero Iraola e olha com desprezo para quem o chamou de prostituta.

Todos ficam em silêncio. Ninguém quer contradizê-lo porque ele é um cara com poder. Alguém pergunta, para mudar de assunto e aliviar a tensão:

"O que é isso que estamos comendo, esse kimchi?"

Há um silêncio. Ninguém sabe o que é kimchi, nem mesmo Guerrero Iraola, que é um cara com alguma educação, que viajou o mundo, que sabe idiomas. Urlet esconde muito bem o desgosto que sente ao comer com essas pessoas sem cultura ou refinamento. Mas não esconde de forma alguma. Ele responde com um leve desprezo na voz:

—Kimchi é um alimento preparado com vegetais que foram fermentados por um mês. Ele é de origem coreana. Os benefícios são múltiplos, entre eles, é um probiótico. Para os meus convidados, sempre o melhor.

—Temos os probióticos das drogas pesadas que Ulises injetou
diz um e todos riem alto.

Urlet não responde. Ele apenas olha para eles com um meio sorriso colado em seu rosto. Ele sabe que a entidade, o que está lá, arranhando a pele de Urlet por dentro, quer uivar, quer rasgar o ar com um grito agudo e cortante.

Guerrero Iraola põe ordem com os olhos e pergunta:

— Como foi a caça ao Ulises Vox?

"Eu o peguei desprevenido no que parecia ser um esconderijo. Ele teve o azar de se mover assim que passou.

"Claro que, com sua audição biônica, ninguém escapa", diz aquele que caçava a grávida.

—Lisandrito é um mestre, como todos os Núñez Guevaras. Uma família com os melhores caçadores do país — diz Guerrero Iraola.

"Você deixa a próxima estrela que Urlet nos traz para mim, garoto", diz Guerrero Iraola, apontando para ele com um garfo cheio de carne. É uma ameaça clara e Lisandrito baixa os olhos.

Guerrero Iraola levanta seu copo e todos brindam a Lisandrito e sua linhagem de grandes caçadores.

"Quantos dias ele tem?" alguém pergunta a Urlet.

"Hoje foi seu último dia. Ele tinha cinco horas restantes. Todos aplaudem e brindam.

Exceto ele. Ele pensa em Jasmine.

6

Você sabe que vai chegar tarde em casa. A viagem é longa, mas ela não quer ficar em um hotel como das outras vezes, quando Jasmine não estava lá. Ele está dirigindo há várias horas, ele sabe que vai chegar à noite.

Atravesse o zoológico abandonado. Ele continua porque está escuro e porque ele não quer mais ir. A última vez que ele foi, ele ainda não sabia que Jasmine estava grávida. Ele precisava clarear a cabeça e queria ir para o aviário.

Ao chegar na área, ouviu gritos e risos. Eles vieram do serpentário. Ele se aproximou lentamente, circulando o prédio para ver se conseguia encontrar uma janela para não ter que entrar.

Uma das paredes estava quebrada. Ele espiou com cuidado e viu um grupo de adolescentes. Eram seis ou sete. Eles tinham bastões.

Eles estavam no serpentário dos filhotes. Eles tinham quebrado o vidro. Ele podia ver que os filhotes estavam lá, amontoados uns contra os outros, tremendo, choramingando de medo.

Um dos adolescentes pegou um dos filhotes, que ele havia acariciado algumas semanas antes, e o jogou no ar. Outro, o mais alto, o atingiu com o bastão, como se fosse uma bola. O cachorrinho bateu na parede e caiu no chão, morto, bem próximo de outro.

Os adolescentes aplaudiram. Um disse:

"Quero que esmaguemos seus cérebros contra a parede." Eu quero ver como é.

Ele agarrou o terceiro filhote e repetidamente bateu sua cabeça contra a parede.

"É como quebrar um melão, merda." Vamos tentar o último.

O último tentou se defender, latindo. Aquele é Jagger, ele pensou enquanto a raiva o consumia porque ele sabia que não poderia resgatá-lo, porque ele não poderia resgatá-lo sozinho.

seria capaz de contra eles. O cachorrinho mordeu a mão do adolescente que ia jogá-lo no ar. Ele teve prazer na pequena vingança de Jagger.

Todos riram, primeiro, e depois ficaram parados, em silêncio.

"Você vai morrer, idiota." Eu disse que você tinha que agarrá-lo pelo pescoço. O adolescente ficou em silêncio sem saber como reagir.

— Agora você tem o vírus.

"Você está contaminado.

-Você vai morrer.

Todos deram alguns passos para longe, com medo.

— O vírus é uma invenção, pedaço de forro.

Mas o governo...

— O governo, o quê? Você vai acreditar em alguma coisa nessa quadrilha de corruptos sugadores de sangue filhos de uma grande prostituta que são os governantes?

Ao dizer isso, ele sacudiu Jagger no ar.

— Não, mas teve gente que morreu.

-Não seja um idiota. Você não percebe que eles nos controlam? Se comemos uns aos outros, eles controlam a superpopulação, a pobreza, o crime, você quer que eu continue?

"Sim, sim, como aquele filme proibido onde, no final, eles estão comendo um ao outro sem saber", disse o mais alto.

-Que?

— Isso... o título era algo como "o destino que nos alcança" ou algo estúpido assim. Vimos na deep web, não é fácil de encontrar porque é um dos proibidos.

"Ah, sim, idiota, eu me lembro. É aquele que os biscoitos verdes comem, que na verdade são pessoas amassadas.

O adolescente segurando Jagger o sacode com mais força no ar e grita.

"Eu não vou morrer com esse inseto de merda."

Ele disse isso com despeito e medo, e ele bateu Jagger com força contra a parede.

Jagger caiu no chão, mas ainda estava vivo, chorando, reclamando.

"E se nós incendiarmos?" outro perguntou. E ele não conseguia mais olhar.

7

De vez em quando, um inspetor da Subsecretaria de Controle de Chefes Domésticos aparece em sua casa. Ele conhece todos eles, os que importam, porque quando fecharam a Faculdade de Ciências Veterinárias, quando o mundo estava um caos, quando seu pai começou a querer viver dentro dos livros e ligou para ele às três da manhã para lhe dizer que queria falar com o barão desenfreado para ajudá-lo a entrar nas páginas, quando mais tarde seu pai lhe disse que os livros eram espiões de uma dimensão paralela, quando os animais se tornaram uma ameaça, quando com velocidade assustadora o mundo ele recompôs e o canibalismo foi legitimado, ele trabalhava lá, na Subsecretaria. Eles o chamaram por recomendação dos funcionários da geladeira do pai. Ele foi uma das pessoas que escreveu os regulamentos e regras,

Os da subsecretaria apareceram pela primeira vez poucos dias depois da chegada da mulher em sua casa. A mulher que, naquela época, não tinha nome, que era um número de registro, que era um problema, uma chefe doméstica como tantas outras.

O inspetor era jovem e não sabia que havia trabalhado na Subsecretaria. Ele o levou para o galpão onde a fêmea estava deitada em um cobertor, amarrada, nua. O inspetor não pareceu surpreso e

apenas perguntou se ele havia lhe dado as vacinas correspondentes.

“Foi um presente e ainda estou me adaptando a tê-lo. Mas, sim, ele tem as vacinas, agora eu vou te mostrar os papéis.

"Você pode vendê-lo." É um PGP, vale uma fortuna. Tenho uma lista de compradores interessados.

“Ainda não sei o que vou fazer.

Não vejo irregularidades. Aconselho apenas a mantê-lo um pouco mais limpo para evitar doenças. Lembre-se que se você decidir abatê-lo, você deve entrar em contato com um especialista, que certificará que o trabalho foi realizado e nos notificará do abate da cabeça para nossos registros. O mesmo se pretender vendê-lo ou se lhe escapar ou qualquer eventualidade que tenhamos de registrar para que não haja reclamações futuras.

— Sim, estou claro. Se eu quiser pescá-lo, estou certificado para fazê-lo.

Eu trabalho em uma geladeira. Como está Fat Pineda?

"Senhor Alfonso Pineda?"

"Sim, Gordo.

— Ninguém o chama de gordo, ele é nosso chefe.

"Chefe Gordo?" Não posso acreditar. Trabalhei com ele quando éramos crianças. Envie-lhe meus cumprimentos.

Depois dessa primeira visita, o próprio Gordo Pineda se encarregou de ligar para ele para avisá-lo de que, quando a próxima inspeção chegasse, eles só iriam pedir sua assinatura, para não incomodá-lo.

"Olá, malha. Olha se você vai fazer alguma coisa com uma mulher.

"Querida gorda, tanto tempo.

"Ei, eu não sou mais gorda!" A bruxa me obriga a tomar sucos e aquela porcaria que as pessoas saudáveis comem. Agora eu sou um miserável magro. Vamos ver quando comemos um assado, Tejito.

Gordo Pineda foi seu parceiro nas primeiras inspeções que foram feitas aos donos dos primeiros chefes domésticos. As pessoas sabiam o que era proibido e o que não era, mas não se esperava uma fiscalização e presenciaram todo tipo de situação.

Os regulamentos foram ajustados à medida que o trabalho foi feito. Ele se lembra de um caso em que uma mulher os tratou. Perguntaram sobre a fêmea, precisavam ver os papéis, verificar se ela estava vacinada e as condições de moradia. A mulher ficou nervosa e disse que o marido, dono da fêmea, não estava lá, que eles tinham que vir depois. Ele olhou para Gordo e ambos pensaram a mesma coisa. Eles correram para a mulher que estava tentando fechar a porta e entraram na casa. A mulher gritou que não podiam entrar, que era ilegal, que ia chamar a polícia. O gordo disse a ele

que estavam autorizados, a chamar a polícia se quisesse. Eles verificaram os quartos e a mulher não estava lá. Então lhe ocorreu abrir os armários, verificar debaixo das camas. Até olharem debaixo da cama de casal. Havia uma caixa de madeira com rodas, grande o suficiente para uma pessoa deitada entrar. Eles a abriram e lá estava a fêmea, no que parecia um caixão, incapaz de se mexer. Não sabiam o que fazer porque dentro do regulamento não estava contemplado um caso do estilo. A fêmea era saudável e o caixão de madeira não era um lugar convencional para mantê-la, mas eles também não podiam multar o dono por isso. Quando a mulher entrou na sala e viu que a fêmea havia sido descoberta, ela desmoronou. Começou a chorar, a dizer que o marido transou com a fêmea e não com ela, que estava farta, que a tinham substituído por um animal, que não aguentava a ideia de dormir com aquele bicho nojento debaixo da cama, que se sentia humilhada e que, se tivesse que acabar no Matadouro Municipal como cúmplice, não se importava, que só queria voltar à sua vida normal, à vida antes da Transição. Com essa declaração, eles chamaram a equipe encarregada de checar as cabeças para verificar se elas realmente haviam "gostado", que era a palavra oficial usada nesses casos. A regulamentação especifica que o único meio de reprodução é artificial, que o sêmen deve ser adquirido em bancos especiais, que a implantação da amostra deve ser realizada por profissionais habilitados e que todo o processo deve ser registrado e certificado de forma que, se a fêmea engravidar, esse feto já recebe um número de identificação. Portanto, as fêmeas devem ser virgens. Fazer sexo com cabeça, gozar, é ilegal e a pena é morte no Matadouro Municipal. A equipe especial foi até a casa e confirmou que a fêmea

havia sido apreciada "de todas as formas possíveis". O proprietário, um homem na casa dos sessenta anos, foi condenado e encaminhado diretamente ao Matadouro Municipal. A mulher foi multada e a fêmea foi apreendida, que foi vendida em leilão por um preço menor por, como a terminologia chama, "prazer proibido".

Depois de dormir apenas algumas horas da longa jornada desde o campo de caça, ele acorda sobressaltado. Ouvir uma buzina de carro. Jasmine, que está ao lado dele, olha para ele com os olhos arregalados. Ela está acostumada a ficar

ainda, olhando para ele, porque ela dorme o dia todo e à noite ele precisa que ela fique quieta, por isso a acostumou a amarrá-la na cama. Você não quer que ele perambule pela casa sem o seu controle. Você não quer que nada aconteça com seu filho ou se machuque.

Ele pula e puxa a cortina. Ele vê um homem de terno, parado com a porta do carro aberta e de vez em quando se curvando e buzinando.

Ele é um inspetor, ele pensa.

Ele abre a porta da frente, de pijama, com o rosto desfigurado pelo sono.

"Sr. Marcos Tejo?"

-Sim sou eu.

— Venho da Subsecretaria de Controle de Chefes Domésticos. A última inspeção foi há quase cinco meses, certo?

-Sim. Deixe-me assinar você e deixe-me continuar dormindo.

O inspetor olha para ele primeiro surpreso, depois com autoridade e, elevando o tom de voz, diz:

"Como você me contou?" Onde está a fêmea, Señor Tejo?

— Olha, o Gordo Pineda me ligou para dizer que eles só precisavam de uma assinatura. O inspetor anterior não tinha drama.

"Você quer dizer Sr. Pineda?" Ele não trabalha mais no setor.

Ele sente um calafrio percorrer sua espinha. Tente pensar no que fazer. Se o inspetor descobrir que Jazmín está grávida, vão mandá-lo para o Matadouro Municipal, mas, pior que isso, vão retirar a criança.

Tente ganhar tempo para pensar no que fazer. Ele conta:

— Entre e tenha alguns companheiros, estou dormindo. Dê-me alguns minutos para terminar de

acordar.

"Obrigado, mas eu tenho que continuar." Onde está a fêmea?

"Entre." Diga-me o que aconteceu com Pineda.

O inspetor hesita. Ele sua, tenta esconder seus nervos.

"Bem, eu não posso ficar muito tempo.

Eles se sentam na cozinha. Acenda o fogo e coloque a chaleira. Ele prepara o mate enquanto fala sobre qualquer coisa, sobre o tempo, sobre o quão ruim está o

caminhos por essa área, se você gosta do trabalho. Quando ele lhe dá o mate, ele lhe diz:

"Você pode esperar alguns minutos para eu lavar meu rosto?" Voltei ontem de uma longa viagem e mal dormi. Você me acordou com as buzinas.

— Mas antes das buzinas eu fiquei aplaudindo por muito tempo.

-Sim? Com licença. Mas tenho o sono pesado, não te ouvi nada.

O inspetor está desconfortável. Você pode dizer que ele quer sair, mas a menção do nome de Pineda foi o que o fez entrar e ficar.

Ele vai para o quarto e vê que Jasmine está na cama, ainda. Ele fecha a porta e vai ao banheiro lavar o rosto. O que fazer? Que dizer?

Ele volta para a cozinha e oferece a ela alguns biscoitos. O inspetor os aceita com desconfiança.

"Eles cortaram Fat Pineda?"

O inspetor demora a responder. Isso estressa.

"Como você o conhece?"

— Trabalhei com ele quando éramos crianças. Somos amigos. Nós éramos inspetores juntos. Fizemos seu trabalho quando quase nenhum regulamento era final, nós os adaptamos.

O inspetor parece relaxar um pouco e olha para ele com outros olhos. Com alguma admiração. Ele pega outro cupcake e mostra o que parece ser um sorriso.

— Acabei de começar, estou aqui há menos de dois meses. E o Sr. Pineda foi promovido. Não o tive como chefe, mas dizem que foi um ótimo chefe.

Ele fica aliviado, mas esconde.

— Sim, El Gordo é um cara legal. Espera-me um segundo.

Ele vai até o quarto e procura o celular. Disque o número de Fat. Ele vai para a cozinha.

"Gordo, como você está?" Olhe, estou aqui com um de seus inspetores. Ele quer que eu mostre a fêmea, não estou dormindo, estou com ela no galpão, tenho que abrir, está uma bagunça, já não estava assinando outra coisa?

Ele entrega o celular ao inspetor.

-Sim senhor. É claro. Não fomos informados. Sim, a partir de agora. Não se preocupe.

O inspetor coloca o imediato de lado, olha na pasta e lhe entrega um formulário e uma caneta. Ele sorri para ela artificialmente, tenso. É um sorriso que esconde muitas perguntas e uma ameaça: o que ele está fazendo com a fêmea? Ele está gostando dela? Ele a está usando para algo ilegal? Você verá quando Gordo Pineda não existir mais. Você vai ver, você que tem uma coroa, eu vou fazer você pagar.

Ele vê isso claramente. Ele vê as perguntas e a ameaça velada, mas não se importa. Ele sabe que pode ter um certificado de abate caseiro, que tem tudo o que precisa na geladeira, que não pode mais depender de Gordo Pineda, não depois dessa visita. Ele quer que ela vá embora, quer voltar a dormir, embora saiba que não será mais possível. Ele retorna o formulário e pergunta:

"Posso te dar outro?"

O inspetor se levanta lentamente. Ele salva o formulário e informa:

-Não, obrigado. Eu sigo.

Ele o leva até a porta e aperta sua mão. O inspetor não aperta sua mão, ele a faz mole, sem vida, para que se esforce para cumprimentá-lo, para segurar aquela mão que parece uma massa amorfa, um peixe morto. Antes de lhe dar as costas, o inspetor o olha nos olhos e diz:

— Como seria fácil o trabalho se todos pudessem assinar e nada mais, certo?

Ele não a responde. Parece impertinente para ele, mas ele entende. Ele entende a impotência daquele jovem inspetor que precisa de alguma irregularidade para fazer valer o seu dia, daquele inspetor que sabe que há algo suspeito em toda a cena e que ele tem que

desistir de fazer seu trabalho, daquele inspetor que mostra que não é corrupto, que nunca aceitaria propina, que é um cara honesto porque ainda não entende algumas coisas, daquele inspetor que tanto lembra ele mesmo quando jovem (antes da geladeira, do dúvidas, seu bebê, o diário da morte, seriado) e achava que o cumprimento dos regulamentos era o mais importante e que em algum lugar inalcançável em sua mente ele estava feliz com a Transição, com aquele novo trabalho, em fazer parte daquela história mudança,

depois que ele desapareceu do mundo, porque os
regulamentos, ele pensou,

Eles são meu legado, minha marca.

Ele nunca imaginou que ele mesmo iria ignorar sua
própria lei.

8

Quando ele se certifica de que o inspetor já saiu, que o carro passou pelo portão, ele volta para seu quarto, desamarra Jasmine e a abraça. Ele a abraça forte e toca sua barriga.

Ele chora um pouco e Jasmine olha para ele sem entender, mas toca seu rosto devagar, como se o estivesse acariciando.

9

Ele tem o dia de folga.

Faça alguns sanduíches, pegue uma cerveja e um pouco de água para Jasmine. Ele procura o rádio antigo, aquele que ele usou quando Koko e Pugliese ainda estavam vivos, e sai com Jasmine debaixo da árvore onde estão enterrados. Os dois ficam na sombra, ouvindo jazz instrumental.

Músicas de Miles Davis, Coltrane, Charlie Parker, Dizzy Gillespie estão tocando. Não há palavras, apenas música e o céu é tão imensamente azul que brilha e as folhas da árvore que mal se movem, e Jasmine que está encostada no peito em silêncio.

Quando eles tocam uma música de Thelonious Monk, ele para e lentamente levanta Jasmine. Ele a abraça com cuidado e ela começa a se mover, a balançar. Jasmine não entende no início e parece desconfortável, mas depois ela solta e sorri. Ele a beija na testa, na marca do fogo. Dançam devagar, embora o tema seja rápido.

Eles ficam o resto da tarde debaixo da árvore e ele acha que pode sentir Koko e Pugliese dançando com eles.

10

Ele acorda com o chamado de Nélida.

"Olá Mark, como você está querido?" Seu pai está um pouco desequilibrado, nada sério, mas precisamos que você venha, se possível, hoje.

— Acho que não hoje, melhor amanhã.

-Não está me entendendo. Precisamos que você venha hoje.

Ele não a responde. Ela sabe o que significa o chamado de Nélida, mas não quer dizer, não consegue colocar em palavras.

"Eu vou sair agora, Nélida."

Deixe Jasmine no quarto. Você sabe que vai levar tempo. Ela prepara comida e água para ele ao longo do dia. Ele liga para Mari e avisa que não vai até a geladeira.

Dirija a toda velocidade. Não porque acha que vai mudar as coisas ou porque acha que poderá ver seu pai vivo, mas porque a velocidade o ajuda a não pensar. Acenda um cigarro e dirija. Comece a tossir com força. Ele joga o cigarro pela janela, mas continua a tossir. Você sente algo em seu peito, como se fosse uma pedra. Ele bate e tosse.

Encoste na berma da estrada e descanse a cabeça no volante. Ele fica em silêncio tentando respirar. Fica logo na entrada do zoológico. Olhe para a placa

rasgada e desbotada com os animais desenhados que cercam a palavra

«ZOO», que quase não são mais vistos. Ele sai do carro e caminha até a entrada. A placa está no arco de lintel construído com pedras irregulares. Ele sobe nas rochas porque não é muito alto e fica atrás da placa. Ele começa a chutá-lo, a acertá-lo, a movê-lo até conseguir jogá-lo. O som da placa batendo na grama é seco, como um golpe.

Agora esse lugar não tem nome.

Ele chega ao asilo e Nélida o espera na porta, abraçando-o. Olá, querida, você já pode imaginar, certo? Eu não queria te contar ao telefone, mas precisávamos que você estivesse aqui hoje para a papelada. Eu sinto muito, querida, então, então.

Ele apenas diz a ela: "Eu quero ver agora."

"Sim, querida, venha e eu a levarei para o quarto."

Nélida o leva para o quarto do pai. Há muita luz natural e é completamente arrumado. Na mesa de cabeceira há uma foto de sua mãe segurando-o quando ele era bebê. Há garrafas com pílulas e uma lâmpada.

Ele se senta em uma cadeira ao lado da cama onde o pai está deitado, com as mãos cruzadas sobre o peito. É penteado e perfumado. Está morto.

-Quando fui?

"Muito cedo hoje. Ele morreu dormindo. Nélida fecha a porta e o deixa sozinho.

Ele toca as mãos dela, mas elas estão frias e ele não pode deixar de tirar as suas. Ele não sente nada. Ela quer chorar, abraçá-lo, mas olha para aquele corpo como se fosse de um estranho. Ele pensa que agora seu pai está livre da loucura, do mundo atroz, e sente algo que parece alívio, mas na realidade é a pedra em seu peito que está ficando maior.

Ela olha pela janela que dá para o jardim. Ele vê um beija-flor bem ao nível de seus olhos. Parece que ele olha para ele, por alguns segundos. Ele quer tocá-lo, mas o beija-flor se move rapidamente e desaparece. Ele acha que não há como algo tão bonito e pequeno possa machucar. Ele pensa que, talvez, aquele beija-flor seja o espírito do pai que está se despedindo dele.

Ele sente a pedra se mexer em seu peito e começa a chorar.

onze

Ele sai do quarto. Nélida pede que ele vá com ela assinar os papéis. Eles entram em seu escritório. Ela lhe oferece um café que ele recusa. Nélida está nervosa, mexe nos papéis, bebe água. Ele acha que isso deve ser uma rotina para ela e que ela não deve atrasar o processo como está fazendo.

"O que há de errado, Nélida?"

Ela olha para ele perplexa. Ele nunca tinha sido tão direto, ou tão agressivo.

"Não, nada, querida, é só que eu tive que ligar para sua irmã." Ela olha para ele com alguma culpa, mas com determinação.

— É que essas são as regras do asilo e não há exceções, querida. Você sabe que eu te adoro, mas estou colocando meu trabalho em risco. Veja se mais tarde sua irmã vem e nos faz um escândalo. Já aconteceu conosco.

-Está bem.

Em outro momento ele a teria consolado com algo como "não se preocupe" ou "está tudo bem", mas não hoje.

"Você teria que assinar o consentimento para cremá-lo." Sua irmã já me enviou assinado virtualmente, mas ela esclareceu que não pode

comparecer à cremação. Podemos providenciar o contacto com a Casa de Sepelios se assim o desejar.

-Sim me parece bem.

— Claro que você teria que assistir à cremação, para corroborar. Lá eles vão te dar a urna.

-Está bem.

"Você vai querer fazer um funeral simulado?"

-Não.

— Claro, quase ninguém faz mais. Mas a reunião de despedida, sim?

-Não.

Nélida olha para ele surpresa. Ele bebe mais água e cruza os braços.

“Sua irmã quer ter uma reunião e, legalmente, ela tem o direito.

Eu entendo que você queira recusar, mas ela está determinada a demiti-lo.

Ele respira fundo. Você se sente esmagadoramente cansado. A pedra agora ocupa todo o seu peito. Ele não vai discutir com ninguém. Nem com a Nélida, nem com a irmã, nem com todas as pessoas que vão para aquele velório simulado, que chamam de "despedida", para causar uma boa impressão na irmã, aquelas pessoas que nunca conheceram o pai, que nunca ele se encarregou de perguntar como ele estava. Então ele ri e responde:

-Ok. Que o faça. Cuide de alguma coisa, pelo menos. De uma coisa.

Nélida olha para ele com surpresa e alguma pena.

— Entendo sua raiva e você também tem razão, mas ela é sua irmã. A família é uma.

Ele tenta pensar no momento em que Nélida deixou de ser funcionária de uma casa de repouso para ocupar o papel de uma pessoa que acredita ter o direito de dar conselhos e opinar e cair uma e outra vez em frases prontas, em clichês irritantes.

— Dê-me os papéis, Nélida. Por favor.

Nélida se retira. Ela o olha confusa. Ele sempre foi gentil com ela, até mesmo carinhoso. Ele lhe entrega os papéis em silêncio. Ele assina e diz:

"Eu quero ele cremado hoje, agora."

-Sim querido. Após a Transição tudo se acelerou. Você espera por mim na sala que eu cuido. Eles vão

buscá-lo em um carro comum,
você sabe? Os funerais não são mais usados.

Sim, todo mundo sabe disso.

— Não, bem, vou esclarecer para você porque há muita gente confusa, que acredita que as coisas, nesse sentido, não mudaram.

"Como eles podem não mudar depois dos ataques?"
Eles apareceram em todos os jornais. Ninguém quer comer seu familiar morto indo para o cemitério, Nélida.

"Com licença, estou nervoso. Eu não penso claramente. Eu amava muito seu pai e tudo isso é tão difícil para mim.

Há um longo silêncio. Ele também não vai lhe conceder esse pedido de desculpas. Ele a olha com impaciência. Ela fica chateada.

"Eu sei que não depende de mim, Marcos, mas você está bem?" Eu sei que esta notícia é muito triste, mas eu tenho notado você estranha por um tempo, com olheiras sob os olhos, com um rosto cansado.

Ele a olha sem responder, e ela continua:

— E bem, depois você vai com o carro e sempre estará ao lado de seu pai, mesmo na hora da cremação.

"Eu sei, Nélida. Eu já passei por isso.

Ela fica branca. Claro, eu não tinha pensado nisso e agora me dei conta. Ela se levanta rapidamente e diz "com licença, eu sou uma velha idiota, com licença". E ela continua a se desculpar com ele até chegarem à sala onde ele se senta e ela lhe oferece algo para beber e depois se afasta em silêncio.

12

Ele volta para casa com as cinzas de seu pai no carro. Eles estão no banco do passageiro porque eu não sabia onde colocar a urna. O procedimento foi rápido. Ele viu o corpo do pai entrando no forno, lentamente, no caixão transparente. Ele não sentiu nada, ou talvez alívio.

A irmã já ligou para ele quatro vezes no celular. Ele não respondeu a ela. Ele sabe que é capaz de ir para casa buscar as cinzas, sabe que é capaz de tudo para cumprir a convenção social de despedir o pai. Você vai ter que cuidar dela eventualmente.

Passa pelo que era o zoológico, aquele que agora não tem nome. É tarde, mas pare. Ainda há alguma luz natural.

Saia do carro e pegue a urna com as duas mãos. Olhe para o sinal no chão e entre.

Caminhe direto para o aviário. Ele nem pensa na cova dos leões. Ele ouve gritos, mas eles estão longe. Devem ser adolescentes, pensa, devem ser eles que mataram os cachorrinhos.

Ele chega ao aviário e sobe a escada que o leva até a ponte suspensa. Ele vai para a cama olhando para o teto de vidro, o céu laranja e rosa, a noite que se aproxima.

Lembra quando o pai o levou ao aviário. Sentaram-se muito próximos nos bancos do andar de baixo e o

pai conversou com ele durante horas sobre as diferentes espécies de pássaros, seus hábitos, as cores das fêmeas e dos machos, os que cantavam à noite ou durante o dia, os que migravam . A voz do pai era como algodão de cores vivas, suave, enorme, bonita. Eu nunca tinha ouvido assim, não desde a morte da mãe. E quando subiram para a ponte suspensa, o pai apontou para o vitral do homem com asas acompanhado de pássaros e sorriu. Ele disse: "Todo mundo diz que ele caiu

porque voou muito perto do sol, mas voou, entendeu, filho? Ele era capaz de voar. Não importa cair, se você fosse um pássaro pelo menos por alguns segundos.

Ele fica um tempo assobiando uma música que seu pai costumava cantar: Gershwin's Summertime. O pai sempre interpretou a versão de Ella Fitzgerald e Louis Armstrong. Ele disse: "É o melhor, é o que me leva às lágrimas." Um dia ele viu seus pais dançando ao ritmo do trompete de Armstrong. Eles estavam na escuridão e ele ficou parado por um longo tempo olhando para eles em silêncio. O pai acariciou a mãe no rosto e ele, sendo muito jovem, sentiu que isso era amor. Ela não podia colocar em palavras, não naquele momento, mas ela sabia em seu corpo como quando algo verdadeiro é reconhecido.

Quem tentou ensiná-lo a assobiar foi sua mãe, mas ele não conseguiu. Um dia o pai o levou para passear e o ensinou. Ele disse a ele que quando sua mãe tentasse novamente, ele tinha que esconder, ele tinha que parecer que era difícil para ele e então sairia. Quando ele conseguiu assobiar na frente de sua mãe, ela pulou de alegria, batendo palmas. Ele se lembra de como a partir daquele dia os três assobiaram juntos, como um trio bagunçado, mas feliz. A irmã, que era um bebê, olhou para eles com olhos brilhantes e sorriu.

Ele se levanta, abre a tampa da urna e joga as cinzas da ponte. Ele os vê cair lentamente. Ele diz: "Tchau, pa, vou sentir sua falta".

Desça as escadas, saia do aviário e caminhe até o parquinho dos meninos. Ele se abaixa e recolhe areia, o suficiente para encher a urna. É areia com lixo, mas ele não faz nenhum esforço para limpá-lo.

Ele se senta em uma das redes e acende um cigarro. Quando ele termina, ele o coloca dentro da urna e fecha a tampa.

É isso que a irmã vai receber: uma urna com areia suja de um zoológico abandonado sem nome.

13

Ele volta para casa com a urna no porta-malas. A irmã já ligou para ele muitas vezes. Ele o chama de volta. Ele olha para o celular com impaciência. Ele a coloca no viva-voz:

"Olá, Marquitos, por que não vejo você?"

-Estou dirigindo.

-Ah claro. Como você está com o pai?

-Bom.

— Eu estava ligando para dizer que estou organizando a despedida em casa.

Parece-me o mais prático.

Ele não responde. A pedra no peito se move, cresce.

"Eu queria pedir que você me trouxesse a urna hoje ou amanhã." Eu também posso ir até sua casa procurá-la, embora não seja o ideal por causa da distância, você viu?

-Não.

-Como que não?

-Não. Não hoje não amanhã. Quando eu te digo

"Mas Marky..."

-Mas nada. Eu vou levá-la quando eu quiser e você vai dizer adeus quando me convém. Está claro para você?

— Bem, sim, eu entendo que você esteja errado, mas você poderia falar comigo com outro para...

Ele corta a comunicação.

14

Ele chega tarde em casa. Está cansado. Ele estava monitorando Jasmine no celular o dia todo. Você sabe que está dormindo.

Ele não abre a porta do quarto.

Ele vai até a cozinha e pega uma garrafa de uísque. Fica na rede paraguaia deitado, bebendo. Não há estrelas no céu. É uma noite fechada. Também não há vaga-lumes. É como se o mundo inteiro tivesse desligado e ficado em silêncio.

Ele acorda com o sol, que o atinge no rosto. Olhe para a garrafa vazia, jogada para o lado. Ele não entende onde está até que se mexe e a rede balança um pouco.

Ele tropeça para fora da rede e se senta na grama com o sol da manhã em seu corpo. Ele segura a cabeça com as mãos. Isso dói. Ele se deita na grama e olha para o céu. É um azul incandescente. Não há nuvens e ele pensa que se estica os braços pode tocar o azul tão perto que o sente.

Ele sabe que sonhou e se lembra perfeitamente do sonho, mas não quer pensar, só quer se perder naquele azul radiante.

Abaixe os braços, feche os olhos e deixe as imagens e sensações do sonho se desenrolarem em seu cérebro, como um filme.

Está no aviário. Ele sabe que é antes da Transição, que nada está quebrado ainda. Ele está de pé na ponte suspensa que não tem o vidro que a protege. Ele olha para o teto e vê a imagem do homem voando no vitral. O homem olha para ele. Ele não se surpreende que a imagem esteja viva, mas para de olhar para ela porque sente o barulho ensurdecido de milhões de asas batendo. Mas não há pássaros. O aviário está vazio. Ele olha novamente para o homem, para Ícaro, que não está mais na janela. Ele caiu, ele pensa, ele desmoronou, mas

Ele voou. Olhe para baixo e veja beija-flores, corvos, tordos, pintassilgos, águias, melros, rouxinóis, morcegos nas laterais da ponte, no ar. Há também borboletas. Mas são todos estáticos. Parecem vitrificadas, como as palavras de Urlet. Como se estivessem dentro de um âmbar transparente. Ele sente o ar ficar mais leve, mas os pássaros não se movem. Todos olham para ele com as asas abertas. Estão muito próximos, mas ele os vê de longe, ocupando todo o espaço, todo o ar que respira. Ele se aproxima de um beija-flor e o toca. O pássaro cai no chão e cai como vidro. Ele se aproxima de uma borboleta com asas azul-claras, quase fosforescentes. As asas tremem, vibram, mas a borboleta fica quieta. Ele a agarra com as duas mãos, tomando muito cuidado para não machucá-la. A borboleta vira pó. Aproxima-se de um rouxinol, vai tocá-lo, mas não o faz. Ele mantém o dedo bem perto porque o acha muito bonito e não quer destruí-lo. O rouxinol se move, bate um pouco as asas e abre o bico. Ele não canta, ele grita. Ele grita alto e desesperadamente. É um grito cheio de ódio. Ele sai, corre, foge. Ele sai do aviário e o zoológico está escuro, mas ele pode ver figuras de homens. Ele percebe que esses homens se repetem ao infinito. Estão todos de boca aberta e nus. Ele sabe que eles dizem alguma coisa, mas o silêncio é total. Ele caminha até um dos homens e o sacode. Você precisa dele para falar, para se mover. O próprio homem se move com uma lentidão exasperante e, ao fazê-lo, mata o resto. Ele não os atinge com uma maça, não os estrangula, não os esfaqueia. Ele só fala com eles e eles, ele mesmo, caem um a um. Então aquele homem, ele mesmo, vem e o abraça. Ela faz isso com tanta força que ele não consegue respirar e ele luta até se libertar. O próprio homem tenta se aproximar e

sussurrar algo em seu ouvido, mas ele foge porque não quer morrer. Enquanto corre, sente a pedra em seu peito balançar e acertá-lo no coração. Do zoológico ele vai para uma floresta. Nas árvores pendem olhos, mãos, ouvidos humanos e bebês. Ela sobe em uma das árvores para pegar um dos bebês, mas quando o faz, quando o segura nos braços, o bebê desaparece. Ele sobe em outra árvore e o bebê se transforma em fumaça preta. Ele sobe em outra árvore e suas orelhas grudam em seu corpo. Ele tenta removê-los como se fossem sanguessugas, mas sua pele é arrancada. Quando ela chega ao bebê naquela árvore, ela vê que está coberto de ouvidos humanos e que não está mais respirando. Ele se aproxima e o abraça. Ela faz isso com tanta força que ele não consegue respirar e ele luta até se libertar. O próprio homem tenta se aproximar e sussurrar algo em seu ouvido, mas ele foge porque não quer morrer. Enquanto corre, sente a pedra em seu peito balançar e acertá-lo no coração. Do zoológico ele vai para uma floresta. Nas árvores pendem olhos, mãos, ouvidos humanos e bebês. Ela sobe em uma das árvores para pegar um dos bebês, mas quando o faz, quando o segura nos braços, o bebê desaparece. Ele sobe em outra árvore e o bebê se transforma em fumaça preta. Ele sobe em outra árvore e suas orelhas grudam em seu corpo. Ele tenta removê-los como se fossem sanguessugas, mas sua pele é arrancada. Quando ela chega ao bebê naquela árvore, ela vê que está coberto de ouvidos humanos e que não está mais respirando. Ele se aproxima e o abraça. Ela faz isso com tanta força que ele não consegue respirar e ele luta até se libertar. O próprio homem tenta se aproximar e sussurrar algo em seu ouvido, mas ele foge porque não quer morrer. Enquanto corre, sente a pedra em seu peito balançar e acertá-lo no coração. Do zoológico ele vai para uma floresta. Nas árvores

pendem olhos, mãos, ouvidos humanos e bebês. Ela sobe em uma das árvores para pegar um dos bebês, mas quando o faz, quando o segura nos braços, o bebê desaparece. Ele sobe em outra árvore e o bebê se transforma em fumaça preta. Ele sobe em outra árvore e suas orelhas grudam em seu corpo. Ele tenta removê-los como se fossem sanguessugas, mas sua pele é arrancada. Quando ela chega ao bebê naquela árvore, ela vê que está coberto de ouvidos humanos e que não está mais respirando. Ela faz isso com tanta força que ele não consegue respirar e ele luta até se libertar. O próprio homem tenta se aproximar e sussurrar algo em seu ouvido, mas ele foge porque não quer morrer. Enquanto corre, sente a pedra em seu peito balançar e acertá-lo no coração. Do zoológico ele vai para uma floresta. Nas árvores pendem olhos, mãos, ouvidos humanos e bebês. Ela sobe em uma das árvores para pegar um dos bebês, mas quando o faz, quando o segura nos braços, o bebê desaparece. Ele sobe em outra árvore e o bebê se transforma em fumaça preta. Ele sobe em outra árvore e suas orelhas grudam em seu corpo. Ele tenta removê-los como se fossem sanguessugas, mas sua pele é arrancada. Quando ela chega ao bebê naquela árvore, ela vê que está coberto de ouvidos humanos e que não está mais respirando. Ela faz isso com tanta força que ele não consegue respirar e ele luta até se libertar. O próprio homem tenta se aproximar e sussurrar algo em seu ouvido, mas ele foge porque não quer morrer. Enquanto corre, sente a pedra em seu peito balançar e acertá-lo no coração. Do zoológico ele vai para uma floresta. Nas árvores pendem olhos, mãos, ouvidos humanos e bebês. Ela sobe em uma das árvores para pegar um dos bebês, mas quando o faz, quando o segura nos braços, o bebê desaparece. Ele sobe em outra árvore e o bebê se transforma em fumaça preta. Ele sobe em

outra árvore e suas orelhas grudam em seu corpo. Ele tenta removê-los como se fossem sanguessugas, mas sua pele é arrancada. Quando ela chega ao bebê naquela árvore, ela vê que está coberto de ouvidos humanos e que não está mais respirando. ele mesmo, tenta se aproximar e sussurrar algo em seu ouvido, mas ele foge porque não quer morrer. Enquanto corre, sente a pedra em seu peito balançar e acertá-lo no coração. Do zoológico ele vai para uma floresta. Nas árvores pendem olhos, mãos, ouvidos humanos e bebês. Ela sobe em uma das árvores para pegar um dos bebês, mas quando o faz, quando o segura nos braços, o bebê desaparece. Ele sobe em outra árvore e o bebê se transforma em fumaça preta. Ele sobe em outra árvore e suas orelhas grudam em seu corpo. Ele tenta removê-los como se fossem sanguessugas, mas sua pele é arrancada. Quando ela chega ao bebê naquela árvore, ela vê que está coberto de ouvidos humanos e que não está mais respirando. ele mesmo, tenta se aproximar e sussurrar algo em seu ouvido, mas ele foge porque não quer morrer. Enquanto corre, sente a pedra em seu peito balançar e acertá-lo no coração. Do zoológico ele vai para uma floresta. Nas árvores pendem olhos, mãos, ouvidos humanos e bebês. Ela sobe em uma das árvores para pegar um dos bebês, mas quando o faz, quando o segura nos braços, o bebê desaparece. Ele sobe em outra árvore e o bebê se transforma em fumaça preta. Ele sobe em outra árvore e suas orelhas grudam em seu corpo. Ele tenta removê-los como se fossem sanguessugas, mas sua pele é arrancada. Quando ela chega ao bebê naquela árvore, ela vê que está coberto de ouvidos humanos e que não está mais respirando. Enquanto corre, sente a pedra em seu peito balançar e acertá-lo no coração. Do zoológico ele vai para uma floresta. Nas árvores pendem olhos, mãos, ouvidos humanos e

bebês. Ela sobe em uma das árvores para pegar um dos bebês, mas quando o faz, quando o segura nos braços, o bebê desaparece. Ele sobe em outra árvore e o bebê se transforma em fumaça preta. Ele sobe em outra árvore e suas orelhas grudam em seu corpo. Ele tenta removê-los como se fossem sanguessugas, mas sua pele é arrancada. Quando ela chega ao bebê naquela árvore, ela vê que está coberto de ouvidos humanos e que não está mais respirando. Enquanto corre, sente a pedra em seu peito balançar e acertá-lo no coração. Do zoológico ele vai para uma floresta. Nas árvores pendem olhos, mãos, ouvidos humanos e bebês. Ela sobe em uma das árvores para pegar um dos bebês, mas quando o faz, quando o segura nos braços, o bebê desaparece. Ele sobe em outra árvore e o bebê se transforma em fumaça preta. Ele sobe em outra árvore e suas orelhas grudam em seu corpo. Ele tenta removê-los como se fossem sanguessugas, mas sua pele é arrancada. Quando ela chega ao bebê naquela árvore, ela vê que está coberto de ouvidos humanos e que não está mais respirando. Ele sobe em outra árvore e o bebê se transforma em fumaça preta. Ele sobe em outra árvore e suas orelhas grudam em seu corpo. Ele tenta removê-los como se fossem sanguessugas, mas sua pele é arrancada. Quando ela chega ao bebê naquela árvore, ela vê que está coberto de ouvidos humanos e que não está mais respirando.

Então ele ruge, uiva, coaxa, urra, late, mia, cacareja,
relincha, zurra, coaxa, muge, chora.

Ele abre os olhos e vê apenas um azul deslumbrante.

Então grite de verdade.

quinze

Ele tem que ir. Ele deixa comida e água para Jasmine. Assim que ele abre a porta, ela o abraça com força. Já faz um tempo desde que ele a deixou sozinha por tantas horas. Ele a beija rapidamente, a senta com cuidado nos colchões e tranca a porta.

Ele entra no carro. Você tem que ir ao Laboratório Valka. Disque o celular de Krieg.

-Oi Marcos. Mari já me contou. Sinto muito.

-Obrigada.

"Você não precisa ir ao laboratório. Posso avisá-los que você vai mais tarde.

"Eu vou, mas é a última vez."

O silêncio de Krieg é pesado. Ele não está acostumado com o tom com que estão falando com ele.

-De maneira nenhuma. Eu preciso que você vá.

"Eu vou hoje." Então vou treinar outra pessoa para ir.

-Não está me entendendo. O laboratório é um dos clientes que mais pagam, preciso do melhor lá.

"Eu entendo perfeitamente. Eu não vou mais. Por alguns segundos, Krieg não diz nada.

"Bem, talvez não seja o melhor momento para falar sobre isso dadas as circunstâncias."

— Este é o momento e é a última vez que vou ou amanhã entrego minha demissão.

-Quão?! Não, de jeito nenhum, Marcos. Treine uma pessoa. Comece quando quiser. Não há mais conversa sobre o assunto. Aproveite o tempo que precisar para descansar. Falamos em outro momento.

Ele desliga sem dizer adeus. Ele odeia a Dra. Valka e seu laboratório de horrores.

Para entrar no laboratório você tem que entregar seu documento, eles fazem um escaneamento de retina, você tem que assinar vários papéis e eles conferem em uma sala especial para ver se tem câmeras ou algo que comprometa a confidencialidade dos experimentos que eles fazem.

Um segurança o acompanha até o andar onde o médico o espera. Ela não deveria fazer esse trabalho, o de conversar com os funcionários do frigorífico para que eles possam selecionar os melhores espécimes para ela, mas a Dra. Valka é obsessiva, detalhista e, como ela sempre diz, "espécimes são tudo, eu preciso de precisão se quero ter sucesso". Requer que sejam PGP, o mais difícil de obter. Os modificados, ele os descarta sem cerimônia. Ele pede as coisas mais ridículas como medidas exatas dos membros, olhos juntos ou separados, testa afundada, grande capacidade orbital, cicatrização rápida ou lenta, orelhas grandes ou pequenas e a lista muda cada vez que ele a visita com pedidos inusitados. Se um espécime não atender aos requisitos, ela o devolve e pede um desconto geral por desperdiçar seu tempo e dinheiro.

A saudação é sempre fria. Ele aperta a mão dela, mas ela invariavelmente olha para ele como se não entendesse e acena com a cabeça, algo que lembra uma saudação.

"Dra. Valka, como você está?"

—Acabei de receber um dos mais prestigiados prêmios de pesquisa e inovação. Portanto, estou muito bem.

Ele a olha sem responder. Ele está apenas pensando que esta é a última vez que ele vai vê-la, que esta é a

última vez que ele vai ouvi-la, que esta é a última vez que ele vai entrar naquele lugar. Como ele não a parabeniza, e ela espera um parabéns, ela pergunta:

-O que?

-Não disse nada.

Ela o olha intrigada. Em outro momento ele a teria parabenizado.

-É que o trabalho que fazemos no Laboratório Valka é de vital importância porque, ao experimentar esses espécimes, os resultados

São outros. Com avanços substanciais que nunca teríamos conseguido com os animais. Oferecemos um conceito diferente e avançado de manuseio de espécimes e nossos protocolos de trabalho são rigorosamente cumpridos.

Ela continua falando, como sempre, com o mesmo discurso formatado por uma equipe de marketing, com aquelas palavras que lembram a lava de um vulcão que nunca cessa, mas é lava fria e viscosa. São palavras que grudam em seu corpo e ele só sente repulsa.

-O que? O médico pergunta a ele porque, em algum lugar do monólogo, ela estava esperando uma resposta que ele não vai dar porque parou de ouvi-la.

-Não disse nada.

Ela o olha estranhamente. Ele estava sempre atento, sempre a ouvia e falava o suficiente para ela sentir que ele estava interessado. Dr. Valka nunca vai perguntar se ele está bem, se algo está errado porque ele é apenas um reflexo dela, um espelho para ela continuar falando sobre suas conquistas.

Ela se levanta. Ela vai levá-lo pelo caminho de sempre, o caminho que nas primeiras vezes lhe deu ânsia de vômito, dor de barriga, pesadelos. É um passeio inútil porque ele só precisa da lista com a ordem e para explicar os casos mais complexos de obter. Mas ela quer que ele entenda cada experimento com precisão para que ele possa obter os espécimes mais adequados.

Dr. Valka pega a bengala e se levanta. Ele sofreu um acidente com um espécime há alguns anos. De acordo com o que se sabe, um atendente descuidadamente deixou uma gaiola entreaberta. Quando o médico, que fica trabalhando até tarde, foi fazer o check-up, o espécime a atacou e comeu parte de sua perna. Ele acredita que a assistente não foi descuidada, acredita

que se vingou porque Valka é famosa por exigir e maltratar seus funcionários, por seus comentários ofensivos, mas como seu laboratório é o maior e mais prestigiado, as pessoas resistem, até que o fazem. faça mais. Ele sabe que a princípio eles a chamavam secretamente de "Dra. Mengele", mas experimentar com humanos também se tornou natural e ela passou a ganhar prêmios.

Quando ele anda, ele balança e fala. Parece que ele precisa se sustentar com as palavras que saem de sua boca sem descanso. Ela sempre repete os mesmos discursos: como é difícil, ainda neste século, ser mulher e profissional, que as pessoas continuam a prejudicá-la, que só agora ela está conseguindo que a cumprimentem e não a sua assistente, que é uma cara, achando que ele é o diretor do laboratório, que ela escolheu não constituir família e socialmente a fazem pagar porque as pessoas continuam achando que a mulher tem que cumprir algum desenho biológico, que a grande conquista dela na vida foi continuar, nunca desista, que ser homem é muito mais fácil, que isso é a família dele, o laboratório, mas ninguém consegue entender, não mesmo,

Ele concorda com tudo o que ela diz, mas não suporta suas palavras, que são como pequenos girinos rastejando em uma trilha pegajosa, rastejando até se empilharem uns sobre os outros e apodrecerem e sujarem o ar com um cheiro de mofo. Ela não lhe responde porque também sabe que tem poucas funcionárias, que se uma delas engravida ela a despreza e a ignora.

Ela lhe mostra uma gaiola e lhe diz que este espécime é viciado em heroína, que eles a dão há anos para estudar as causas que produzem o vício. “Quando o anularmos, vamos estudar seu cérebro.” Vamos anular, pensa ele, outra palavra que silencia o horror.

O Dr. Valka continua falando, mas ele não a ouve mais. Ele vê espécimes sem olhos, outros enganchados em tubos com os quais respiram nicotina a toda hora, outros com aparelhos na cabeça, presos ao crânio, outros que parecem famintos, outros com cabos saindo de todo o corpo, ele vê assistentes realizando vivisseções, ele vê outros arrancando pedaços de pele

dos braços de espécimes sem anestesia, ele vê espécimes em gaiolas onde ele sabe que o chão está eletrificado. Pense que a geladeira é melhor que aquele lugar, pelo menos a morte é rápida.

Eles passam por uma sala onde ele pode ver um espécime em uma mesa. Seu peito está aberto e seu coração está batendo. Há várias pessoas ao redor, estudando-o. Dr. Valka olha pela janela. Ele conta

que é maravilhoso registrar o funcionamento dos órgãos com o espécime vivo e consciente. Que lhe deram um sedativo leve para não desmaiar de dor e, acrescenta animada, como é lindo aquele coração batendo!

Não é
maravilho
so? Ele
não a
responde.
Ela lhe
pergunta:
-O que?

"Eu não disse nada", mas agora ele responde, olhando-a nos olhos, com certo cansaço e impaciência.

Ela o olha de cima a baixo em silêncio, como se o examinasse. É um olhar destinado a irradiar autoridade, mas ele o ignora. Como se não soubesse o que fazer diante da indiferença dele, ela o leva para um quarto novo, onde nunca esteve antes. Há fêmeas em gaiolas com seus filhotes. Eles ficam na frente de uma gaiola onde a fêmea parece morta e um bebê de cerca de dois ou três anos chora sem parar. Ela explica que eles sedaram a mãe para estudar as reações da criança.

"Qual é o sentido de fazer isso? Não é óbvio qual será a reação?" -A questão.

Ela não responde e continua andando, batendo a bengala no chão, marcando cada passo, com raiva reprimida. Ele não se importa que ela esteja ficando impaciente, mas não sabe como reagir a toda a sua negligência. Também não o incomoda que vá reclamar com Krieg. Se ele reclamar, melhor, pense. Eu me certifico de não voltar permanentemente.

Eles passam por uma nova sala que ele não se lembra de ter visto. Eles não entram. Atravesse as janelas que há animais em gaiolas. Ele consegue distinguir cães, coelhos, alguns gatos. Assim, ele pergunta:

"Eles estão procurando uma cura para o vírus?"

Digo, porque eles têm animais.

Não é perigoso tê-los?

"Tudo o que fazemos aqui é confidencial. É por isso que cada vez que alguém de fora põe os pés neste laboratório, assina um acordo de confidencialidade.

-Sim, claro.

"Só estou interessado em falar sobre os experimentos para os quais preciso de espécimes que você possa me conseguir."

A Dra. Valka nunca o chama pelo nome, porque ela não está interessada em memorizá-lo. Ele suspeita que os animais enjaulados sejam uma fachada. Enquanto houver alguém que os estude, que busque a cura, o vírus é real.

"É estranho que ninguém tenha encontrado a cura, não é?" Com laboratórios tão avançados que realizam experimentos de ponta...

O médico não olha para ele nem responde, mas sente que os pequenos girinos em sua garganta estão prestes a estourar.

"Eu preciso de espécimes fortes. Deixe-me te mostrar.

Ela o leva para uma sala em outro andar onde os espécimes, todos do sexo masculino, estão sentados em assentos semelhantes a carros. Eles estão imobilizados e suas cabeças estão dentro de uma espécie de capacete que parece uma estrutura quadrada feita de barras de metal. Um assistente aperta um botão e a estrutura se move em alta velocidade atingindo a cabeça do espécime em uma placa sensível que registra o número, a velocidade e o impacto desses golpes. Alguns espécimes parecem mortos porque não reagem quando os assistentes tentam acordá-los, outros parecem desorientados e com expressões de dor. Valka disse:

—Simulamos acidentes de carro e coletamos dados para que carros mais seguros possam ser construídos. É por isso que preciso de mais espécimes masculinos que sejam fortes, para resistir a vários testes.

Ele sabe que ela quer que ele diga algo sobre o trabalho maravilhoso que eles fazem, um trabalho que pode salvar vidas, mas ele apenas sente a pedra apertar em seu peito.

Um assistente se aproxima e dá ao médico algo para assinar.

-O que é isso? Como vou assinar isso agora? Como é que você não trouxe para mim antes?

— Eu trouxe para você, mas você me contou depois.

"Você não pode responder isso para mim. Se eu te contar depois, é agora, mais com algo dessa importância. Eu te pago para pensar. vai.

Ele não está olhando para ela, mas ela lhe diz:

"A inutilidade dessas pessoas não tem nome.

Ele não a responde porque acha que trabalhar com aquela mulher deve ser totalmente enervante. Ela gostaria de dizer a ele que "depois" é depois e que

falar mal dos funcionários só a mostra como uma chefe desleal. Ele pensa melhor e lhe diz:

-Futilidade? Não é você quem os contrata? Ela o olha furiosa.

Ele sente que a lava vulcânica fria e viscosa vai entrar em erupção a qualquer momento. Mas ela respira fundo e responde:

— Retire-se, por favor. Estou enviando a lista diretamente para Krieg.

Ela diz a ele o último como uma ameaça, mas ele a ignora. Eu gostaria de responder tantas outras coisas, mas ele a cumprimenta com um sorriso, coloca as mãos nos bolsos da calça e se vira. Ele assobia pelo corredor enquanto ouve as batidas indignadas da bengala recuarem lentamente.

16

Quando ele está entrando no carro, sua ex-mulher o chama.

-Oi Marcos. Eu vejo você pixelado. Olá, você pode me ouvir, você pode me ver?

-Olá Cecília. Sim Olá. Eu ouço você, mas ruim.

—Marc.

E a comunicação é cortada. Ele dirige por um tempo, para e a chama de volta.

-Olá Cecília. Eu estava em uma área que tem sinal ruim.

"Eu ouvi sobre o seu pai. Nelly me ligou. Como você está? Quer conhecer?

-Estou bem. Agradeço-te, mas prefiro ficar sozinho.

-Eu entendo. Você vai dar adeus a ele?

"Marisa vai fazer isso."

"Claro, isso era de se esperar. Você quer que eu vá?

-Não, obrigado. Eu nem sei se vou.

-Sinto sua falta, sabe?

Ele fica em silêncio. É a primeira vez que ela diz a ele que sente falta dele desde que foi para a casa da mãe. Ela continua:

— Eu te vejo diferente, estranho.

-Sou eu mesmo.

"Já faz um tempo desde que eu notei você mais distante."

"Você não quer ir para casa. Você espera que eu espere por você toda a minha vida?"

"Não, bem, mas eu gostaria de conversar."

"Quando eu estiver mais calmo, eu ligo para você."
Você pensa?

Ela olha para ele com aquele olhar que ela sempre tinha quando não conseguia entender uma situação ou algo a dominava. Era um olhar alerta, mas triste, parecido com o daquelas fotos antigas em sépia.

"Ok, o que você disser. Deixe-me saber o que precisar, Marcos.

-Ok. Que esteja bem.

Ele chega em sua casa. Ele abraça Jasmine e assobia Summertime em seu ouvido.

17

A irmã o chamou inúmeras vezes para organizar a despedida do pai. Ela deixou claro que ia cuidar de tudo, "até mesmo dos custos". Ao ouvi-la dizer isso, primeiro sorriu e depois sentiu um enorme desejo de nunca mais vê-la.

Ele acorda cedo porque tem que chegar na cidade a tempo. Ele toma banho com Jasmine para garantir que ela não se bata. Ele prepara o quarto dela, limpa, deixa comida e água para que ela fique tranquila por várias horas. Ele verifica seu pulso e pressão arterial. Desde que descobriu que estava grávida, montou um kit de primeiros socorros completo, comprou livros sobre o assunto, tirou da geladeira um aparelho de ultrassom portátil para checar as fêmeas grávidas que depois mandam para o campo de caça e treinou para poder cuidar dela e monitorar sua condição. Ela sabe que não é o ideal, mas é sua única possibilidade porque, se chamasse um especialista, teria que registrar a gravidez e mostrar os papéis de inseminação artificial.

Ele veste um terno e sai.

Enquanto ele dirige, sua irmã o chama de volta.

—Marquitos. Você vem? Por que não posso te ver?

-Estou dirigindo.

"Ah, bem, quando você vem?"

-Não sei.

“As pessoas já estão começando a chegar. Eu gostaria de ter a urna, vestidos? Porque sem as urnas isso não faz sentido.

Ele a interrompe sem responder. Ela liga para ele novamente, mas ele desliga o telefone. Comece a desacelerar. Vai demorar o tempo que você precisar.

Ele chega na casa de sua irmã. Ele vê um grupo de pessoas entrando com guarda-chuvas. Ele sai do carro e pega a urna de prata do porta-malas. Ele coloca debaixo do braço. Ele toca a campainha e sua irmã atende.

-Finalmente. Aconteceu alguma coisa com seu celular? Não consegui te ligar de volta.

-Eu desliguei. Pegue a urna.

— Vamos, vamos, você está sem guarda-chuva de novo. Você quer morrer? Como ele diz a ela, a irmã olha para o céu. Então pegue a urna.

“Pobre pai. Uma vida com tantos sacrifícios. Afinal, não somos nada.

Ele olha para sua irmã e percebe algo estranho. Ele a olha melhor e percebe que ela está maquiada, que foi ao cabeleireiro e que está com um vestido preto justo no corpo. Nada muito estridente para que a falta de respeito não seja total, mas produza-se o suficiente para se exhibir no que, sem dúvida, é o seu evento.

-Acontece. Sirva o que quiser.

Ele vai para a sala onde os convidados estão reunidos ao redor da mesa de jantar. Eles a empurraram contra uma parede e colocaram diferentes pratos de comida para as pessoas se servirem. Ele vê que a irmã carrega a urna para uma mesa menor onde há uma caixa transparente que parece vidro lapidado. Ele coloca a urna dentro daquela caixa com cuidado e com certa pompa para que as pessoas vejam o respeito que ele tem pelo pai. Ao lado está um porta-retratos eletrônico com fotos alternadas do pai, um vaso de flores e, dentro de uma cesta, lembranças com a foto do pai e a data de nascimento e morte. As fotos do pai foram retocadas. Ele não lembra que o pai tirou uma foto com a irmã e sua família, nem tem registro do pai abraçando os

netos porque os netos nunca o visitaram no asilo. Em outra das fotos, a irmã e o pai aparecem no zoológico. Ele se lembra daquele dia, a irmã era um bebê. A irmã deletou e adicionou ela mesma. As pessoas vêm até ela e a confortam. Ela pega um lenço e o enxuga sobre os olhos sem lágrimas.

Ele não conhece ninguém. Ele também não está com fome. Ele se senta em uma cadeira e começa a olhar para as pessoas. Ele vê seus sobrinhos em um canto, vestidos de preto, olhando para o celular. Eles o vêem e não o cumprimentam. Ele também não sente vontade de parar para falar com eles. As pessoas parecem entediadas. Eles comem coisas de

mesa, falam em voz baixa. Ele ouve um cara alto de terno que parece um advogado ou contador dizer a outro: “O preço da carne caiu muito durante esse período. O bife especial que dois meses atrás você tem uma coisa agora você ganha muito menos. Li um artigo que relaciona a queda ao fato de a Índia ter aderido oficialmente à venda e exportação de carnes especiais, que antes era proibida, e agora vendem muito barato. O outro, um careca de rosto esquecível, ri e diz: “E sim, são milhões. Espere até que eles comam e os preços se estabilizem. Uma mulher mais velha fica na frente da urna do pai e olha para a foto. Ele pega uma das lembranças e confere. Ele cheira e joga de volta na cesta onde estava. A senhora vê uma barata andando na parede, bem perto do porta-retrato eletrônico com as fotos falsas do pai que vão se alternando. Ele fica com medo, vai embora e vai embora. A barata entra na cesta com as lembranças.

Exceto por ele, não há uma única pessoa naquele lugar que conheça aquele pai
ele amava os pássaros, que amava sua esposa com paixão e que quando ela morria algo nele se apagava completamente.

Sua irmã anda com passos curtos e rápidos de um lado para o outro atendendo as pessoas. Ele o ouve dizer a alguém: “Estamos contando com a técnica da morte por mil cortes. Sim, do livro que saiu recentemente. Claro, aquele que é um best-seller. Eu não sei de nada, é o meu marido que cuida disso». O que a irmã de tortura chinesa pode saber? Ele se levanta e se aproxima para ouvir mais, mas sua irmã sai para a cozinha. Quando ele se aproxima da mesa onde está a comida, ele vê que em uma bandeja de prata há um braço que está sendo cortado em filés. Ao redor do braço, que deve ter sido cozido no forno, há

alfaces e rabanetes cortados como se fossem pequenas flores de lótus. As pessoas tentam e dizem: «Que delícia. Tão fresco. Que boa anfitriã Marisa é. Você pode dizer que ele amava seu pai." Então ele se lembra do closet.

Ele caminha até a cozinha, mas no corredor cruza com sua irmã.

"Onde você vai, Marcos?"

-Para a cozinha.

"Por que você precisa ir para a cozinha?" Trago-te o que me pedes.

Ele não responde e continua andando. Ela agarra o braço dele, mas o solta porque alguém que está chamando seu nome da sala vem falar com ela.

Ele chega à cozinha. Ele sente como um golpe um cheiro rançoso, mas fugaz. Ele caminha em direção à porta da sala refrigerada. Ele olha para fora e por dentro vê uma cabeça sem braço. "Ela entendeu, a muito estúpida", ela pensa. Ter um chefe de família na cidade é sinal de status que dá prestígio. Ele dá uma olhada mais de perto e percebe que é um PGP porque ele consegue decifrar algumas siglas. De um lado, no balcão, vê que há um livro. Sua irmã não tem livros. O título é Guia para realizar a morte por mil cortes em cabeças domésticas. O livro tem manchas vermelhas ou marrons. Você sente vontade de vomitar. Claro, pensa ele, vai desmembrá-la pouco a pouco a cada acontecimento e a morte por mil cortes deve ser algo da moda para que todas essas pessoas tenham um assunto de conversa. Todos da família cortando o ser vivo que está na geladeira, baseado em uma tortura chinesa de mil anos. O chefe doméstico olha para ele com tristeza. Ele tenta abrir a porta, mas está trancada.

-O que faz?

É sua irmã olhando para ele com uma bandeja vazia nas mãos e batendo o pé direito no chão. Ele se vira e a vê. Ele sente a pedra em seu peito explodir.

-Você me dá nojo.

Ela olha para ele entre surpresa e indignada.

"Como você vai me dizer isso, apenas neste dia?" Além disso, o que está acontecendo com você ultimamente? Você tem um rosto perturbado.

— Acontece que você é um hipócrita e seus filhos, dois pedaços de merda.

Ele mesmo fica surpreso com o insulto. Ela abre os olhos e a boca. Por alguns segundos ele não responde.

— Eu entendo que você esteja estressado com o papai, mas você não pode me insultar assim e na minha própria casa.

— Você entende que você não tem seus próprios pensamentos, que a única coisa que você faz é seguir as regras que lhe são impostas? Você entende que tudo isso que você está fazendo é um ato vazio? Você pode realmente sentir alguma coisa, você? Você já amou papai?

"Parece-me que uma despedida é devida, certo?" É o mínimo que podemos fazer por ele.

-Não entendes nada.

Ele sai da cozinha e ela o segue dizendo que ele não pode ir, o que as pessoas vão pensar, que ele não pode levar a urna agora, que pelo menos ele pode dar isso, que está cheia de colegas de A empresa de Esteban, que o patrão está lá, que ele não pode envergonhá-la assim. Ele para, agarra o braço dela e sussurra em seu ouvido: "Se você continuar me fodendo eu vou contar para todo mundo como você nunca ajudou em nada com o papai, está claro para você?" A irmã olha para ele com medo e se afasta alguns passos.

Ele abre a porta da casa e sai. Ela o persegue correndo com a urna.

Ela o alcança pouco antes de ele abrir a porta do carro.

— Pegue a urna, Marquitos.

Ele a olha em silêncio por alguns segundos. Ele entra no carro e fecha a porta. A irmã fica lá sem saber o que fazer até perceber que está do lado de fora sem guarda-chuva. Ele olha para o céu com medo, cobre a cabeça com a mão e corre para a casa.

Ele dá a partida e vai embora, mas antes de ver a irmã entrar sorrateiramente na casa com uma urna cheia de areia suja de um zoológico abandonado e sem nome.

18

Ele volta para sua casa. Acelere e ligue o rádio.

O celular toca, é Mari. A ligação lhe parece estranha porque ela sabe que ele está com a despedida do pai, ela sabe porque Mari ligou para ele para pedir autorização para entregar à irmã a lista de seus contatos para convidá-los para a despedida. Claro, ele não deu a ela e disse a Mari que não queria ver ninguém que conhecesse.

-Oi Mari. O que está acontecendo?

"Eu preciso que você venha para a geladeira agora." Eu sei que não é o momento, desculpe-me, mas temos uma situação incontrollável. Por favor, venha agora.

-Mas o que houve?

— Não posso te explicar, você tem que ver.

"Estou perto, eu estava voltando para casa."

Chego em dez minutos. Acelerar. Ele nunca tinha ouvido Mari tão preocupada.

Ao chegar, vê ao longe o que parece um caminhão parado no meio da estrada. Quando está a poucos metros de distância, vê, no asfalto, manchas de sangue. Quando ele chega um pouco mais perto, ele não pode acreditar no que está vendo.

Um dos caminhões-gaiola está capotado na beira da estrada, destruído. As portas quebraram com o impacto ou foram quebradas. Veja Catadores com facões, paus, facas, cordas matando as cabeças que

estavam sendo transportadas para a geladeira. Ele vê desespero, fome, ele vê loucura furiosa, ressentimento arraigado, ele vê assassinato, ele vê um Scavenger cortando o braço de uma cabeça viva, ele vê outro correndo e tentando laçar uma cabeça fugitiva como um bezerro, ele vê mulheres com bebês de costas a facão, cortando membros, mãos, pés, vê o asfalto cheio de vísceras, vê uma criança de cinco ou seis anos arrastando

um braço. Acelera quando um Scavenger, com a cara de louco Smanchado de sangue, ele grita alguma coisa com ele e levanta o facão.

Ele sente que os fragmentos da pedra que estava em seu peito percorrem seu corpo. Eles queimam, são incandescentes.

Vá para a geladeira. Mari, Krieg e vários funcionários estão assistindo ao show. Mari corre até ele e o abraça.

— Ah, me perdoe, Marcos, me perdoe tanto, mas isso é loucura.

Nada como isso já havia acontecido com os Catadores.

"O caminhão capotou ou foi capotado?"

-Não sabemos. Mas isso não é o pior.

"Qual é o pior, Mari, o que é pior do que isso?"

— Eles atacaram Luisito, o motorista. Ele se machucou e não conseguiu sair a tempo. Ele foi morto! Mark, eles o mataram!

Mari o abraça e não para de chorar. Krieg se aproxima e aperta sua mão.

"Sinto muito pelo seu pai. Desculpe, ligamos para você.

"Eles se saíram bem.

— Esses flagelos mataram Luisito.

"Temos que chamar a polícia.

"Nós já ligamos." Vamos ver como essas merdas negras estão contidas.

"Eles têm carne suficiente para semanas, se quiserem."

— Mande os meninos atirarem sem matá-los, para assustá-los.

-E o que aconteceu?

-Algum. É como se estivessem em transe. Como se tivessem se tornado monstros selvagens.

Vamos conversar no escritório. Mas primeiro vou fazer um chá para a Mari.

Eles vão para a geladeira. Ele abraça Mari, que não para de chorar e dizer que, de todos os motoristas, Luisito era um dos seus favoritos, que era o queridinho de menino, que não tinha nem trinta anos, tão responsável, que era um homem de família , que ela teve um bebê lindo, que a mulher, como a mulher ia fazer agora?, que a vida era injusta, que aquelas pessoas sujas, miseráveis, que deveriam ter sido mortas há muito tempo, que são uma merda negros, sempre rondando como baratas, que não são humanos, são flagelos, são animais

salvajes, que era una barbaridad morir así, que esa mujer no iba a poder cremar a su propio marido, que cómo no se previó esto antes, que es culpa de todos ellos, que no sabe a qué dios rezarle si su dios permite que pasen estas cosas.

Ele a senta e lhe serve um pouco de chá. Ela parece se recompor um pouco e toca a mão dele.

"Você está bem, Marcos?" Já faz um tempo que não notei você com um olhar diferente, mais cansado. Você está dormindo bem?

"Sim Mari, obrigado."

— Seu pai era um amor de pessoa. Tão honesto. Eu te disse que o conheci antes da Transição?

Ela havia dito a ele muitas vezes, mas ele diz que não e parece surpreso como sempre.

Sim, quando eu era jovem. Trabalhei como secretária em um curtume e falei com ele várias vezes quando ele vinha às reuniões com meu ex-chefe.

E ele volta a dizer que o pai dele era muito bonito, "como você, Marcos", que todos os funcionários olhavam para ele, mas ele nem olhava para eles, "porque dava para perceber que seu pai só tinha olhos para o seu mãe, ele me apaixonou", que sempre foi muito gentil e respeitoso, que podia ver de longe que era uma boa pessoa.

Ele cuidadosamente pega as mãos dela e as beija.

"Obrigado, Mari. Você está um pouco melhor, você se importa se eu for falar com Krieg?"

— Vamos querida, temos que resolver esse assunto urgente.

-Qualquer coisa me avise.

Mari se levanta e lhe dá um beijo forte na bochecha e o abraça. Ele entra no escritório de Krieg e se senta.

-Que desastre. As cabeças são uma perda milionária, mas o tremendo é a de Luisito.

-Sim. Você tem que ligar para a mulher.

"Isso vai ser feito pela polícia." Eles irão notificá-lo pessoalmente.

"Sabe o que aconteceu?" Se o caminhão capotou ou capotou?

"Precisamos revisar as imagens de segurança, mas achamos que foi invertida." Não houve tempo de reação.

"Foi Oscar quem deu a dica?"

"Sim, Oscar está de plantão." Ele viu e me ligou. Nem cinco minutos se passaram desde que aquela merda já estava matando todo mundo.

"Então foi organizado.

-Parece.

"Eles vão fazer isso de novo, agora que sabem que podem."

-Sim. Eu temo assim. Que propõe?

Ele não sabe o que responder, ou sim, ele sabe perfeitamente bem, mas não quer. Os pedaços da pedra queimam em seu sangue. Ele se lembra do menino arrastando o braço pelo asfalto. Ele fica em silêncio. Krieg olha para ele ansiosamente.

Ele tenta responder, mas tosse. Ele sente que os pedaços da pedra se acumulam em sua garganta. Eles o queimam. Eu gostaria de fugir com Jasmine. Eu gostaria de desaparecer.

"A única coisa que posso pensar é ir agora e matar todos eles." O flagelo deve desaparecer, diz Krieg.

Ele olha para ele e sente uma tristeza maculada e raivosa. Tosse sem parar. Ele sente que as pedras estão descascadas e são areia em sua garganta. Krieg serve-lhe um copo de água.

-Está bem?

Ele quer dizer a ele que não está bem, que as pedras o queimam por dentro, que ele não consegue tirar aquele bebê faminto da cabeça. Ele pega a água, não quer responder, mas diz:

— Você tem que pegar várias cabeças, envenená-las e dar a elas. Ele permanece em silêncio, hesitante, mas continua:

"Vou dar a ordem em algumas semanas." Você tem que esperar que eles comam a carne que roubaram e não fiquem desconfiados. Seria estranho para nós dar a eles agora, quando acabamos de ser atacados.

Krieg olha para ele nervosamente. Ele pensa por vários segundos e sorri.

'Sim, essa é uma boa ideia.

"Dessa forma, quando eles morrerem de veneno, vai ficar óbvio que foi por causa da carne que eles roubaram." Ninguém pode nos culpar.

—Tem que ser feito por pessoas confiáveis.

"Eu vou cuidar disso quando for a hora."

— Mas agora a polícia vai chegar, é muito provável que eles sejam presos. Não acho que seja necessário.

Ele odeia ser tão eficiente. Mas ele não para de atender, resolver, buscar a melhor solução para a geladeira.

"Quem eles vão prender?" Para mais de uma centena de pessoas que vivem em situação de privação e marginalidade? Como eles podem saber quem matou Luisito, quem eles vão culpar? Se a pessoa que o matou aparecer nas imagens de segurança, então sim, mas levará muito tempo para chegar a esse momento.

-Você está certo. Podem prender dois ou três e vamos continuar a ter problemas com o resto. Mas quantas cabeças precisamos para matá-los todos?

"Nem todos eles, mas o suficiente vai morrer para eles irem embora."

-É claro.

"Essas pessoas são foras-da-lei. Não devem ter documentos. A investigação pode levar anos. Enquanto isso, eles vão jogar mais caminhões em cima de nós porque já sabem como fazer isso.

— Amanhã vou colocar gente armada para a chegada dos caminhões.

-Sim, isso também. Embora eu não ache que eles se arriscam.

— Você não viu seus rostos selvagens.

"Sim, eu os vi. Mas eles estarão cansados e alimentados. Também me parece bom que existam pessoas armadas.

-Bom. Eu confio que isso funcione.

Ele não a responde. Ele aperta a mão dela e diz que vai para casa. Krieg diz a ele que sim, com certeza volte, desculpe-me por ligar para ele naquele momento.

Ao sair da geladeira, ele vê novamente o caminhão destruído, as luzes azuis da polícia se aproximando e o sangue no asfalto.

Ele quer sentir pena dos Catadores e do destino de Luisito, mas não sente nada.

19

Ele chega em sua casa e vai direto para o quarto de Jasmine. Durante todo o dia ele não olhou para o celular para controlá-la. É a primeira vez desde que ele instalou as câmeras que ele esqueceu de verificar.

Ele abre a porta do quarto e vê que Jasmine está deitada, com uma cara de dor. Ela toca sua barriga e sua camisola está manchada. Ele corre e vê que o colchão está encharcado com um líquido marrom-esverdeado. Gritos:
"Não!".

Você sabe por tudo que lê que se o líquido amniótico estiver verde ou marrom, há um problema com o bebê. Ela não sabe o que fazer além de pegar Jasmine e levá-la para a cama para deixá-la mais confortável. Então ele pega o celular e liga para Cecilia.

"Eu preciso que você venha agora."

-Quadros?

"Ele vai pegar o carro da sua senhora e você vai voltar para casa agora."

-Mas o que houve?

"Vamos, Cecília. Eu preciso de você aqui agora."

-Mas não entendo. Você tem uma voz diferente, eu não te reconheço.

—Eu não posso te explicar pelo telefone, eu entendo que preciso que você venha

Já.

"Bem, sim, eu vou sair agora."

Ele sabe que ela vai se atrasar. A casa da mãe não é na cidade,

mas também não é tão perto.

Ele corre para a cozinha, pega panos de prato e os molha. Ele coloca panos frios na testa de Jasmine. Você tenta fazer um ultrassom, mas não consegue encontrar um problema. Ele toca sua barriga e diz: "Tudo vai ficar bem, querida, tudo vai ficar bem, você vai nascer bem, tudo vai ficar bem." Ele lhe dá um pouco de água. Não pode

pare de repetir que tudo vai ficar bem, quando você sabe que seu filho corre o risco de morrer. Ela não consegue se levantar e preparar as coisas necessárias para o parto, como água fervente. Ele permanece parado, abraçando Jasmine com força, que está mais branca a cada minuto.

Olhe para a pintura em sua cama. A pintura de Chagall que sua mãe tanto amava. De alguma forma, ele reza para ela. Ele pede a sua mãe para ajudá-lo, onde quer que ele esteja.

Ele ouve um motor de carro e foge. Abraço Cecília. Ela se afasta e olha para ele estranhamente. Ele a agarra pelo braço e, antes de conduzi-la para dentro de casa, diz-lhe:

"Eu preciso que você mantenha uma mente aberta. Eu preciso que você deixe de lado o que você pode sentir e seja a enfermeira profissional que eu conheço.

— Não entendo do que você está falando, Marcos.

"Eu vou te mostrar." Ajuda-me por favor.

Eles entram no quarto e ela vê uma mulher na cama, grávida. Ela o olha com tristeza, com algum espanto e alguma perplexidade, até que se aproxima e vê que a mulher tem a marca de fogo na testa.

"O que uma mulher está fazendo na minha cama?"
Por que você não chamou um especialista?

-É meu filho.

Ela o olha com nojo. Ele se afasta alguns passos, se agacha e segura a cabeça, como se sua pressão arterial tivesse caído.

-Você está louco? Quer acabar no Matadouro Municipal? Como você pode estar com uma mulher? Está doente.

Ele se aproxima, a pega lentamente e a abraça. Então ele diz a ela:

— O líquido amniótico está verde, Cecília, o bebê vai morrer.

Como se ele tivesse falado palavras mágicas, ela se levanta e diz para ele começar a ferver água, trazer toalhas limpas, álcool, mais almofadas. Ele corre pela casa procurando as coisas que ela pediu, enquanto Cecilia verifica Jazmín e tenta acalmá-la.

O parto dura várias horas. Jasmine empurra instintivamente, mas Cecilia não consegue se fazer entender. Ele tenta ajudar, mas sente o medo de Jasmine e congela, só consegue dizer: "Vai ficar tudo bem, tudo vai ficar bem". Até Cecilia gritar que vê um pé. Ele se desespera. Cecília diz a ele que

saia, que você está deixando os dois nervosos, que o parto pode ser complicado. Espere lá fora.

Ele fica atrás da porta do quarto com o ouvido pressionado na madeira. Não há gritos, ela apenas ouve Cecília dizer "vamos, mamita, empurre, empurre, assim, dê o que você pode, mais força que já está saindo, vamos, mãe, vamos, vamos" , como se Jazmín pudesse entender algo que ela estava dizendo. Então o silêncio é total. Minutos se passam e ele ouve Cecília gritar: "Não, vá, querida, dê a volta, vá, mamãe, empurre, continue, quase, quase. Pelo amor de Deus me ajude. Você não vai morrer em mim, droga, não enquanto eu estiver aqui. Vamos, mãe, vamos, você pode". Por alguns minutos ele não ouve nada, até que ouve um grito, então ele entra.

Ela vê o filho nos braços de Cecília, que está suado com o cabelo bagunçado, mas com um sorriso que ilumina seu rosto.

-É um menino.

Ele estende a mão e o agarra, embala-o, beija-o. O bebê chora. Ela lhe diz que o cordão deve ser cortado, limpo e vestido. Ela lhe diz chorando, emocionada, feliz.

Quando o bebê está pronto e calmo, Cecilia o entrega. Ele olha incrédulo, é lindo, ele diz, é tão lindo. Ele sente que os fragmentos da pedra são reduzidos, perdem espessura.

Jasmine está na cama e estica os braços. Os dois a ignoram, mas ela abre a boca e acena com as mãos. Ele tenta se levantar e, quando o faz, bate o quadril no criado-mudo e derruba o abajur.

Os dois olham para ela em silêncio.

—Traga mais toalhas e mais água para limpá-lo antes de levá-lo ao galpão
diz Cecília.

Ele se levanta e entrega o filho para Cecília, que começa a embalá-lo, canta para ele. Ele diz a ela "agora é nosso" e ela o olha sem poder responder, excitada, confusa.

Cecilia apenas olha para o bebê, chorando silenciosamente. o acaricia Ela lhe diz: «Que bebê lindo, que garotinho fofo. Como vamos te chamar?

Ele vai até a cozinha e volta segurando algo na mão direita.

Jasmine só consegue estender os braços para tocar o filho, desesperada. Ele tenta se levantar novamente, mas o vidro da lâmpada se estilhaça.

do chão a machucou.

Ele está atrás de Jasmine. Ela olha para ele desesperadamente. Primeiro ele a abraça e beija sua marca de fogo. Tente acalmá-la. Então ele se ajoelha e diz a ela "calma, tudo vai ficar bem, calma". Ele passa um dos panos molhados na testa para enxugar o suor. Ela canta Summertime em seu ouvido.

Quando ele se acalma um pouco, ele para e agarra a cabeça dela segurando seu cabelo. Jasmine apenas move as mãos tentando abraçar o filho. Ele quer falar, gritar, mas não há sons. Ele pega a maça que trouxe da cozinha e bate na testa dela bem no centro da marca de fogo. Jasmine cai em transe, desmaiando.

Cecília se assusta com o golpe e olha para ele sem entender. Gritos:

"Por que?! Ele poderia ter nos dado mais filhos." Enquanto arrasta o corpo da fêmea até o galpão para abatê-la, ele responde com uma voz radiante, tão branca que chega a doer: "Ela tinha o olhar humano de um animal domesticado".

Obrigado

A Liliana Díaz Mindurry, Félix Bruzzone, Gabriela Cabezón Cámara, Pilar Bazterrica, Ricardo Uzal García, Camila Bazterrica Uzal, Lucas Bazterrica Uzal, Juan Cruz Bazterrica, Daniela Benítez, Antonia Bazterrica, Gaspar Bazterrica, Fermín Bazterrica, Fernanda Navas, Rita Piacentini, Bemi Fiszbein, Pamela Terlizzi Prina, Alejandra Keller, Laura Lina, Mónica Piazza, Agustina Caride, Valeria Correa Fiz, Mavi Saracho, Nicolás Hochman, Gonzalo Gálvez Romano, Diego Tomasi, Alan Ojeda, Marcos Urdapilleta, Valentino Cappelloni, Juan Otero, Julián Pigna, Alejo Miranda, Bernardita Crespo, Ramiro Altamirano, Vivi Valdes.

Aos meus pais, Mercedes Jones e Jorge Bazterrica. Ao Mariano Borobio, sempre.

Table of Contents

1	
1	
dois	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
onze	
12	
13	
14	
quinze	
16	
17	
18	
19	
vinte	
vinte e um	
22	
23	
DOIS	
1	
dois	
3	
4	
5	
6	
7	

8

9

10

onze

12

13

14

quinze

16

17

18

19

Obrigado